

Ellen White Era Contra a Bateria na Música Sacra?

Uma análise sobre o uso de instrumentos musicais na adoração nos escritos de Ellen White.

André Reis

Existe atualmente uma escola de pensamento no Adventismo que se opõe a instrumentos de percussão na música por causa de uma passagem de Ellen White que menciona esses instrumentos de maneira desfavorável. Mas qual era a posição de Ellen White sobre a percussão, bateria e outros instrumentos na música adventista? Qual o contexto e aplicação da declaração à música e culto adventistas no passado e hoje? Este artigo se propõe a esclarecer estas questões nos escritos de Ellen White.

Ellen White Era Contra a Bateria na Música Sacra?

Comentários dos editores e colaboradores do espaço virtual [Música Sacra e Adoração](#). (01)

A “*passagem* (sic) *de Ellen G. White*” citada pelo articulista refere-se ao texto encontrado no livro *Mensagens Escolhidas*, vol.2, pp. 31 a 39. Trata-se de todo o capítulo 3 deste volume. Sugerimos fortemente que, antes de entrar nos detalhes desta réplica, o leitor leia todo o texto, que pode ser encontrado em [nossas páginas](#) (02).

Inicialmente, devemos esclarecer que a corrente que se opõe ao uso irrestrito de instrumentos de percussão (inclusive a bateria) na igreja Adventista não é atual. Na verdade, esta é a posição histórica dos adventistas do sétimo dia com relação a este assunto.

Além disso, esta corrente não existe por causa deste texto de Ellen White. Suas razões são muito mais profundas, baseando-se em vários textos, tanto bíblicos quanto do espírito de profecia, a partir dos quais podemos inferir os instrumentos de percussão como inadequados ou, no mínimo, problemáticos para o uso na adoração litúrgica. Esta corrente de pensamento apenas interpreta esses textos da mesma forma como estes têm sido interpretados por vários estudiosos e comentaristas bíblicos como apoio à sua argumentação, no decorrer de nossa história, conforme será demonstrado nesta réplica.

Portanto, esta corrente de pensamento está utilizando o referido [texto de Ellen G. White](#) (02) da mesma maneira como ele é utilizado pelos adventistas do sétimo dia desde que foi escrito. Se este posicionamento é correto ou não, ficará a cargo do leitor analisar os argumentos e decidir.

Com relação ao título do artigo que motivou esta réplica, transcrevemos abaixo, até o final deste trecho, parte de uma excelente resposta postada no conceituado blog [Diário da Profecia](#) (03). A resposta completa pode ser lida [aqui](#) (04).

“[...] o artigo pretende responder à seguinte pergunta: ‘Ellen White era contra a bateria na música sacra?’. A simples consideração do título, não deixa dúvida que a intenção do artigo é estabelecer uma de duas possíveis respostas imediatas ao questionamento sugerido: sim ou não.

Com o devido respeito ao articulista, a quem desde já concedemos o benefício da dúvida, o seu raciocínio parte de um sofisma. Explico: Ellen White, ao menos no que transparece de seus escritos, nunca se demonstrou contra a ‘bateria’ e, isso se dá pelo simples motivo de que ainda não existiam baterias nos moldes que hoje conhecemos nos tempos dela.

Temos portanto, em realidade e em última instância, que o artigo através de seu título leva o leitor menos atento a considerar que se o arrazoado demonstrar que Ellen White

	<p><i>não se manifestou contra a bateria, automaticamente [ela seria favorável ao seu uso e] não há que se discutir sobre a presença de tal instrumento no âmbito da adoração.</i></p> <p><i>Ora, o processo indutivo é claramente de cunho falacioso.</i></p> <p><i>Não existe nos escritos do Espírito de Profecia qualquer referência expressa ao termo ‘bateria’, senão na profecia derivada da compreensão do movimento da carne santa, que inclusive será abordado especificamente mais adiante, por entendermos ser este o ‘coração’ do artigo em voga e, que merece maior vagar em sua análise.</i></p> <p><i>Assim, pretender se demonstrar a inexistência de algo que realmente inexistente, para fins de sustentação de outra argumentação, seja ela a que título for, se demonstra como uma indução no mínimo de caráter equivocado, considerados os princípios da lógica.”</i></p> <p>Finalizando este trecho, destacamos que, se usarmos a omissão como autorização, especialmente com relação a elementos que não haviam sido inventados ou ainda não eram conhecidos à época em que o texto foi escrito, ficaremos em grandes dificuldades com relação à Bíblia e ao Espírito de Profecia. Exemplos claros são o uso do televisor e das drogas disponíveis hoje. O que realmente importa são os princípios exalados das orientações e não uma lista completa, acabada, universal e eterna de coisas que podem ou não ser usadas.</p>
<p>Pano de Fundo</p> <p>No ano de 1899 desenvolveu-se um movimento dentro do Adventismo no estado de Indiana, EUA, chamado movimento da Carne Santa.^[i] Entre outras heresias, a liderança da igreja naquele estado começou a propagar a idéia de que a conversão levava a um estado de santidade física. Ao obterem o Espírito Santo através de manifestações físicas, os crentes passariam pelo “jardim”, receberiam “carne santa” e estariam livres do pecado e prontos para a trasladação.</p> <p>O movimento culminou na campal de Indiana no verão de 1900. Dois ministros adventistas, Stephen Haskell e A. J. Breed passaram o relato abaixo:</p> <p>[...] <i>em seus cultos, os fanáticos chegavam ao êxtase pelo uso de instrumentos musicais como o órgão, a flauta, violinos, tamborins, trompetes e até um bumbo. Buscavam uma demonstração física e gritavam, oravam e cantavam até que alguém na congregação caía no chão, prostrado e inconsciente. Um ou dois homens designados, que andavam pelos corredores, levavam a pessoa até a frente. Então um grupo de umas doze pessoas se reunia em volta do inconsciente, alguns cantando, alguns gritando e alguns orando, todos ao mesmo tempo. Quando o inconsciente se levantava, consideravam-no como tendo passado pela experiência do Getsêmane, tinha obtido “carne santa” e tinha a fé para a trasladação.</i>^[ii]</p>	<p>Pano de Fundo</p> <p>Embora a contextualização feita no início desta seção esteja correta, é necessário destacar um ponto, o qual acreditamos ser crucial para o argumento que será desenvolvido posteriormente pelo articulista.</p> <p>É de conhecimento geral que as mensagens presentes nos livros da série <i>Mensagens Escolhidas</i> tratam-se de compilações, como sugerido pelo próprio título. Uma análise simples, até mesmo superficial, do capítulo 3 do volume 2 desta série demonstrará claramente que este capítulo compõe-se, na verdade, de dois textos distintos de Ellen G. White. Porém, uma análise mais cuidadosa com pesquisas ao catálogo virtual do Ellen G. White Estate (05) confirma categoricamente este fato, conforme demonstramos abaixo.</p> <p>O primeiro texto (pág. 31 a 36) tem como foco central o combate à doutrina do movimento da Carne Santa, e inicia-se com o título “<i>Uma Repetição do Antigo Fanatismo</i>”. Este texto foi publicado no <i>General Conference Bulletin</i> de 23 de abril de 1901 – conforme destacado no próprio livro – e pode ser encontrado no referido catálogo em <i>Periodicals – GCB-The General Conference Bulletin – April 23, 1901</i> “Blessed are the pure in heart.” É interessante notar que o texto original contém 27 parágrafos, dos quais foram utilizados nesta compilação apenas os parágrafos 1-5; 8-9; 12-19.</p> <p>O segundo texto, que nesta compilação segue-se imediatamente ao primeiro, inicia-se na página 36 com o título “<i>Culto com uma Balbúrdia de Ruído</i>” e vai até a página 39, sendo a resposta de Ellen G. White à primeira carta de S. N. Haskell. Este texto é um trecho do</p>

No dia 25 de Setembro de 1900, Stephen Haskell escreveu para Ellen White que se encontrava na Califórnia, recém chegada da Austrália:

Há um grande poder que acompanha o movimento ... por causa da música que é tocada... Quando eles chegam a uma nota aguda, não se escuta a congregação cantando, apenas se ouvem os gritos dos que estão quase enlouquecidos.[\[iii\]](#)

Entre outras ameaças à Igreja em 1900, o risco de o carisma da Carne Santa se alastrar era tão real que Ellen White havia decidido voltar da Austrália já em janeiro de 1900, quando recebera a visão do episódio. No dia 17 de abril de 1901, ela leu trechos da Carta 132 de 1900 a Haskell na reunião da Conferência Geral. A mensagem foi então incluída no livro Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 31-39. Com a oposição de Ellen White às heresias do movimento, o presidente da associação de Indiana e outros líderes confessaram o erro publicamente e o movimento se desfez.[\[iv\]](#)

A passagem que menciona a percussão e que está no centro da controvérsia atual diz:

As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança.[\[v\]](#)

Antes de entrarmos no cerne da questão, é bom um lembrete sobre a diferença entre exegese e eisegese. A exegese está preocupada em extrair do texto o que está sendo dito, enquanto a eisegese acrescenta ao texto o que não foi realmente dito. Eisegese é o que “eu acho que deveria ter sido dito”, onde uma opinião pré-formada influencia a leitura e palavras isoladas do contexto tornam-se um fim em si mesmas.

documento catalogado como “Carta 132”, datado de 10 de outubro de 1900 e que pode ser encontrado integralmente no catálogo referido acima em *Manuscript Releases*, v. 21, nr. 1525, pp. 126 – 133. Os parágrafos selecionados para compor esta compilação podem ser encontrados entre as páginas 128 a 132.

Este documento, entre outros assuntos, contém comentários da Sra. White às referências de Haskell às manifestações carismáticas – do ponto de vista físico, exterior e não doutrinário – as quais foram presenciadas por Haskell durante a campal de Indiana. O leitor poderá facilmente verificar isto, lendo o texto ao lado, de autoria de Haskell, gentilmente transcrito pelo articulista. Fica claro que o foco do comentário dele é o aspecto físico das manifestações, e não a teologia do movimento. O êxtase, ou seja, a predominância das emoções sobre a razão, é provocado – segundo Haskell, testemunha ocular do evento – pelos instrumentos, devido à maneira que eram usados.

É muito importante notar que os dois textos que formam este capítulo foram escritos após a campal de Indiana e que, além do tema em comum, os documentos não são relacionados, de qualquer forma, entre si. Na verdade, o segundo documento tem data anterior ao primeiro. Assim, vemos que **cada um dos documentos possui contexto e objetivos diferentes**. Misturar as duas mensagens pode levar a conclusões equivocadas e descontextualizadas, como ficará patente no decorrer destas considerações.

Presumindo-se que o articulista seja um estudioso dos escritos de Ellen White, já que pretende “*esclarecer estas questões nos escritos de Ellen White*”, fica difícil compreender qual motivo exegético idôneo poderia levá-lo a misturar os dois textos, tão claramente indicados e referenciados pelos editores que compilaram os livros da série *Mensagens Escolhidas*. Mais uma vez, fica ao leitor a tarefa de pesar os argumentos e compreender de que lado está a verdade e de que lado está o sofisma.

Aliás, ao ler na totalidade a Carta 132 de Ellen G. White encontramos um trecho não utilizado na compilação do capítulo em questão, mas que se aplica perfeitamente ao contexto desta réplica:

“Diga às pessoas que não levem em conta as palavras de homens com respeito aos Testemunhos, mas que os leiam e estudem por si mesmos, e então saberão que estão em harmonia com a verdade. A Palavra de Deus é a verdade.”
(*Carta 132 de 1900 - Manuscript Releases*, v. 21, nr. 1525, p. 131 – tradução nossa)

Este lembrete do articulista parece sugerir que ele acredita ser a única pessoa com algum conhecimento teológico e que, portanto, qualquer outra pessoa que não concorde com suas idéias, está cometendo erros exegéticos.

O problema com a distinção entre “*eisegese*” e “*exegese*” é que muitas vezes a análise de um texto escrito por terceiros é feita na base do “eu concordo com as conclusões” ou “eu não concordo”. Ao invés de acusar um comentarista de eisegese seria mais construtivo indicar que regra de exegese foi quebrada, onde isto ocorreu e qual seria a interpretação correta, porque o erro pode ser involuntário.

	<p>Porém, uma simples indicação de eisegese, sem maiores detalhes e argumentações, equivale a acusar o debatedor contrário de má intenção. É um julgamento de intenção, não construtivo.</p> <p>Aplicar esta observação do articulista ao trecho acima, onde ficou claramente demonstrado que textos diferentes foram mesclados, é um exercício interessante para diferenciar “eisegese” e “exegese”. Porém, note que destacamos o erro, e apresentamos a relação correta entre os textos; acreditamos ser esta a prática saudável e procuraremos segui-la no decorrer desta réplica.</p>
<p>Neste artigo, vamos nos ocupar com exegese que é o estudo do que Ellen White intencionou nesta passagem levando-se em consideração o contexto histórico e teológico dos seus escritos, termos usados e a mensagem central do que está sendo dito. Sobre a interpretação de suas mensagens, ela recomenda que</p> <p><i>Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada; o tempo e o lugar, porém, têm que ser considerados.</i>[vi]</p> <p>Veja a sua preocupação em que o “tempo e lugar” de suas mensagens tenham a prioridade na sua interpretação e aplicação. Este ponto é crucial para o entendimento correto da mensagem à Carne Santa.</p>	<p>A intenção do articulista é louvável, mas inicia com a mácula de haver desconsiderado o princípio básico daquilo que ele próprio se propõe a fazer, ao mesclar os dois textos por nós indicados, uma vez que o contexto teológico, os termos utilizados e a mensagem central dos dois textos que compõem o capítulo 3 do livro <i>Mensagens Escolhidas</i> são diferentes. Apenas o contexto histórico é o mesmo. Portanto, os dois textos deveriam ser analisados separadamente, por si mesmos, para então podermos alcançar conclusões complementares entre eles.</p> <p>O texto citado pelo articulista é um princípio básico de exegese. Não pode ser violado. As preocupações de “tempo e lugar” são exatamente as nossas preocupações, uma vez que o texto em pauta envolve questões do passado, presente e futuro do ponto de vista da autora e essas questões são fundamentais para compreender a mensagem de advertência que está sendo dada. Voltaremos a este princípio no decorrer desta réplica.</p>
<p>Tambores: Ponto Central?</p> <p>Segundo George Knight, historiador adventista e autoridade em espírito de profecia, um dos princípios fundamentais para se interpretar Ellen White é enfatizar o centro da mensagem que está sendo dada, e não detalhes periféricos da mensagem.[vii] Deve-se então ressaltar que o centro da mensagem das 9 páginas da carta 132 de 1900 é primeiramente expor as heresias doutrinárias do movimento da Carne Santa. O centro não são os tambores ou a música, e sim o fanatismo. A preocupação secundária de Ellen White é combater o culto caótico resultante dessas doutrinas.[viii]</p> <p>Sobre o culto da Carne Santa em setembro de 1900, ela diz:</p> <p>“As coisas que me descrevestes... o Senhor me revelou.” O relato da carta de Haskell foi a confirmação de uma revelação que ela havia recebido em janeiro de 1900,[ix] oito meses antes de o movimento da Carne Santa florescer. A revelação era especificamente sobre o movimento da Carne Santa que ocorreria em 1900. (Esse ponto será mais explorado no fim do artigo.)</p>	<p>Tambores: Ponto Central?</p> <p>O princípio interpretativo destacado pelo grande teólogo George Knight está perfeitamente correto. Porém, para aplicarmos este princípio temos que compreender corretamente o texto que estamos lendo, dentro de seu contexto. Conforme já destacamos acima, o capítulo 3 do livro <i>Mensagens Escolhidas</i> contém dois textos, os quais devem ser analisados de acordo com o princípio aqui exposto, porém, separadamente, visto que cada um deles tem o seu contexto e seu propósito distinto. Obviamente, tal fato não era desconhecido para George Knight, embora ele não estivesse, no pensamento citado, se referindo especificamente a este capítulo do Espírito de Profecia.</p> <p>Devemos destacar que a Carta 132 de 1900 não possui 9 páginas. Tendo sido publicado em <i>Manuscript Releases</i>, v. 21, nr. 1525, da página 126 até a página 133, ela possui, portanto, 8 páginas. O erro da contagem se dá porque o articulista pretende que todo o capítulo 3 do livro <i>Mensagens Escolhidas</i> é o texto da Carta 132, o que já demonstramos não ser verdade. De fato, uma vez que a Carta 132 abrange vários assuntos, foram utilizados para esta compilação vários parágrafos (com algumas exclusões, devidamente indicadas por reticências, entre eles) das páginas 128 a 132, ou seja, apenas 5 páginas.</p> <p>Assim, uma vez que estamos tratando de dois textos separados e independentes (embora sobre o mesmo assunto, a ponto de haverem sido compilados em um capítulo), não existe, em referência ao capítulo como um todo, aquilo a que o articulista se refere como um</p>

	<p><i>“centro” e “detalhes periféricos” ou “preocupação secundária”</i>. Cada um dos textos deve ser analisado segundo a sua própria exposição, argumentação e estrutura e cada um deles tem o seu <i>“centro da mensagem”</i>. Um segundo texto, escrito para destinatários diferentes e com propósitos diversos não pode ser considerado como expondo <i>“detalhes periféricos”</i> ou uma mera <i>“preocupação secundária”</i> do primeiro, com o agravante que a data do segundo texto é anterior à data do primeiro. Vemos, assim, que cada um dos textos possui seu próprio ponto central, sem prejuízo de qualquer <i>“preocupação secundária”</i> existente em um e em outro texto.</p> <p>Ao fazermos esta análise fica claro que o foco do primeiro texto é a teologia errônea do movimento fanático da Carne Santa, e que o foco do segundo texto são as manifestações carismáticas exteriores que acompanhavam este movimento e que foram descritas por Haskell em sua carta. Portanto, se misturarmos os dois textos como sendo um só, o foco fica distorcido e as conclusões extraídas desta análise serão muito provavelmente – para não dizermos <i>“certamente”</i> – equivocadas.</p> <p>Quando a Sra. White cita <i>“As coisas que me descrevestes...”</i>, ela está claramente se referindo à descrição feita por Haskell, que enfatizava as demonstrações carismáticas que ele presenciou. Embora o Senhor tenha revelado a ela a totalidade do movimento da Carne Santa, tanto no aspecto doutrinário quando no aspecto litúrgico ou cútico, na Carta 132 ela responde às preocupações de seu correspondente, deixando para tratar das questões doutrinárias no foro apropriado, a reunião da Conferência Geral, ocorrida poucos meses depois.</p>
<p>O qualificativo <i>“estranho”</i> refere-se a cada um dos elementos citados. Em outras palavras, além das doutrinas estranhas, haveria gritos estranhos, tambores tocados estranhamente, música estranha, e dança estranha.</p>	<p>Uma análise mesmo que superficial do texto já indicaria que, na verdade, o termo <i>“estranho”</i> não se refere única e especificamente a cada um dos elementos listados, os quais são alinhados mais como exemplos das coisas estranhas. Senão, vejamos:</p> <p>O texto diz, literalmente:</p> <p style="text-align: center;"><i>“Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isto será chamado operação do Espírito Santo.” (Mensagens Escolhidas, v. 2. p. 36)</i></p> <p>O leitor atento nota que depois de <i>“estranho”</i> há um ponto, o qual, sabe-se, termina a frase. Todo o conjunto seguinte são exemplos de coisas estranhas, inclusive a confusão causada nos seres racionais e chamar isso de operação do Espírito Santo.</p> <p>O que Ellen G. White está realmente dizendo aqui é que, quando perdemos de vista os princípios, os conceitos e os objetivos da verdadeira adoração, tudo se torna válido na busca de estímulos externos para excitar os sentidos, e isto é completamente estranho aos propósitos divinos e aos frutos de um verdadeiro relacionamento com Deus. Notemos o que ela escreve a este respeito:</p> <p style="text-align: center;"><i>“A menos que aos crentes sejam inculcadas idéias precisas acerca do culto verdadeiro e da verdadeira reverência para com Deus, prevalecerá entre eles a tendência para nivelar o</i></p>

	<p><i>sagrado ao comum. Tais pessoas, professando a verdade, serão uma ofensa a Deus e uma lástima para a religião.” (Testemunhos Seletos, v. 2, p. 202)</i></p>
<p>Essa distinção é importante, porque Ellen White não se opôs ao uso desses elementos quando de maneira a inspirar o crente e exaltar o nome de Deus em adoração. Vejamos o que ela diz:</p> <p>a. Gritos de louvor. Cantar, foi me mostrado, frequentemente afasta o inimigo, e gritar em louvor o derrotaria. [x]</p>	<p>Sugerimos ao leitor que acompanhe as notas de rodapé gentilmente listadas pelo articulista. Além disso, no caso de textos do Espírito de Profecia, sempre que possível, leia o texto indicado, a fim de compreender por si mesmo o contexto da citação. Neste caso, trata-se de <i>Manuscript Releases</i>, vol. 21, nr. 1548, p. 238.</p> <p>É interessante que frases que expressam exatamente o mesmo sentido são repetidas em <i>Manuscript Releases</i>, vol. 5, nr. 306, p. 193. Apenas para que o leitor interessado possa confirmar como os textos são semelhantes, transcrevemos os originais aqui, conforme podem ser encontrados no catálogo virtual do Ellen G. White Estate (05):</p> <p><i>Singing, I saw, often drove away the enemy, and shouting would beat him back. {21MR 238.1}</i></p> <p><i>I saw singing to the glory of God often drove the enemy [away], and praising God would beat him back and give us the victory. {5MR 193.1}</i></p> <p>Este segundo texto é extremamente importante para nós, porque inicia um capítulo que tem por título “Música e o Diretor de Música”. O livro <i>Mensagens Escolhidas</i>, v. 3. p. 332 traduz este texto da seguinte forma:</p> <p><i>Vi que cantar para a glória de Deus freqüentemente afastava o inimigo, e que louvar a Deus o derrotava e nos concedia a vitória.</i></p> <p>Ao fazermos esta comparação, brota a pergunta inevitável: Por que o autor, que se apresenta como profundo conhecedor dos escritos de Ellen G. White não utilizou este texto, disponível em português e, ao invés dele, utilizou um texto não publicado? Seria simplesmente porque neste texto ela utiliza o termo “shouting” (brado), em vez de “praising” (louvor) e o uso desta expressão facilita a distorção argumentativa que ele quer impingir, no sentido de tentar avalizar o uso de gritos durante o culto?</p> <p>Note que esta comparação foi apresentada apenas para que o leitor tenha um vislumbre do real pensamento da serva do Senhor ao escrever o texto citado. Não nos furtaremos, contudo, a comentar o texto da maneira como foi apresentado.</p> <p>Uma análise mais completa deste texto nos mostra que ela estava combatendo a mornidão espiritual de uma igreja local, ou seja, não estava dando uma orientação de forma genérica a todos os crentes, mas dando uma mensagem específica a uma congregação particular, para instruir acerca de um problema específico.</p> <p>É interessante notar que ela continua o texto, dois parágrafos após o trecho citado, dizendo:</p> <p><i>“Quando vos prostrardes diante de Deus, lutai com Ele até conseguirdes a vitória e poderdes bradar vitória sobre o</i></p>

	<p><i>poder das trevas</i>". (<i>Manuscript Releases</i>, vol. 21, nr. 1548, p. 238)</p> <p>O termo usado aqui para "bradar" é o mesmo "shout" de "gritos de louvor", utilizado no parágrafo citado pelo articulista. Portanto seria este o sentido de "gritar" a que ela se refere neste texto. É importante ressaltar que este "brado de vitória" só é possível por meio da vitória conseguida com Deus, numa luta espiritual (numa clara referência a Jacó no vale do Jaboque), e não por estímulos externos.</p> <p>Assim, demonstramos através de uma análise mais abrangente, que usar este texto para afirmar o que o articulista afirmou é ver no texto aquilo que o articulista pretende ver, e não o que a serva de Deus pretendeu dizer. Já comentamos sobre isto ao falarmos de "eisegese" e "exegese". Este fato fica evidente quando consideramos as palavras inspiradas do livro <i>Evangelismo</i>, pp. 507-511, onde ela cita que canto alto, forte, é barulho e não é aceitável a Deus.</p>
<p>b. Tambores e percussão. O emprego de instrumentos de música não é de modo algum objetável. ... Os adoradores louvavam a Deus com harpa e com címbalos, e a música deve ter seu lugar em nossos cultos. Isto acrescentará o interesse nos mesmos.[xi]</p>	<p>O texto citado pelo articulista, extraído de <i>Evangelismo</i>, p. 150, apenas incentiva o uso de instrumentos, de maneira geral. Não há nele qualquer referência específica a tambores ou outros instrumentos de marcação rítmica, como os conhecemos.</p> <p>Com relação aos címbalos, vale lembrar que, segundo a grande maioria dos comentaristas, estes instrumentos não eram usados no templo para marcação rítmica, mas para indicar as entradas dos cantores e instrumentistas. Acerca deste assunto, o Dr. Samuele Bacchiocchi explica:</p> <p><i>"Alguns apelam para o uso dos címbalos para argumentar que a música do templo tinha uma batida rítmica como a música rock de hoje, e, por conseguinte, a Bíblia não proíbe instrumentos de percussão e música rock na igreja hoje. Tal argumento ignora o fato de que, como explica Kleinig, "os címbalos não eram usados pelo cantor-mor na condução do cântico, batendo o ritmo da música, mas sim para anunciar o começo de uma estrofe ou de um cântico. Uma vez que eles eram usados para introduzir o cântico, eram brandidos pelo líder do coro em ocasiões ordinárias (I Crônicas 16:5) ou pelos três líderes dos grupos em ocasiões extraordinárias (I Crônicas 15:19)." (Para maiores detalhes sobre o uso dos címbalos no antigo Israel, ver Samuele Bacchiocchi – "O Cristão e a Música Rock – Um Estudo dos Princípios Bíblicos de Música" (Biblical Perspectives, Berrien Springs, Michigan, USA), Capítulo 7, págs. 206-207) (06).</i></p> <p>De fato, não fica claro o motivo pelo qual alguém que conheça o assunto colocaria, de boa fé, este texto sob o subtítulo "<i>Tambores e percussão</i>". Merece destaque que o articulista tenha feito exatamente isso, embora se apresente como alguém conhecedor dos aspectos musicais envolvidos e muito preocupado com a exegese correta do texto profético.</p> <p>Parece-nos que há, neste caso, uma clara tendência a tentar fazer parecer que o texto citado seria um incentivo direto ao uso de tambores e outros instrumentos de percussão, o que equivale a</p>

	colocar na pena da serva do Senhor um sentido diferente daquele pretendido por ela, e isto seria um grave erro exegético.
<p>Davi, e toda a casa de Israel, alegravam-se perante o Senhor, ... com harpas, e com saltérios, e com tamborins, e com pandeiros, e com címbalos. [xii]</p>	<p>Na verdade, apesar de estar no livro <i>Patriarcas e Profetas</i>, à página 705, esta citação está entre aspas, não sendo de Ellen White, mas da própria Bíblia, em I Crônicas 13:8. A boa prática indicaria a citação direta das Escrituras, a Luz Maior. Neste texto, é descrita a primeira tentativa de transporte da arca para Jerusalém.</p> <p>Sugerimos ao leitor que recorra ao texto bíblico. Ao fazer isso, poderá notar que o articulista não destaca, ao pinçar o texto de seu contexto, que esta tentativa resultou em tragédia por não haverem sido seguidas as orientações divinas para o transporte da arca. O comentário de Ellen White no livro <i>Patriarcas e Profetas</i> sobre este evento, o qual também não é citado pelo articulista, vai exatamente nesta linha, até que, alguns parágrafos depois de haver citado o texto bíblico em questão, ela escreve o seguinte:</p> <p><i>“Davi e seu povo tinham-se congregado para efetuar uma obra sagrada, e à mesma entregaram-se com coração alegre e disposto; mas o Senhor não podia aceitar o serviço, porque não era efetuado de acordo com Suas orientações. (...) A reprovação divina cumpriu a sua obra em Davi. Foi levado a compenetrar-se, como nunca dantes, da santidade da lei de Deus, e da necessidade de obediência estrita” (Patriarcas e Profetas, p. 705-706 – ênfase acrescentada).</i></p> <p>Três meses depois, Davi fez nova tentativa, mas desta vez seguiu fielmente as instruções do Senhor. Entre as muitas coisas que fez diferente da primeira, nesta ocasião não havia tambores na procissão, segundo II Crônicas 15: 16:</p> <p><i>“E disse Davi aos chefes dos levitas que constituíssem, de seus irmãos, cantores, para que com instrumentos musicais, com alaúdes, harpas e címbalos, se fizessem ouvir, levantando a voz com alegria.”</i></p> <p>Este evento já foi exaustivamente abordado e detalhado em vários artigos, sendo consenso entre os estudiosos do tema que a ausência de tambores na segunda tentativa de condução da arca é tão significativa quanto sua ausência posterior no serviço do templo, como veremos mais adiante.</p> <p>Para embasar os pontos citados até aqui, trazemos um trecho do artigo “A Bateria à Luz da Antropologia e da Bíblia” (07), de autoria do Prof. Vanderlei Dorneles.</p> <p><i>Deus determinou os instrumentos (címbalos, alaúdes e harpas) que deveriam fazer parte da música do templo (II Crônicas 7:6 e 29:25). Davi fez instrumentos para serem usados pelos levitas. É significativo o texto de II Crônicas 7:6, que diz: ‘...os levitas com os instrumentos músicos do Senhor, que o rei Davi tinha feito, para louvarem ao Senhor...’. O artigo plural definido ‘os’ indica um grupo específico de instrumentos, que ainda são qualificados como ‘do Senhor’. Estes são os que Davi fez por ordem de Deus: címbalos, alaúdes e harpas. A lista desses instrumentos aparece em</i></p>

	<p><i>diversas ocasiões, sempre sem inclusão do tambor ou adufe (ver I Crônicas 25:1 e 6, 16:5, II Crônicas 5:12 e 13). Os únicos instrumentos que aparecem nas listas dos usados no templo, além dos que foram confeccionados por Davi, são as trombetas (II Crônicas 5:12 e 13 e 29:27).</i></p> <p><i>A música que se fez no transporte da arca até Jerusalém, sem uso de tambores, foi chamada de ‘música de Deus’ (I Crônicas 16:41 e 42), enquanto que a banda que deu o ritmo da dança, quando Uzá morreu, não recebeu essa adjetivação (ver I Crônicas 13:8).</i></p> <p><i>(...) O estudo dos textos bíblicos que citam os instrumentos musicais esclarece que o tambor não fazia parte da música do templo, por orientação do próprio Deus a Davi. Sugere também que Deus não proibiu as cerimônias ou celebrações em que as pessoas tocavam tambor e dançavam. Embora não tenha sido reprovada por Deus, os fatos relacionados com o santuário indicam que aquela não era a música ideal para a adoração.</i></p> <p><i>A exclusão do tambor no templo pode indicar também que esse instrumento, por sua relação direta com o misticismo pagão e por sua influência no sentido de embotar a consciência e o juízo, deveria estar fora do culto que requer a lucidez da mente para o conhecimento de Deus e compreensão de Sua vontade revelada.</i></p> <p><i>Os textos bíblicos não afirmam que o uso da bateria ou do tambor seja pecaminoso, mas os textos de Isaías 5:12 e 24:8 e 9 e os fatos relacionados com o transporte da arca e com a música do templo deixam esse instrumento sem recomendação.</i></p> <p>Concluimos, portanto, que mais uma vez os princípios exegéticos foram desrespeitados pelo articulista, ao pinçar um texto fora de seu contexto imediato, tentando utilizá-lo com sentido diferente daquele pretendido no significado original.</p>
<p>c. Música. A música, quando não abusiva, é uma grande bênção; mas quando usada erroneamente, é uma terrível maldição.[xiii]</p>	<p>Como estamos falando de música na adoração – a qual deve ser planejada a executada de maneira a honrar a glorificar a Deus – e não de música em geral, temos um texto ainda melhor do que este:</p> <p><i>“A melodia de louvor é a atmosfera do Céu; e, quando o Céu vem em contato com a Terra, há música e cântico – ‘ações de graças e voz de melodia’. Isaías 51:3.” (Educação, pg. 161).</i></p> <p>Qualquer manifestação musical na adoração que não esteja de acordo com esta definição, seja anátema!</p>
<p>d. Dança. Davi saltava ... diante do Senhor... acompanhando em sua alegria o ritmo do cântico. A música e dança, em jubiloso louvor a Deus ... não tinham a mais pálida semelhança com a dissipação da dança moderna. A primeira tendia à lembrança de Deus, e exaltava Seu santo nome.[xiv]</p>	<p>Embora a seqüência de itens citados pelo articulista sugira o contrário, esta não é a mesma ocasião analisada em trecho anterior, referente ao item b do artigo em pauta. O primeiro texto, de I Crônicas 13, relata um evento cujo fim foi trágico, no qual não se buscou conhecer a vontade do Senhor e toda a experiência foi mal-sucedida, com desfecho fatal para Uzá.</p>

Este texto, também do livro *Patriarcas e Profetas* refere-se, conforme destacamos em nossos comentários acima, a I Crônicas 15 e descreve a chegada triunfal da arca em Jerusalém, na segunda tentativa de transporte, a qual foi bem sucedida porque as ordens de Deus foram estritamente seguidas.

É valioso notar que não havia instrumentos de percussão para marcação rítmica nesta procissão. Isto é importante, porque nos permite inferir o tipo de “dança” que Davi executava diante do Senhor. Obviamente que não se tratava de meneios corporais ao ritmo da música, pois não havia uma forte marcação rítmica, já que os instrumentos apropriados para tal marcação estavam ausentes, conforme já vimos anteriormente.

O que II Samuel 6:14, citado por Ellen G. White, nos diz que Davi estava fazendo, conforme o próprio texto descreve, era “saltar” de alegria e de contentamento por ver o grande anseio de seu coração sendo concretizado, de acordo com a vontade de Deus.

É óbvio então que buscar este texto para tentar defender a dança moderna dentro de nossos cultos é uma proposta completamente contrária ao próprio espírito do texto citado. De fato, Ellen White, nesta mesma página do livro *“Patriarcas e Profetas”* também diz:

“A dança de Davi em júbilo reverente, perante Deus, tem sido citada pelos amantes dos prazeres para justificarem as danças modernas da moda; mas não há base para tal argumento.” (Patriarcas e Profetas, p. 707)

Cabe aqui a pergunta: Por que o articulista não citou esta continuação do texto de Ellen White?

Para completar este trecho, vamos transcrever na íntegra o texto citado com reticências pelo articulista, transcrevendo ainda todo o restante do parágrafo, para termos uma luz mais clara sobre o intuito da serva do Senhor ao escrever sobre o assunto da dança:

“E Davi saltava. ... diante do Senhor’ (II Samuel 6:14), acompanhando em sua alegria o ritmo do cântico. A música e dança, em jubiloso louvor a Deus, por ocasião da mudança da arca, não tinham a mais pálida semelhança com a dissipação da dança moderna. A primeira tendia à lembrança de Deus, e exaltava Seu santo nome. A última é um ardil de Satanás para fazer os homens se esquecerem de Deus e O desonrarem.” (Patriarcas e Profetas, p. 707)

Cabe mais uma vez a pergunta: Por que o articulista usou reticências, e não citou o parágrafo completo? Fica óbvio que o articulista, propositadamente, excluiu a frase final deste parágrafo de Ellen White, a qual traz o contraste comparativo entre a dança de louvor, e a dança moderna (e mundana). Porém, é justamente esta última frase que arremata o pensamento da autora, cujo objetivo é destacar a diferença entre santo e profano – um conceito que poderia não ser conveniente aos propósitos do articulista.

É importante notar ainda que Davi, apesar de haver efetivamente saltado de júbilo, sendo assim considerado por muitos como o

	<p>exemplo principal para a dança religiosa na Bíblia, em nenhuma outra ocasião utilizou-se deste tipo de manifestação para louvar a Deus.</p> <p>Além disso ele, que foi o organizador do ritual levítico para o Templo a ser construído, nunca deu instruções aos levitas com respeito a quando e como dançariam no Templo. Se Davi cresse que a dança deveria ser um componente na adoração divina, sem dúvida teria dado instruções relativas a ela aos músicos levitas que designou para se apresentarem no templo. Sua omissão da dança na adoração divina dificilmente pode ser considerada como um lapso. Ao contrário, ela nos fala da distinção que Davi fez entre a música sacra, executada na Casa de Deus e a música secular tocada fora do Templo para o entretenimento.</p> <p>Davi não foi orientado por Deus a introduzir a dança no culto. Ele não abriu espaço para dança e instrumentos de percussão quando planejou o serviço musical elaborado que seria realizado no templo que Salomão construiria em Jerusalém (I Crônicas 23:2 a 26:32).</p>
<p>Qual era então o papel da música e dos instrumentos no culto descrito? Ela condenou a música e instrumentos em particular ou a maneira como eram usados? Qual o papel dos outros elementos extra-musicais? Qual a maior preocupação de Ellen White ao confrontar a heresia da Carne Santa? E finalmente, qual a posição de Ellen White sobre o uso de instrumentos no culto adventista?</p>	<p>Até o momento não ficou claro qual seria o vínculo proposto pelo articulista entre as manifestações carismáticas do movimento da Carne Santa e os textos citados. É óbvio, pelas próprias declarações de Ellen White, que a música tem um papel importante no culto. Mas também fica óbvio que a música não deve ser um elemento de mero entretenimento, nem de excitação e confusão, mas um elemento agregador, unificador e elevador. No movimento da Carne Santa a música estava sendo utilizada de forma equivocada e distorcida na adoração e devemos aprender com este erro, inclusive no que tange aos instrumentos utilizados para excitar a congregação até o ponto de chegarem às manifestações absurdas presenciadas e relatadas por Haskell.</p> <p>A pergunta final “qual a posição Ellen White sobre o uso de instrumentos...” conduz o leitor a uma falsa expectativa de aprovação ou reprovação indiscriminada dos instrumentos, genericamente. É o mesmo recurso retórico utilizado no título do artigo, tentando induzir uma resposta direta a partir de uma pergunta incompleta. Isso abre espaço para respostas especulativas, e desse modo criam-se lacunas para todo tipo de argumento e opinião.</p> <p>Além disso, por haver apresentado de forma claramente fragmentada e distorcida – como vimos acima – alguns poucos textos bíblicos e do espírito de profecia que citam o uso destes instrumentos, o articulista pretende sugerir ao leitor uma resposta favorável às suas opiniões.</p> <p>A nossa posição com relação a doutrinas ou a estilo de vida cristão deve sempre basear-se em princípios solidamente alicerçados na Palavra de Deus, nunca em especulações ou recursos retóricos.</p>
<p>Uma pesquisa sobre o contexto histórico do movimento da Carne Santa fornece as seguintes informações:</p> <p>1. Os ‘tambores’ eram o que hoje conhecemos por um surdo de fanfarra e três tamborins. Embora a palavra “drums” no original inglês descreva a bateria moderna (ou drumkit), não é o que Ellen White viu. Segundo Arthur White, [xv] a visão aplicava-se aos tambores e tamborins da</p>	<p>Evidentemente Ellen G. White, em 1900, não se referia à bateria como a conhecemos hoje, pois ela só surgiu após a invenção de um pedal funcional, em 1910.</p> <p><i>“No começo dos anos 1900, bandas e orquestras tinham de dois a três percussionistas cada. Um tocava o bumbo, outro tocava a caixa e o outro tocava os blocos de madeira e fazia os efeitos sonoros. O desenvolvimento do pedal possibilitou</i></p>

Carne Santa, e não a nossa bateria moderna, até porque a bateria como instrumento não existia ainda. Ela foi se desenvolvendo a partir do início do século 20 pela incorporação de vários instrumentos percussivos (tambores, pratos, etc.) que passaram a ser tocados por um só músico. Por isso é incorreto comparar os tambores da época e a bateria moderna, apesar de “drums” defini-los e ambos serem instrumentos de percussão.

que uma mesma pessoa executasse todas estas funções. O primeiro pedal prático foi inventado em 1910.” ([Wikipedia - Bateria \(instrumento musical\)](#)) (08).

Mas vale lembrar que o agrupamento desses mesmos instrumentos em um conjunto chamado “bateria” não modificou seu som nem sua função na música, a saber, criar ênfase rítmica, como reconhecido por qualquer baterista com formação adequada. Portanto, pela própria argumentação fornecida pelo articulista, **não é incorreto** compará-los à bateria moderna, com a diferença de que hoje não são mais necessários vários músicos, visto que todos os instrumentos são executados por um único músico. Pelo contrário, esta comparação é perfeitamente cabível por dois motivos claros: Primeiro, porque a intenção em ambos os casos é exatamente a mesma: fazer forte marcação rítmica, de modo sincronizado. Segundo (e mais importante para esta discussão), porque o efeito em ambos os casos é exatamente o mesmo: gerar excitação rítmica e, por conseqüência, através do mecanismo de estímulo e resposta, excitação física nos ouvintes.

Com relação ao primeiro ponto, mesmo se a comparação entre os instrumentos fosse incorreta, esta seria desfavorável à utilização da bateria no culto, uma vez que é muito mais difícil sincronizar vários músicos, cada um executando um instrumento separado, para realizar os efeitos que um bom baterista consegue executar sozinho. Se isso for verdade, podemos até inferir que uma bateria poderia ter um poder muito maior para causar excitação e outros efeitos deletérios e extáticos em uma congregação do que a utilização de seus vários instrumentos separados.

Obviamente, o efeito dos instrumentos de percussão sobre a mente e o fisiologismo humanos, quando utilizados de maneira repetitiva para acentuar os tempos fracos e os contratempos da música tornando o ritmo sincopado, é fundamental para este debate, visto que o problema relatado pelo irmão Haskell foi exatamente o efeito que a utilização equivocada de instrumentos causou sobre os adoradores. Na verdade, essa questão é mais importante do que a discussão sobre os instrumentos em si, visto que outros instrumentos também podem ser utilizados para causar tais efeitos. O debate acaba tendo como foco os instrumentos de percussão e, por extensão, a bateria, porque esta classe de instrumentos é a mais apropriada para conseguir esses efeitos.

Embora não tenhamos a descrição da técnica instrumental usada, a índole do surdo nos permite concluir que ele se sobressaía a todos os outros instrumentos e ao canto, criando um som repetitivo, ensurdecedor (como o nome em português infere) e hipnotizante. Veja que um só surdo é suficiente para uma fanfarrinha de vários instrumentos, como se vê na foto.

É extremamente interessante a menção ao volume da execução do surdo, pois é exatamente este o principal problema na maioria das vezes em que a percussão é utilizada. Isto só confirma nossa conclusão no parágrafo anterior.

Ainda mais interessante é a admissão pelo articulista de que a característica sonora do surdo cria “*um som repetitivo, ensurdecedor e hipnotizante.*” A conclusão que surge imediatamente, de forma cristalina, é que um instrumento com essas características dificilmente poderá ter um papel contributivo a desempenhar num culto ao verdadeiro Deus, e que a sua presença é prejudicial ao verdadeiro espírito de adoração, do qual a reverência e a solenidade são características.

	<p>Devemos enfatizar ainda que a “índole” do surdo (repetitivo, ensurdecer e hipnotizante) não deixa de existir ou desaparece por encanto quando este é “acoplado” a outros instrumentos de percussão, formando um único instrumento (bateria) em vez de ser utilizado na forma “individual”.</p>
<p>Tem se concluído que, se Ellen White mencionou tambores por nome, eles é que devem ter sido responsáveis pelo culto caótico. Mas havia outros instrumentos no culto cujo mal uso ela também condenou, como veremos abaixo. O fato de ela ter singularizado os tambores indica apenas que, em sua visão do episódio, o surdo se sobressaía aos outros instrumentos na música. Que ela menciona “tambores e música” parece apoiar essa conclusão. Embora os tambores fossem parte da música, ela os ouvia acima da música, (outros instrumentos e canto), contribuindo para o culto caótico, onde todos tocavam, cantavam e oravam, pulavam e gritavam ao mesmo tempo resultando em “ruído e confusão”.[xvi]</p>	<p>Realmente, havia outros instrumentos, mas o único mencionado especificamente é o “<i>drum</i>” (tambor). Não afirmamos que ela esteja condenando o seu uso em qualquer circunstância, mas é inegável que ela o menciona especificamente, talvez pela razão mencionada pelo próprio articulista (“<i>se sobressaía aos outros instrumentos</i>”), o que novamente nos remete à forma de utilização moderna da bateria.</p> <p>O próprio articulista reconhece que os tambores estavam, por causa de seu volume, batida incessante e hipnótica, “<i>contribuindo para o culto caótico</i>”. Não há o que estranhar nesta conclusão, uma vez que estes são exatamente os efeitos preponderantes provocados por instrumentos que produzem apenas ruído, como tambores e pratos.</p> <p>Então, apesar de a Sra. White não haver se declarado de forma literal e específica contra este instrumento (ou, se preferir, conjunto de instrumentos) – embora este tenha sido o único instrumento citado nominalmente em sua advertência – por que iríamos querer instrumentos desta classe em nossos cultos? A não ser que o nosso objetivo seja um “culto caótico”, este anseio é sem sentido.</p> <p>Fica evidente ao mais desavisado leitor que um instrumento que causa estes efeitos dificilmente poderia estar de acordo com o mandado para “<i>adorar o Senhor na beleza da santidade</i>” (Salmos 29:2; 96:9), ou com a instrução para apresentarmos a Deus o nosso “<i>culto racional</i>” (Romanos 12:1). É importante ressaltar que em uma bateria moderna vários destes instrumentos estão acoplados para serem utilizados de forma sincronizada por um único instrumentista, o que pode potencializar seus efeitos hipnóticos e desagregadores, conforme vimos acima.</p>
<p>2. Ellen White inclui “música” e outros instrumentos nesse cenário. De acordo com S. Haskell e outros, a música caótica da Carne Santa incluía um órgão, duas flautas, três violinos, três tamborins, um contrabaixo acústico, trompetes, um tambor grave ou surdo, o canto congregacional e possivelmente um coral. Portanto a evidência é que todos os elementos musicais acima, bem como orações, gritos histéricos, desmaios, juntamente com tambores levavam ao êxtase e “tudo o que é estranho”.</p>	<p>Ellen G. White não inclui, de maneira explícita, outros instrumentos na sua citação. O único tipo de instrumento citado especificamente são os tambores. Ao falar de música ela se refere ao conjunto total, incluindo outros instrumentos e vozes, mas não os destaca, como fez com os tambores, apesar de o relatório do irmão Haskell mencionar nominalmente os outros instrumentos. Uma razão bastante plausível para esta omissão seria porque a sua influência individual para o efeito final era pouco relevante, ao passo que a influência dos tambores se sobressaía, não apenas pelo volume, mas também pela sua característica sonora predominante, como o próprio articulista destacou nos dois parágrafos anteriores.</p> <p>Além disso, o articulista inverte a ordem das coisas ao afirmar que as manifestações que reconhecidamente são conseqüências do êxtase (“<i>orações, gritos histéricos, desmaios</i>”) levam ao êxtase. Estas manifestações são resultado da excitação criada pela música hipnótica e ele demonstrou que concorda que o tambor foi o principal elemento deste efeito.</p> <p>Parece-nos definitivamente estranha esta mistura entre causas e efeitos e, a nosso ver, isto desqualifica a argumentação do articulista</p>

	<p>neste ponto, pois tenta desviar o foco de onde a Sra. White o colocou: nas manifestações futuras de espíritos enganadores, os quais usariam tambores, música forte, animada e dançante para confundir a igreja e levá-la a pensar que aquilo era obra do Espírito Santo.</p> <p>O ponto importante aqui deveria ser entender como e porque as pessoas entraram em transe naquela ocasião, comparar os elementos causadores do êxtase daquela época com os elementos atuais e, através desta comparação, concluir que elementos poderiam, no contexto atual, levar a resultados indesejáveis para o louvor de um Deus Santo.</p>
<p>Precisamos nos ater ao que ela disse. Veja que Ellen White não condenou música, assim como não condenou tambores em si. Se Ellen White condenou música e os outros instrumentos, será que devemos excluir o canto congregacional, o órgão, violinos, trompetes e flautas em nossas igrejas?</p>	<p>Concordamos firmemente que precisamos nos ater ao que ela disse. Também concordamos com a conclusão que Ellen G. White está condenando o resultado final, não cada um dos componentes. Mas, como o próprio articulista conclui nos parágrafos anteriores, ela parece ter destacado os tambores pelo seu peso e efeito no resultado sonoro final. Este destaque no texto inspirado é claro e não pode ser ocultado, removido ou subestimado, como pretende o articulista.</p> <p>É sutil o método argumentativo do articulista ao tentar utilizar um silogismo falso através do uso de uma hipérbole, exagerando o argumento no sentido de sugerir ao leitor a exclusão de todos os outros elementos musicais do culto. Obviamente, este nunca foi o ponto de vista de Ellen White, como fica claro em outros textos citados adiante.</p> <p>A advertência que ela faz é contra um culto irreverente, um “carnaval” (como a própria Ellen G. White o qualifica no texto inspirado sobre o qual estamos discutindo) em nome de Deus, onde os tambores têm um papel preponderante. E, a partir da observação do cenário musical atual, podemos concluir que o uso da bateria nos cultos da atualidade contribui fortemente para a criação de um culto nos moldes contidos nesta advertência, sendo assim a concretização da situação combatida por Ellen G. White.</p>
<p>Se vamos traçar um paralelo, embora equivocado para condenar os tambores (bateria), ele precisa ser consistente e tudo o que se refere a música também precisa ser removido do culto.</p> <p>Ellen White, porém, expande sua posição ao dizer da música do movimento da Carne Santa:</p> <p><i>É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com música do que usar instrumentos musicais para fazer a obra que ... seria introduzida em nossas reuniões campais. Satanás opera entre a algazarra e a confusão de tal música, a qual, devidamente dirigida [*incluindo o canto, o órgão, flautas, violinos, trompetes, percussão], seria um louvor e glória para Deus.</i></p> <p><i>Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida.</i> [xviii]</p>	<p>A questão aqui não é traçar paralelos, porque não estamos fazendo comparações nem lidando com simbologias. O que se busca são princípios que possam ser usados para traçar diretrizes e orientações para crentes que buscam um relacionamento correto com Deus através de uma adoração aceitável a Ele. A restrição aos tambores (note que não usamos as palavras “condenação” ou “proibição”) vem do próprio destaque dado por Ellen White a este grupo de instrumentos.</p> <p>Já concordamos que Ellen G. White está condenando o resultado, e não os instrumentos em si. Mas do texto inspirado citado pelo próprio articulista se depreende, de forma inequívoca que, se qualquer manifestação musical (com instrumentos ou não) for usada de forma a causar excitação, confusão, algazarra e irreverência, então estes músicos devem ser proibidos de continuar até que compreendam o que se espera da sua participação em um culto de adoração. Esta é uma instrução clara, que deveria ser aplicada mais diligentemente.</p> <p>Porém, o articulista insere no texto inspirado as suas próprias palavras tentando, através de recursos de argumentação, induzir o leitor desavisado a uma conclusão pré formatada, ou seja, a considerar a</p>

	<p>percussão como uma glória para Deus – sem qualquer restrição – em vez de simplesmente deixar o texto inspirado nos orientar.</p> <p>O articulista tenta argumentar com base no “tudo ou nada”: se um instrumento não é permitido, então devemos excluir todas as manifestações musicais; porém, se devemos ter música, então todos os instrumentos são permitidos. Se este argumento fosse válido, a conclusão lógica seria que, uma vez que Ellen G. White encoraja vigorosamente o uso da música nos cultos, então o texto citado estaria dizendo que seria apropriado ter uma música causadora de “algazarra” e “confusão” e que “tal música”, se fosse bem dirigida, em um programa bem organizado, “seria um louvor e glória para Deus”. Mas nada poderia estar mais longe do propósito de Ellen G. White ao escrever este texto.</p> <p>Ora, este argumento, embora sutil, é frontalmente contrário não apenas à visão da serva do Senhor, como também à própria Bíblia. Embora houvesse muita música no templo de Jerusalém, I Crônicas 25:1, 6 especifica uma lista de instrumentos autorizados para serem usados pelos levitas, o que evidencia uma clara restrição aos instrumentos que não foram listados, estando entre estes os instrumentos de percussão. Ou seja, o posicionamento correto, de acordo com a revelação divina é de utilização de música, com algumas restrições.</p> <p>Conforme foi dito anteriormente, “<i>precisamos nos ater ao que ela disse.</i>” Mas o que vemos neste trecho é mais um exemplo de uma linha de argumentação frontalmente contrária aos mais básicos princípios da exegese.</p>
<p>Para ela, todos os instrumentos de Indiana eram culpados pelo seu uso inapropriado. Esse desdobramento da posição de Ellen White é crucial para entendermos sua real intenção ao condenar o que ocorria em Indiana. É claro que o uso inapropriado da música e instrumentos causava o barulho e o caos, não os elementos em si.</p> <p>A bateria e percussão, assim como o piano, o órgão, o violino se tocados apropriadamente podem facilitar o louvor vibrante e “acrescentar o interesse”^[xviii] no culto, sendo assim para o “louvor de glória de Deus” ou para ser um “laço” nas mãos do inimigo.</p>	<p>A afirmação que Ellen White consideraria todos os instrumentos culpados pela balbúrdia e caos é mais um sofisma sutil introduzido pelo articulista neste ponto. Obviamente, este equívoco “é crucial” para a introdução do ponto de vista distorcido do articulista.</p> <p>Se a argumentação do articulista estivesse correta, Ellen G. White estaria se contradizendo ao dizer:</p> <p style="text-align: center;"><i>“O emprego de instrumentos de música não é absolutamente objetável. Eles eram usados nos serviços religiosos dos antigos tempos. Os adoradores louvavam a Deus com a harpa e o címbalo, e a música deve ter seu lugar em nossos cultos. Isto acrescentará o interesse” (Evangélico, p. 501).</i></p> <p>O articulista escreve que “<i>É claro que o uso inapropriado da música e instrumentos causava o barulho e o caos.</i>” Concordamos com este trecho específico, mas não com a conclusão que se segue, de que Ellen G. White não condenou os elementos em si. Já foi dito acima, mas vale lembrar que, em sua resposta ao irmão S.N. Haskell, ela menciona nominalmente apenas os tambores, apesar de ele haver mencionado nominalmente em seu relatório todos os instrumentos que estavam sendo usados na campal.</p> <p>Há ainda outra linha argumentativa que pode nos levar a uma conclusão extremamente preocupante: se os membros do movimento Carne Santa estavam utilizando apenas um surdo e, através da utilização distorcida deste instrumento criaram um ambiente musical</p>

	<p>propício ao êxtase, a ponto de Ellen G. White escrever especificamente a este respeito, de forma tão enérgica e direta, citando nominalmente este instrumento, a pergunta que se impõe, ao ler este trecho do texto inspirado é: Como pode ser possível que alguém que se arroga conhecer a “exegese” do assunto nos escritos de Ellen G. White defenda desta maneira o uso da bateria, a qual agrega vários instrumentos de percussão, com grande intensidade sonora, se apenas um surdo foi capaz de causar tamanho estrago espiritual, conforme descrito pelo irmão Haskell? Como Ellen G. White poderia ser favorável à utilização sem restrições da bateria moderna, quando foi tão direta e enfaticamente contrária ao uso apenas de um surdo?</p> <p>Concluimos que este texto, aliado às conclusões às quais já chegamos e com as quais o articulista concorda, sobre a natureza sonora dos tambores, criando “<i>um som repetitivo, ensurdecedor e hipnotizante</i>”, estabelece um princípio que endossa uma forte restrição ao uso desta classe de instrumentos em nossos cultos. Se a bateria e a percussão puderem ser tocadas de forma a abrir mão desta natureza sonora (o que alguns raros bons percussionistas conseguem fazer), talvez ainda pudessem dar alguma contribuição positiva ao culto, ressalvadas outras restrições que serão tratadas mais adiante.</p> <p>Mais uma vez, é importante destacar que o foco do problema não é o instrumento em si, mas o efeito causado sobre os adoradores. Devem ser restringidas enfaticamente quaisquer manifestações musicais que causem excitação, confusão, algazarra e irreverência.</p>
<p>Na realidade, um órgão de tubos, considerado como o “rei dos instrumentos” se for tocado de maneira caótica tem maior potencial de “chocar os sentidos” do que a bateria ou percussão.</p> <p>Imagine um órgão com 20.000 tubos tocado no último volume, com o tutti ativado, sem qualquer noção harmônica ou musical, por uma hora sem parar enquanto a congregação canta e ora ao mesmo tempo. Por ser muito maior a amplidão da frequência sonora dos tubos do órgão do que a da percussão, a “balbúrdia e ruído” deste seria exponencialmente maior do que a bateria, mesmo que amplificada. Logicamente não é o instrumento em si que é mal e sim uso deturpado que gera ruído e confusão.</p>	<p>A comparação, puramente retórica, feita pelo articulista entre uma bateria e um órgão de tubos é bastante fraca, por diversos motivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O efeito sonoro resultante e, portanto, o efeito sobre os ouvintes, é totalmente diferente. Não vamos detalhar aqui esses efeitos por razões de espaço, mas o leitor que já compreendeu a natureza sonora da percussão entende que a natureza sonora de um órgão é completamente diversa, não possuindo uma ênfase exagerada no aspecto rítmico. 2. Nenhum organista que entendesse de seu ofício tocaria “<i>sem qualquer noção harmônica ou musical</i>”. 3. Nenhum organista tocaria um órgão por uma hora em “<i>organo pleno</i>” (no topo de sua intensidade sonora), principalmente enquanto uma congregação canta e ora ao mesmo tempo. Mas isto ocorre freqüentemente com a bateria nos cultos carismáticos. 4. A preparação musical necessária para sentar-se a um órgão é totalmente diferente, e um organista busca exatamente diversidade de timbres, volumes e efeitos sonoros, coisa impossível de se conseguir em um instrumento de percussão, onde a única variação possível é rítmica – e talvez em menor grau a intensidade (sendo que a variação de intensidade seria condição <i>sine qua non</i> na tentativa de um uso aceitável do mesmo no serviço do culto” – o que convenhamos, é muito difícil para a maioria dos percussionistas). Tratando-se de uma bateria, ou seja, um conjunto de diferentes instrumentos de percussão, poderia ser possível ter alguma variação de timbres, mas nunca na mesma proporção que pode ser obtida com um órgão. 5. Não se pode comparar o volume sonoro percebido dentro de uma enorme catedral, na qual poderia haver um órgão de 20.000 tubos

	<p>ou mais, com uma bateria tocando num recinto pequeno como a maioria das nossas igrejas.</p> <p>6. A amplidão da frequência sonora do órgão é uma característica favorável a ele nesta tosca comparação. A limitada gama sonora da percussão favorece seu efeito hipnótico.</p> <p>7. Não obstante, concordamos que o problema não é o instrumento em si, mas o uso deturpado dele. Qualquer exagero é condenável, inclusive o elevado volume da voz humana, e EGW se refere a isso (por exemplo, <i>Evangelismo</i>, pp. 507 e 508; <i>Obreiros Evangélicos</i> p. 357).</p>
<p>3. A música do movimento era usada para acompanhar, enfatizar e expandir conceitos teológicos do movimento. Sem a heresia de êxtase física e “carne santa” para a trasladação, a música extremamente excitante, que levava as pessoas à experiência do “jardim” (desmaios e contorsões), não teria razão de ser. A música e o culto não surgiram num vácuo mas iam de mãos dadas com as crenças do grupo. Ellen White abordou primeiramente essas crenças em sua carta e advertiu contra permitir que elementos teológicos estranhos levassem a igreja a adotar estilos de adoração que exaltassem essas manifestações estranhas. Quando a heresia foi desmascarada, o culto caótico desapareceu.</p>	<p>Realmente a música, como uma arte, reflete a cultura e a filosofia de quem a cria ou, em outras palavras, é uma manifestação do contexto sócio-cultural do meio onde ela surge. É também um meio eficiente para enfatizar uma mensagem.</p> <p>Apesar de as afirmações acima serem verdadeiras, a aplicação estreita que o articulista faz delas nas frases finais deste trecho não traduz a realidade que observamos em nossos dias. Se esta conclusão fosse condizente com a realidade, não deveríamos estar presenciando essas mesmas manifestações carismáticas nas igrejas evangélicas, nem deveríamos estar notando a gradual adoção de elementos deste estilo de adoração nas nossas igrejas adventistas, uma vez que a doutrina da Carne Santa não faz parte da teologia das igrejas evangélicas (salvo algumas distorções localizadas), nem tampouco existe mais em nosso meio.</p> <p>O problema que enfrentamos hoje é muito mais profundo do que um problema teológico pontual, mas leva às mesmas deturpações na adoração. O que ocorre é que vivemos em uma sociedade pós-moderna, com sua visão centrada no prazer e no homem, o que leva à perda da visão correta de Deus e, por consequência, de sua verdadeira adoração. Isto tem levado as igrejas, por várias questões – inclusive a de adequação à sociedade na qual estão inseridas – a adotarem um estilo de culto que pode ser considerado como incoerente com a vontade de Deus, visto que é mais voltado para a excitação das emoções, ao prazer e para o entretenimento humano do que a honra e louvor divinos. Esta postura conduz ao uso de uma música que expresse esta forma de culto e cause os efeitos desejados por esta sociedade. E, infelizmente, a música que caracteriza esta tendência possui os mesmos elementos da música extática que sempre caracterizou os cultos pagãos e que, lamentavelmente, acompanhava o movimento Carne Santa, mas por razões teológicas diversas.</p> <p>Esta linha argumentativa nos remete ao texto de I Crônicas 13, quando da primeira tentativa no transporte da arca. Não havia ali uma heresia teológica. Havia uma heresia no estilo de louvor adotado, considerando-se a santidade que a ocasião exigia e por isso Deus o rejeitou severa e cabalmente, inclusive de forma trágica e fatal.</p> <p>Deve ser notado ainda que, conforme destacamos desde o início desta réplica, Ellen G. White escreveu duas mensagens distintas, com propósitos diversos. Havíamos destacado também que, ao desprezar esta diferença, o articulista chegaria a conclusões equivocadas, o que vemos claramente acontecendo aqui. A Sra. White combateu a teologia em uma mensagem e o estilo de culto em outra, ou seja,</p>

	<p>mensagens distintas, para públicos distintos.</p> <p>Não temos evidências para afirmar que, caso houvesse somente uma mensagem inspirada, combatendo a heresia, o estilo de culto deturpado teria desaparecido totalmente. É uma possibilidade plausível, mas trata-se de uma suposição do articulista.</p>
<p>4. Ellen White não está aqui condenando o uso de percussão e outros instrumentos per se. Novamente, é importante se ater ao que foi realmente dito. Os tambores, juntamente com os outros instrumentos estavam sendo usados para criar um êxtase emocional e físico.</p> <p>Não eram os instrumentos em si e sim o seu uso em estimular a manifestação de “tudo que é estranho” no culto que os fazia condenáveis. Eles faziam parte de um pacote de falsa adoração. Ela não está condenando percussão, assim como não está condenando o órgão ou violinos presentes naquele culto. Ela adverte quanto ao uso inapropriado que fazemos deles levando ao caos na adoração e tornando a música um “laço”.</p>	<p>Concordamos mais uma vez que devemos nos “<i>ater ao que foi realmente dito</i>”. Por isso mesmo, neste caso, precisamos destacar que a frase “<i>Os tambores, juntamente com os outros instrumentos</i>” não está no texto, onde apenas os tambores (especificamente) e a música, no seu conjunto, são citados. A referência explícita aos outros instrumentos é particular do articulista.</p> <p>Mais uma vez, concordamos que Ellen G. White não condenou os instrumentos “<i>per se</i>”, mas sim o resultado sonoro e seus efeitos sobre os ouvintes. Mas novamente destacamos que os tambores foram citados diretamente, por seu peso para o resultado final, provavelmente por causa de suas características sonoras peculiares, sendo que o próprio articulista já reconheceu que estes instrumentos estavam, por causa de seu volume, batida incessante e hipnótica, “<i>contribuindo para o culto caótico</i>”.</p> <p>Não há uma condenação explícita, mas existe, efetivamente, uma advertência implícita direta contra esta classe de instrumentos.</p>
<p>5. Os gritos do movimento da Carne Santa eram mais próximos a ataques de histeria do que louvor. A palavra usada por S. Haskell para descrever os gritos da carne santa é “shriek”, que não tem um termo correspondente em português. Ela descreve um grito agudo estridente, de histeria ou terror.</p>	<p>O termo “<i>shriek</i>” não tem exclusivamente este sentido, podendo ser traduzido mais apropriadamente como “<i>guincho</i>”. Segundo os dicionários pesquisados, pode significar qualquer “<i>som agudo, semelhante a um grito humano</i>”, “<i>um som forte e agudo de uma risada</i>”, “<i>qualquer som forte e estridente, como um apito</i>”, ou no caso de verbo, “<i>emitir um som forte, agudo e estridente, como um pássaro</i>” (09)</p> <p>Porém, mesmo se considerarmos a palavra “<i>shriek</i>” no sentido estreito de grito histérico, não resta dúvida quanto à aplicabilidade da mesma no contexto evangélico e carismático atual, e não apenas àquela infeliz ocasião. Esta aplicabilidade confirma textualmente as palavras proféticas, que mencionam que “<i>Haverá gritos com tambores, música e dança.</i>”</p> <p>E, infelizmente, mesmo em alguns encontros adventistas temos presenciado “<i>tietes</i>” e “<i>fãs</i>” emitirem gritos histéricos e alucinados (embora não extáticos) em direção a seus “<i>ídolos</i>”, principiando a tornar verdadeiro o cumprimento desta profecia também em nosso meio.</p>
<p>No início de seu ministério, Ellen White gritava “Glória, glória, glória” no início de suas visões. Essa prática de dar brados <i>de</i> louvor era comum no culto adventista primitivo. Tiago White chamou de “mornos, enganados e endurecidos” os que se opunham aos gritos de louvor. [xix]</p>	<p>Acerca de Ellen G. White bradar “<i>Glória, glória, glória</i>” no início de suas visões, é extremamente interessante e esclarecedor contextualizarmos a citação mencionada aqui, mais uma vez, de maneira fragmentada e pinçada de seu contexto. A única referência a este fato, encontrada no catálogo virtual do Ellen G. White Estate (05), cita, literalmente:</p> <p style="text-align: center;"><i>“We were engaged in a prayer and social meeting Sabbath morning at about nine o'clock. Brother White, my father, and Sister White had prayed, and I was praying at the time. There</i></p>

had been no excitement, no demonstrations. We did plead earnestly with God, however, that He would bless the work in Michigan.

As Sister White gave that triumphant shout of "Glory! glory! glory!" which you have heard her give so often as she goes into vision, Brother White arose and informed the audience that his wife was in vision." (Bibliographical Books – White, Arthur – Ellen G. White: The Early Years, Volume 1 – 1827-1862, p. 275.)

Este trecho pode ser traduzido como:

*“Estávamos envolvidos em uma reunião de oração e social no sábado de manhã por volta das nove horas. O irmão White, meu pai e a irmã White haviam orado e eu estava orando naquele momento. **Não houvera nenhum excitação, nenhuma demonstração.** Contudo suplicamos fervorosamente a Deus para que ele abençoasse a obra em Michigan.*

Quando a irmã White deu aquele brado triunfante de “Glória! Glória! Glória!” que vocês já a ouviram dar com tanta freqüência quando entra em visão, o irmão White ergueu-se e informou à congregação que sua esposa estava em visão” (ênfase acrescentada).

Não há aqui referência alguma a um grito de excitação, mas de um brado reverente de triunfo num momento em que, explicitamente, não havia nenhum excitação.

Não encontramos referência a “brados de louvor” no culto adventista primitivo, a não ser em casos de manifestações de línguas estranhas e outras de cunho carismático, as quais foram combatidas por Ellen G. White, como por exemplo:

“Estou-vos contando esses incidentes a fim de saberdes aquilo por que temos passado. ... Alguns [fanáticos depois de 1844] dançavam para cima e para baixo, cantando: ‘Glória, glória, glória, glória, glória, glória.’ Por vezes eu ficava sentada quieta até que eles terminassem, e então me erguia e dizia: ‘Esta não é a maneira por que o Senhor opera. Ele não causa impressões assim. Precisamos dirigir a mente do povo à Palavra como o fundamento de nossa fé.’

Eu era apenas uma criança naquele tempo, e todavia tinha de dar repetidamente meu testemunho contra essa estranha operação. E sempre, desde então, tenho procurado ser muito, muito cuidadosa para que alguma coisa dessa espécie não entrasse no meio de nosso povo. Toda manifestação de fanatismo desvia a mente da evidência da verdade - a própria Palavra” (Mensagens Escolhidas, vol. 2, pags. 42 e 43).

Mais uma vez o articulista omite um trecho de sua citação, pinçando apenas as palavras que se enquadram em sua tese, de modo conveniente. Os textos inspirados, lidos na íntegra, como acima, firmam posição **contra** a excitação e êxtase.

No entanto o articulista usa o texto tentando sugerir o contrário, que os gritos de “Glória!” seriam gritos de êxtase, e que a falta destes

	<p>seria mornidão e dureza espiritual. Esta tentativa de usar textos fora de seus contextos, distorcendo e até mesmo invertendo o sentido original é – no mínimo – mais uma flagrante violação da mais básica exegese.</p> <p>A própria pena inspirada nos alerta exatamente sobre os perigos desse tipo de armadilha argumentativa e, embora referindo-se a textos bíblicos, acreditamos que a advertência aplica-se perfeitamente ao caso em questão. Ellen G. White escreveu:</p> <p><i>“Com o intuito de sustentar doutrinas errôneas ou práticas anticristãs, alguns apanham passagens das Escrituras separadas do contexto, citando talvez a metade de um simples versículo, como prova de seu ponto de vista, quando a parte restante mostraria ser bem contrário o sentido. Com a astúcia da serpente, entrincheiram-se por trás de declarações desconexas, interpretadas de maneira a convir a seus desejos carnis. Muitos assim voluntariamente pervertem a Palavra de Deus.”</i> (O Grande Conflito, p. 521 – ênfase acrescentada).</p> <p>Não encontramos referências à citação de Tiago White, mas encontramos uma carta de Ellen G. White (<i>Manuscript Releases</i>, vol. 21, nr. 1548, p. 238, já citado anteriormente) na qual ela combate a mornidão e falta de experiência espiritual de uma igreja local.</p>
<p>O grito de louvor no culto adventista da época era uma referência direta ao Salmo 98:4: <i>“Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os habitantes da terra; dai brados de alegria, regozijai-vos, e cantai louvores.”</i> (Veja também Salmo 132:9). Em Apocalipse 19:6, João descreve uma multidão que brada tão alto que ele parece ouvir trovões: <i>“Também ouvi uma voz como a de grande multidão, como a voz de muitas águas, e como a voz de fortes trovões, que dizia: Aleluia! porque já reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso”</i>.^[xx] O bradar aqui é o desejo incontrolável de louvar a Deus, muito diferente dos gritos estridentes da Carne Santa.^[xxi]</p>	<p>Os parágrafos anteriores tornaram bastante claros alguns fatos, que não podem ser negados:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ellen G. White costumava bradar <i>“Glória, glória, glória”</i> ao entrar em visão, mas não havia excitação nem carisma. Tratava-se de um brado de reverente louvor. Além disso, apenas ela falava, pois as outras pessoas que presenciavam ficavam reverentes, visto que compreendiam a solenidade do que estava ocorrendo. 2. Ellen G. White combateu direta e firmemente ocasiões em que grupos fanáticos começaram a gritar <i>“glória”</i> em demonstrações extáticas. 3. Não foram encontradas referências a qualquer ocasião em que Ellen G. White tenha encorajado cultos que continham elementos carismáticos, com altos brados e outras manifestações, como o articulista sugere ao citar Tiago White no trecho anterior. Pelo contrário, suas citações a este respeito sempre são de advertência contra esta prática. 4. Ellen G. White adverte decisivamente contra atitudes que chamem a atenção ao executante ou adorador (ver <i>Mensagens Escolhidas</i>, vol. 3, p. 333). <p>Fica evidente, portanto, a gritante distorção que o articulista pretende impingir ao pensamento e testemunho de Ellen G. White acerca de manifestações tendentes ao carisma durante a adoração adventista.</p> <p>Podemos afirmar isto com elevado grau de certeza, tendo em vista que Ellen G. White refere-se à música ideal para os nossos cultos a</p>

	<p>Deus como sendo “suave e pura” (<i>Educação</i>, p. 167) ou “em tons claros e suaves” (<i>Testemunhos Para a Igreja</i>, vol. 9, p. 143). Além disso, cita ainda que o canto deve ser “como a melodia dos pássaros, dominado e melodioso” (<i>Evangelismo</i>, p. 510).</p> <p>Uma interpretação do texto que não parta de uma opinião pré concebida estará muito mais inclinada a entender que tais adjetivos são completamente incompatíveis com o espírito defendido pelo articulista no trecho em questão, o que demonstra que o argumento utilizado pelo articulista é claramente tendencioso.</p>
<p>6. A ‘dança’ que ela menciona ter visto no culto em Indiana não era para adorar como recomenda Davi no Salmo 150 e sim um movimento estranho, espasmódico, que parecia incluir desmaios e era resultante do êxtase físico que acompanhava o culto.</p>	<p>Mais uma vez, destacamos, concordamos firmemente com a afirmação feita anteriormente pelo articulista que devemos nos “ater ao que foi realmente dito”. Com este intuito, vamos repetir aqui o trecho da Carta 132 ao irmão Haskell em que são citadas as danças:</p> <p style="text-align: center;"><i>“As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isto será chamado operação do Espírito Santo.”</i> (<i>Mensagens Escolhidas</i>, v. 2, p. 36)</p> <p>Contrariamente ao pretendido pelo articulista, o texto não está falando da dança que ela viu em Indiana. Ela está falando, inspirada por Deus, acerca do futuro, como pode ser facilmente compreendido pelos tempos verbais utilizados.</p> <p>Além disso, a palavra citada no texto original em Inglês é “<i>dancing</i>”. Esta palavra tem o mesmo significado da “dança” no idioma Português e traduz a idéia de movimentos coreográficos, normalmente ritmados ao som de música. Isto é bem diferente de “<i>movimento estranho, espasmódico, que parecia incluir desmaios</i>”.</p> <p>Ellen G. White está dizendo que este tipo de manifestação, a dança (bem como gritos e música com tambores), é “<i>estranha</i>” a um culto a Deus e ao resultado da verdadeira operação do Espírito Santo na vida do crente.</p> <p>Acerca da afirmação feita pelo articulista de que Davi recomenda a dança para a adoração no Salmo 150, será necessário nos demorarmos um pouco para analisar melhor esta questão.</p> <p>Iniciamos esta análise ressaltando que não há indicações precisas sobre o autor ou a época de composição do Salmo 150, embora Ellen White em <i>Fundamentos da Educação Cristã</i>, p. 371, possa ser interpretada como sugerindo Davi como autor.</p> <p>Podemos presumir que foi escrito no período anterior ao transporte da arca da aliança para Jerusalém, visto que este foi um período da história de Israel no qual ainda não havia sido revelada toda a luz sobre a questão da adoração aceitável, e estas manifestações ainda eram aceitas por Deus, uma vez que Ele não leva em conta o tempo de nossa ignorância, e dado que a luz Divina é derramada aos homens progressivamente.</p>

A base para esta suposição é que a última referência histórica ao uso de tambores e dança por parte do povo, em conjunção com um ato de adoração, foi por ocasião da primeira tentativa de transporte da arca para Jerusalém, a qual não foi bem sucedida (I Crônicas 13; II Samuel 6:1-10). Embora três meses depois, na segunda tentativa de transporte, Davi tenha saltado (dançado) de alegria diante do Senhor, o relato bíblico (I Coríntios 15; II Samuel 6:12-23) é claro em dizer que nesta ocasião não havia tambores ou outro instrumento de marcação rítmica. Além disso, o povo não dançava nesta ocasião, apenas Davi. Isto nos permite afirmar que a música nesta ocasião não era propícia para a dança, como foi na primeira tentativa, e que a manifestação de Davi foi individual e espontânea, não excitada externamente por um ritmo dançante.

Deste ponto da história de Israel em diante não mais encontramos relatos de danças ou tambores vinculados ao culto a Deus. Havia ainda essas práticas nos festejos e nas comemorações, na recepção aos heróis de guerra, etc., tanto no âmbito nacional quanto no ambiente familiar; mas não eram vinculadas diretamente ao culto de adoração.

Portanto, não é apoiado por fatos, e nem combina com o contexto histórico analisado, afirmar que Davi recomende a dança na adoração. O próprio Davi, ao planejar o sistema levítico no Templo que seria construído por Salomão, não usou tambores ou dança, o que seria de se esperar, caso ele tivesse uma posição claramente favorável ao uso dos tambores e de danças na adoração (I Crônicas 25:1, 6).

Quando o Rei Ezequias reavivou a adoração do Templo em 715 A.C., certamente o Salmo 150 já existia, mas ele seguiu meticulosamente as instruções e restrições dadas por Davi, "... porque este mandado veio do Senhor, por intermédio de seus profetas" (II Crônicas 29:25). Da mesma forma, dois séculos e meio mais tarde quando o Templo foi reconstruído sob a liderança de Esdras e Neemias, a mesma restrição foi aplicada novamente (Esdras 3:10; Neemias 12:27, 36), indicando a validade destas instruções séculos depois.

Acerca deste assunto, fazendo uma comparação com o livro de Daniel (especialmente Daniel 3, que cita os instrumentos da orquestra do rei Nabucodonozor), o erudito Jeremy Montagu escreve:

"As listas dos elementos musicais do Templo, relatadas em I Crônicas 15, quando comparadas com as passagens paralelas depois do retorno do exílio, são evidência da falta de mudanças, apesar da disponibilidade de uma escolha de instrumentos mais abrangente. Certamente a lista de instrumentos que encontramos em Daniel havia se tornado familiar aos filhos de Israel enquanto estavam na Babilônia, pois os eventos ali relatados ocorreram, todos eles, durante o exílio. E ainda assim não existem traços de quaisquer daqueles ou qualquer instrumento novo quando o serviço do Templo foi restabelecido sob Neemias e Esdras. O serviço era, talvez, mais elaborado, mas ainda com o mesmo equipamento" (Jeremy Montagu, "Musical Instruments of the Bible" (Instrumentos Musicais da Bíblia), p. 15, Scarecrow Press, Lanham, Md., & London, 2002),

	<p>Além disso, uma análise contextual simples, como manda a boa exegese, nos mostra que nem o Salmo 150, nem o anterior, poderiam ser utilizados como base argumentativa neste caso. Isto se deve à linguagem altamente figurativa desses dois salmos, a qual, dificilmente dá margem a uma interpretação literal acerca do padrão de música ou de instrumentos a serem utilizados no culto.</p> <p>O Salmo 149:5 encoraja o povo a louvarem o Senhor nos “leitos”. No verso 6, o louvor é feito com “<i>espadas de dois gumes</i>” nas mãos. Nos versos 7 e 8, o Senhor é louvado por castigar os povos, pôr os reis em cadeias, e os seus nobres em grilhões de ferro. É evidente que a linguagem é figurativa porque é difícil acreditar que Deus esperaria que as pessoas O louvassem estando em pé ou saltando sobre as camas ou enquanto brandem uma espada de dois gumes.</p> <p>O mesmo se aplica ao Salmo 150, que fala em louvar a Deus, de modo altamente figurativo. O salmista chama o povo de Deus para louvar o Senhor “<i>pelos seus poderosos feitos</i>” (verso 2) em todo lugar possível e com todo instrumento musical disponível. Noutras palavras, o salmo menciona o lugar onde louvar o Senhor, particularmente, “<i>no Seu santuário</i>” e “<i>no firmamento do Seu poder</i>”; a razão citada para louvar o Senhor, é por “<i>Seus atos poderosos. . . conforme a excelência da sua grandeza</i>”. (verso 2) (...).</p> <p>Este salmo só faz sentido se considerarmos a linguagem como sendo altamente figurativa. Por exemplo, não há nenhuma possibilidade do povo de Deus poder louvar o Senhor “<i>no firmamento do Seu poder</i>”, porque eles vivem na terra e não no céu. O propósito do salmo não é especificar o local e os instrumentos a serem usados na música de louvor na igreja. (...) Antes, seu propósito é convidar todo aquele que respira ou emite sons para louvar ao Senhor em todos os lugares. Interpretar o salmo como sendo uma permissão para dançar, ou tocar tambores na igreja, é interpretar de forma incorreta a intenção do Salmo e contradizer as regras que o próprio Davi deu com respeito ao uso de instrumentos na Casa de Deus. (ver Samuele Bacchiocchi – O Cristão e a Música Rock, capítulo 7, pp. 223, 224.) (06).</p> <p>Convém lembrar ainda que a linguagem destes dois salmos fala claramente sobre o louvor na vida pessoal e nacional, mas dificilmente poderia ser aplicada ao louvor no culto (adoração). Lembrando que na sociedade israelita da época a vida cotidiana estava intimamente entrelaçada com a religião; portanto todas as ocasiões de alegria eram consideradas como oportunidades de louvar a Deus, o que não se confunde com o culto solene. Os padrões estabelecidos por Davi para o ritual do templo destacam claramente esta diferenciação.</p>
<p>Como demonstramos acima, Ellen White sabia a distinção entre a dança afetada de movimentos estranhos ou sensuais^[xxii] e a dança “que tendia à lembrança de Deus”. (Veja Jeremias 31:13). Ellen White aqui aceita um tipo de dança ou movimento com características litúrgicas, que lembram a Deus e exaltam o Seu nome.</p>	<p>É importante termos em mente o contexto das citações propostas, para que não caiamos em distorções e falácias argumentativas. O texto da referência apontada pelo articulista (<i>The Voice in Speech and Song</i>, p. 424) diz o seguinte:</p> <p><i>“As exibições e contorções, e a desagradável aparência do esforço exagerado, têm estado tão fora de lugar na casa de Deus e sido tão cômicas que as impressões sérias causadas sobre as mentes são apagadas.”</i> (Para uma análise detalhada</p>

	<p>deste texto esclarecedor, veja o texto completo) (10)</p> <p>Ellen G. White não estava falando de dança, e nem de contorcionismos espasmódicos extáticos. Neste texto específico, ela fala de maneirismos e trejeitos corporais, com finalidades exibicionistas. Outro trecho, mais esclarecedor, do mesmo testemunho profético, diz o seguinte:</p> <p><i>“A movimentação física no cantar é de pouco proveito. Tudo que de algum modo está ligado com o culto religioso deve ser elevado, solene e impressionante. Deus não Se agrada quando pastores que professam ser representantes de Cristo, O representam mal quando movimentam o corpo em certas atitudes, fazendo gestos indignos e rudes. Tudo isso diverte, e estimula a curiosidade daqueles que desejam ver coisas estranhas, grotescas e curiosas, mas essas coisas não elevarão a mente e o coração daqueles que as presenciam. (Manuscript Releases, vol. 5, nr. 306, p. 196 – “Testimony Concerning Brother Stockings”, por volta de 1874.) (10)</i></p> <p>A leitura do contexto imediato do texto bíblico citado pelo articulista, de Jeremias 31:13, demonstra claramente que não se trata de um momento de culto, mas de uma hipotética festa nacional de júbilo pela restauração efetuada pelo Senhor. Adiante discorreremos mais detalhadamente acerca deste aspecto do relato bíblico histórico.</p> <p>Assim, fica patente mais uma vez o viés tendencioso da linha argumentativa do articulista, ao retirar um fragmento de um texto bíblico de seu contexto, ladeá-lo com idéias pessoais e apresentá-lo como sendo a revelação de Deus. Vemos aqui mais uma violação clássica da tão propalada exegese.</p>
<p>Portanto, em resposta à pergunta inicial dessa seção, “Tambores: Ponto Central?” parece claro que os tambores em Indiana eram apenas um elemento do cenário e não o centro da atenção. Além disso, Ellen White não condenou os tambores como originadores da heresia e do culto, como pretendem algumas interpretações da passagem. Eles eram secundários a uma teologia de adoração deturpada.</p>	<p>Apesar de concordarmos de maneira geral com o articulista acerca deste parágrafo, não podemos deixar de repetir que os tambores foram a única classe de instrumentos citados diretamente na severa advertência de Ellen G. White contra este tipo de manifestação. Obviamente que os tambores não eram os originadores da heresia, mas estavam ali porque serviam como o suporte mais apropriado àquele tipo de culto e aos propósitos buscados por aqueles adoradores, ou seja, alcançar o êxtase.</p> <p>Mas cabem as intrigantes perguntas: Por que desejaríamos tê-los novamente em nossos cultos? Que tipo de culto estaríamos pretendendo oferecer a Deus com esses instrumentos?</p> <p>Concordamos com o articulista quando ele afirma que os tambores de Indiana “eram secundários a uma teologia de adoração deturpada”. Porém, se o articulista realmente acredita nisto, por que se empenha em defender tão ferrenhamente, de forma específica, o retorno da utilização desta classe de instrumentos – que tem seu lugar nos terreiros dos cultos afro-brasileiros e nas igrejas carismáticas – em nossos cultos de adoração? Estaria ele afirmando implicitamente que voltamos a ter atualmente na Igreja Adventista “uma teologia de adoração deturpada”, na qual esses elementos secundários seriam necessários, mesmo que não estejamos mais esposando os conceitos errôneos do Movimento Carne Santa?</p>

<p>Também parece clara a distinção entre a legitimidade dos outros elementos da adoração adventista da época e o seu uso desvirtuado no culto da Carne Santa. Abaixo veremos outros aspectos importantes do contexto em questão.</p>	<p>A <i>“legitimidade dos outros elementos da adoração adventista”</i> é evidente, visto que esta é a herança que recebemos e que deveríamos defender. Ocorre que esta herança adventista de adoração não inclui nem nunca incluiu o uso de marcação rítmica dançante através do emprego de tambores ou o uso danças na adoração.</p>
<p>Ellen White e Instrumentos Musicais</p> <p>Uma busca da frequência da palavra “drums”, (tambores) nos escritos de Ellen White [xxiii] resulta em apenas 15 referências, das quais 14 são repetições da Carta 132 de 1900, que como vimos, se refere a um surdo de fanfarra e não à bateria moderna, embora o termo “drums” defina os dois. A outra referência relata uma visita de Ellen White a Basel, Suíça em dezembro de 1886, onde ela viu um treino militar de soldados e jovens suíços usando tambores. [xxiv]</p> <p>Já a palavra para tamborim na versão King James da Bíblia inglesa, “timbrels”, é mencionada somente 2 vezes, ambas favoravelmente no contexto de celebrações do povo de Israel. O outro termo para tamborim é “tabret” citado em Isa. 5:11 e também no encontro de Saul com um grupo de profetas de Deus que tocavam “saltério, tamborins, flauta e a harpa.” [xxv]</p>	<p>Ellen White e Instrumentos Musicais</p> <p>Não há o que comentar neste ponto, a não ser a estranheza de pretender realizar uma contagem das palavras relativas a instrumentos de percussão na versão King James. Se estamos analisando o ponto de vista de Ellen White com relação aos tambores, esta contagem no texto bíblico é sem sentido para a argumentação que se apresenta. Se, contudo, a contagem no texto bíblico é importante, para o embasamento de algum argumento, deveria ser feita a partir de textos originais, ou catálogos autorizados destes textos.</p> <p>Outro ponto que merece maior atenção é a afirmação de que as citações bíblicas são favoráveis ao uso de instrumentos de percussão nos cultos. Esta argumentação é falaciosa por, no mínimo, dois motivos, conforme expomos:</p> <p>Primeiro, as citações mencionadas pelo articulista provêm do fato sabido por todos os estudiosos do assunto que o uso de instrumentos da categoria dos membranofones (tambores, tamborins, pandeiros, etc.) fazia (e ainda faz) parte da cultura judaica, em todas as suas manifestações festivas. Além disso, sabendo-se que a nação judaica nos tempos do Antigo Testamento era fortemente teocrática, torna-se evidente que todas essas manifestações festivas, sejam culturais, folclóricas, nacionalistas, militares, etc., eram feitas em nome de Deus. Relembarmos estes fatos conhecidos aumenta sobremaneira a importância da não inclusão desta classe de instrumentos na lista de instrumentos permitidos no serviço do Templo (I Crônicas 15:16, 28; 25:1, 6; II Crônicas 5:12-13; 20:28; 29:25), no serviço levítico instituído por Davi. Podemos concluir que mais uma vez Deus procurou enfatizar o princípio de separação entre o “comum” e o “sagrado” (II Crônicas 29:25).</p> <p>Segundo, o fato de a Bíblia citar um evento não significa, necessariamente, que a aprovação divina repousava sobre o evento citado. Por exemplo, a Bíblia diz que Salomão teve 700 mulheres e 300 concubinas. Isso quer dizer que podemos ter esse número de esposas? Antes de responder, devemos levar em conta que não há, no texto bíblico, uma reprovação formal e direta ao número de esposas de Salomão. Porém, é óbvio que não podemos usar a mera citação como exemplo de aprovação divina, pois a citação em si é neutra, a não ser que o contexto indique que Deus aprovou (ou não) o ato. Em boa parte dos relatos históricos a Bíblia não faz juízo de valor, apenas relata os fatos. Portanto, mais uma vez evidencia-se a questão de que a simples contagem de palavras não acrescenta nada à argumentação do articulista.</p>
<p>Pela aparente falta de interesse no instrumento em si, o historiador adventista Arthur Patrick conclui que:</p> <p>considerando-se a riqueza e variedade dos escritos de Ellen</p>	<p>É importante não apenas notar que os <i>“tambores recebem pouquíssima atenção”</i>, mas também compreender corretamente o motivo desta falta de atenção. Conforme já dissemos, nem a marcação rítmica dançante através do uso de tambores nem as</p>

<p>White, tambores recebem pouquíssima atenção. ... O problema não é o instrumento mas o estilo em que é tocado e a falsa doutrina e emocionalismo que acompanham o seu uso. O uso de tambores é visto por Ellen White como tendo os mesmos problemas que a música tem. Obviamente o ponto em questão não é música em si, mas música inapropriada. [xxvi]</p>	<p>danças jamais foram admitidas em nossos cultos, exceto no episódio de Indiana e alguns casos isolados no passado, os quais foram prontamente combatidos. Portanto, não havia um problema generalizado com esta classe de instrumentos. Atualmente, contudo, existe uma grande disseminação de seu uso, sem qualquer parâmetro, o que tem causado inúmeros problemas e divisões na igreja. Ademais, também não podemos esquecer os problemas que levam à adoção de tais métodos de adoração, tanto no passado quando na atualidade. Podemos supor então que, caso Ellen G. White vivesse hoje, haveria muito mais citações a este respeito.</p> <p>Além disso, deve ser ressaltado que a “<i>pouquíssima atenção</i>” dada por Ellen G. White à questão do uso dos tambores no culto resume-se à única vez em que o assunto mereceu ser mencionado, que é o texto que estamos analisando. E, como temos demonstrado, a posição da mensageira do Senhor foi no sentido de reprovar incisivamente esta prática, tendo em vista os resultados do que ocorreu em Indiana. E, obviamente, tendo condenado seu uso dos tambores de forma tão enfática, não haveria necessidade de retornar ao tema, visto que seu conselho foi prontamente acatado.</p>
<p>Note que a resistência em se aceitar certos instrumentos no culto da igreja Adventista não é nova.</p> <p>Desde os primórdios do movimento até 1877, o canto congregacional era feito a cappella. Em 1877 Tiago White e John Loughborough experimentaram resistência quando tentaram incluir um órgão numa campal na Califórnia. Loughborough leu o Salmo 150 e até adicionou ‘órgãos’ na lista para defender o uso de instrumentos na adoração. Apesar do receio, os presentes notaram que o canto congregacional melhorou sensivelmente! [xxvii]</p> <p>Ellen White também interpretou os Salmos e seus instrumentos como literais e, por sua vez, não preferiu certos instrumentos em detrimento de outros. Ela falou em favor de se usar o violão no culto e quando esteve na Suécia, ela pediu que uma senhora não-adventista cantasse ao som do violão na abertura das reuniões. [xxviii]</p>	<p>Na verdade a resistência em aceitar “<i>certos instrumentos</i>” no culto da Igreja Adventista não é nova. Esta resistência iniciou-se quando houve a primeira tentativa de introduzi-los, e foi iniciada e liderada pela inspiração divina.</p> <p>No entanto, parecia-nos, pelo que depreendemos a partir do título, que o assunto em pauta neste artigo seria os instrumentos de percussão, notadamente a bateria. De qualquer forma, não vemos em qualquer uma dessas referências apresentadas pelo articulista qualquer citação autorizando o uso de tambores ou qualquer outro instrumento de percussão na adoração.</p> <p>Acerca da utilização de vários instrumentos no culto, sabemos que eles são bem-vindos em nosso culto e obviamente, quando executados dentro de um contexto de reverente adoração, produzindo música harmoniosa e suave (<i>Patriarcas e Profetas</i>, p. 637, <i>Testemunhos para a Igreja</i>, vol. 1, p. 146; vol. 9, pp. 143 e 144), acrescentam interesse (<i>Evangelismo</i>, p. 501) aos nossos momentos de louvor, provendo um acompanhamento que enriquece grandemente a música executada durante o decorrer da liturgia. Mas cabe a pergunta retórica: Os tambores, da maneira como normalmente são usados, também contribuem favoravelmente para o espírito de reverente adoração? Fornecem elementos para uma música harmoniosa e suave? Favorecem a adoração em espírito (emoções) e em verdade (mente) (João 4:23-24)?</p>
<p>Sobre a inclusão de vários instrumentos no culto, ela diz:</p> <p>Nas reuniões realizadas, escolham-se alguns para tomar parte no serviço de canto. E seja este acompanhado de instrumentos de música habilmente tocados. Não nos devemos opor ao uso da música instrumental em nossa obra. [xxix]</p> <p>Em nossas reuniões campais deve haver canto acompanhado de instrumentos musicais. [xxx]</p>	<p>Além dos textos citados pelo articulista, Ellen G. White também escreveu os trechos que se seguem, e que deveriam ser levados em consideração pelo atento estudioso do assunto, que esteja realmente interessado em compreender o arcabouço dos conselhos inspirados acerca do assunto:</p> <p style="text-align: center;"><i>“Há algo especialmente sagrado na voz humana. Sua harmonia e seu sentimento subjugado e inspirado pelo Céu supera todo instrumento musical. A música vocal é um dos dons de Deus aos homens, um instrumento que não pode ser</i></p>

O emprego de instrumentos de música não é de modo algum objetável. ... Os adoradores louvavam a Deus com harpa e com címbalo [percussão], e a música deve ter seu lugar em nossos cultos. Isto acrescentará o interesse nos mesmos.

Alegro-me de ouvir os instrumentos de música que tendes aqui. Deus quer que os tenhamos. [\[xxxii\]](#)

sobrepujado ou igualado quando o amor de Deus inunda a alma. Cantar com o espírito e com o entendimento também é um grande auxílio aos cultos na casa de Deus.” (Mensagens Escolhidas, v. 3, p. 335)

“A música só é aceitável a Deus quando o coração é consagrado, e enternecido e santificado por suas faculdades. Muitos, porém, que se deleitam na música não sabem coisa alguma de produzir melodia ao Senhor, em seu coração. Estes foram ‘após seus ídolos.’ (Ezequiel 6:9)”. (Evangelismo, p. 512).

“Ergam-se as vozes em cânticos de louvor e adoração. Que haja auxílio, se possível, de instrumentos musicais, e a gloriosa harmonia suba a Deus em oferta aceitável. Mas às vezes é mais difícil disciplinar os cantores e mantê-los em forma ordeira, do que desenvolver hábitos de oração e exortação. Muitos querem fazer as coisas à sua maneira. Não concordam com deliberações, e são impacientes sob a liderança de alguém. No serviço de Deus se requerem planos bem amadurecidos. O bom senso é coisa excelente no culto do Senhor.” (Obreiros Evangélicos, p. 325).

“Aparelhamento faustoso, ótimo canto e música instrumental na igreja não convidam o coro angelical a cantar também. À vista de Deus estas coisas são como galhos da figueira infrutífera, que só mostrava folhas pretensiosas. Cristo espera frutos, princípios de bondade, simpatia e amor. Estes são os princípios do céu, e quando se revelam na vida de seres humanos, podemos saber que Cristo, a esperança da glória, está formado em nós. Pode uma congregação ser a mais pobre da Terra, sem música nem ostentação exterior, mas se ela possuir esses princípios, os membros poderão cantar, pois o gozo de Cristo está em sua alma, e esse canto podem eles oferecer como uma oblação a Deus.” (Evangelismo, pp. 511, 512).

“A conformidade aos costumes mundanos converte a igreja ao mundo; jamais converte o mundo a Cristo.” (O Grande Conflito, pág. 512).

“Quando os professos cristãos alcançam a alta norma que é seu privilégio alcançar, a simplicidade de Cristo será mantida em todo o seu culto. As formas, cerimônias e realizações musicais não são a força da igreja. No entanto, estas coisas tomaram o lugar que deveria ser dado a Deus, tal como se deu no culto dos judeus. O Senhor revelou-me que, se o coração está limpo e santificado, e os membros da igreja são participantes da natureza divina, sairá da igreja que crê na verdade um poder que produzirá melodia no coração. Os homens e as mulheres não confiarão então em sua música instrumental, mas no poder e graça de Deus, que proporcionará plenitude de alegria.” (Evangelismo, p. 512)

Como já foi dito, Ellen White era equilibrada em suas posições, e é preciso levar em conta todo o conjunto de sua obra. Não é uma boa prática de exegese pinçar apenas os textos que nos interessam,

	<p>usando-os para tentar defender um ponto de vista que nos agrada, mas que nunca esteve nas intenções da autora dos textos originais.</p> <p>O articulista lança mão deste recurso reiteradas vezes, conforme já apontamos, cabendo ao leitor, novamente, entender de que lado está a verdade, e de que lado está o sofisma.</p>
<p>Veja que ela não tentou criar uma distinção arbitrária entre instrumentos “sacros” e “profanos”.[xxxii] Não há em seus escritos nada que apóie essa distinção, tampouco há na Bíblia. Citar certos instrumentos musicais e outros elementos omitidos ou incluídos no ritual do Templo como modelo para nossa adoração é incoerente, pois elementos que incluímos hoje foram omitidos, e.g., mulheres oficiando, a congregação participando dentro do “santuário”, enquanto instrumentos musicais que eram usados no Templo também faziam parte de festas e cultos pagãos.[xxxiii] Por isso, o que ocorria no Templo não é modelo para o que ocorre na Igreja pois ambos tinham diferentes funções.[xxxiv]</p> <p>Ellen White se opôs a qualquer instrumento, não só de percussão, quando usado para criar confusão na adoração e em apoio a manifestações estranhas e caóticas:</p> <p>É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com música do que usar instrumentos musicais para fazer a obra que ... seria introduzida em nossas reuniões campais. ... Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção.[xxxv]</p> <p>Veja que ela inclui aqui todos os instrumentos musicais que estavam sendo usados na campal em Indiana, como vimos acima e não somente os “tambores”. É digno de nota que para apoiar uma certa interpretação, se enfatize os tambores somente, mas claramente não é essa a intenção da mensagem. Veremos mais sobre essa prática no fim do artigo.</p>	<p>Realmente não existe, do ponto de vista bíblico ou profético, uma “<i>distinção arbitrária entre instrumentos ‘sacros’ e ‘profanos’</i>”. Mas existe claramente uma distinção entre alguns instrumentos que podiam ser usados no templo e outros que não podiam, e havia um motivo muito sério para esta distinção: “<i>porque este mandado veio do Senhor, por mão de seus profetas</i>” (II Crônicas 29:25). Querer desconsiderar completamente esta instrução é um assunto sério, que pode equivaler a um espírito de rebeldia contra a vontade expressa de Deus.</p> <p>Como profetiza de Deus, Ellen G. White sabia dessa distinção já estabelecida e não teria qualquer motivação para fornecer uma nova lista ou nova advertência a favor ou contra estes instrumentos e seu uso na adoração. Obviamente, as instruções e advertências dadas por ela enquadram-se neste padrão já estabelecido biblicamente.</p> <p>Note que, quando o serviço levítico foi implantado, não houve uma proibição expressa a certos instrumentos, mas houve uma ordem expressa para que apenas certos instrumentos fossem utilizados, e esta ordem foi obedecida à risca, pois quem ordenou foi Deus.</p> <p>Se a ordem foi dada (e sabemos que o foi), o que importa é termos consciência de que alguns instrumentos, apesar de serem usados comumente na cultura judaica, não foram aceitos no templo e, a partir disso, tentarmos compreender os princípios que se aplicam às instruções divinas, entre eles porque uma lista tão restrita de instrumentos foi aceita no serviço de adoração no templo, e alguns (e não apenas os instrumentos de percussão) não foram admitidos.</p> <p>Mas não precisamos entrar em conjecturas e pressuposições; na verdade, a causa subjacente é comum a muitos erros que temos notado sendo introduzidos na igreja, e não apenas da área da música e da adoração. Deixemos que a serve do Senhor fale acerca do santuário e seu significado para a nossa adoração hoje.</p> <p><i>“Da santidade atribuída ao santuário terrestre, os cristãos devem aprender como considerar o lugar onde o Senhor Se propõe encontrar-se com Seu povo. Houve uma grande mudança, não para melhor mas para pior, nos hábitos e costumes do povo em relação ao culto religioso. As coisas sagradas e preciosas, destinadas a ligar-nos a Deus, estão quase perdendo sua influência sobre nossa mente e coração, sendo rebaixadas ao nível das coisas comuns. A reverência que o povo antigamente revelava para com o santuário onde se encontrava com Deus, em serviço santo, quase deixou de existir. Entretanto, Deus mesmo deu as instruções para Seu culto, elevando-o acima de tudo quanto é terreno.”</i> (Testemunhos para a Igreja, vol. 5, pp. 491)</p> <p>Obviamente, devemos compreender que há diferenças fundamentais</p>

	<p>de forma e propósito, entre o serviço no santuário móvel e no templo de Jerusalém e os cultos realizados em nossas igrejas atuais. Aqueles antigos centros de adoração também tinham uma função que não corresponde à das nossas igrejas, e concordamos que a sua função, bem como o seu ritual e sua liturgia não podem ser transpostos diretamente para a igreja cristã, assim como não foram transpostos nem mesmo para a liturgia da sinagoga, que já exercia, naquela época, um papel totalmente diferente.</p> <p>Porém, a serva do Senhor enfatiza que há lições a serem aprendidas e tentar eclipsá-las ou anuviá-las na mente do povo nunca pode estar de acordo com a vontade de Deus. O texto acima nos orienta a aprender dos princípios de reverência, adoração e santidade que eram a referência de todo o serviço do santuário. Portanto é necessário, é nosso dever, entender corretamente esses princípios e aplicá-los aos nossos cultos, com a devida atenção aos diferentes objetivos e culturas.</p>
<p>Se tambores e percussão fossem incompatíveis com a música sacra, era de se esperar que ela articulasse sua posição especificamente e em termos típicos como: “Foi-me mostrado que os tambores e tamborins são ofensivos a Deus e não devem ser usados em seu culto e na música do Senhor” como ela fez em outros assuntos de vital importância para a igreja Adventista. Mas tal citação não existe. Por isso, justificar a proibição indiscriminada do uso da bateria hoje porque ela traz automaticamente “ruído e confusão” não pode ser sustentada pelos escritos de Ellen White.</p>	<p>Ellen G. White não se pronunciou expressamente sobre muitas coisas que hoje consideramos altamente prejudiciais para a nossa vida espiritual. Por exemplo, ela não disse nada sobre a televisão. Será, então que não precisamos tomar cuidado ao selecionar o que assistimos (se assistirmos), somente porque ela não deu qualquer advertência explícita sobre isso? É óbvio que todos reconhecemos os malefícios deste aparelho, quando mal utilizado. Não seria útil, portanto, lermos as suas instruções acerca de outros meios de comunicação e de mídia, impressa ou não, existentes à sua época e aplicá-los a este caso em particular?</p> <p>Ellen White também não articulou sua posição inequivocamente em termos típicos como: “Foi-me mostrado que usar cocaína, heroína, <i>crack</i>, <i>ecstasy</i> e maconha são ofensivos a Deus e não devem ser usados por seus filhos, quer seja em casa ou na igreja”. Baseado na lógica distorcida do articulista, então a profetiza do Senhor seria favorável ao uso dessas drogas pelo povo separado para Deus o qual habitará no Céu e na nova terra eternamente. Ora, assim como sabemos claramente – por princípio e não por declaração específica incluindo seus diversos tipos – que tais drogas são prejudiciais ao organismo e seus efeitos afastam o ser humano da adoração conscienciosa a nosso Deus, também deveríamos saber – uma vez que temos princípios a este respeito – que a utilização de música de maneira a favorecer o barulho e o alarido – sejam quais forem os estilos e instrumentos utilizados – não são apropriados ao culto, sem a necessidade de que sejam dadas instruções específicas acerca de estilos e instrumentos musicais a serem utilizados na adoração verdadeira a Deus.</p> <p>Apesar de haveremos citado coisas que a serva do Senhor não condenou – uma vez que não existiam no seu tempo – aplicando este silêncio ao caso da bateria, permanece o fato que os “<i>tambores e tamborins</i>” citados pelo articulista já existiam em seu tempo (afinal, foram usados e Indiana) e ela não se manifestou condenando-os de forma específica, exceto no texto que estamos analisando.</p> <p>Porém, temos que destacar que, mais importantes e possivelmente prejudiciais às práticas cúlticas adventistas do que objetos como “<i>tambores e tamborins</i>” seriam as práticas religiosas existentes em</p>

seu tempo. Mas ao observarmos este assunto constatamos que ela também não condenou algumas práticas religiosas enganosas contemporâneas a ela como, por exemplo, o culto aos antepassados (realizados pelas religiões orientais), o culto a espíritos pagãos (realizado pelos índios americanos e pelos escravos africanos) e a autoflagelação (realizada pelos católicos).

Por que este silêncio acerca de algo tão potencialmente prejudicial? A resposta é óbvia: estes elementos não foram condenados simplesmente porque não representavam problemas naquele tempo, nem o Senhor lhe revelou que representariam problemas sérios no futuro. Fica claro que o mesmo raciocínio se aplica aos *“tambores e tamborins”*, isoladamente: eles não representavam qualquer problema naquela época, não tinham qualquer espaço em nossa prática litúrgica.

Também podemos ver claramente que, na única ocasião em que isto ocorreu, em uma reunião campal (nem mesmo era no edifício de uma igreja consagrada) a reprovação foi incisiva e direta, advertindo ainda para o perigo que estes instrumentos representariam para a igreja no futuro.

Portanto, a afirmação do articulista de que *“Se tambores e percussão fossem incompatíveis com a música sacra, era de se esperar que ela articulasse sua posição especificamente e em termos típicos...”* é, no mínimo, leviana e tendenciosa. Mais uma vez, devemos nos ater ao que está escrito, buscando compreender os princípios contidos nos textos de Ellen White, bem como na Bíblia, de modo a usá-los como diretrizes e orientações, ao invés de tentar colocar na pena do profeta os nossos próprios conceitos e expectativas.

Da mesma forma como ela não proibiu terminantemente, de forma explícita, os tambores, ela também não os autorizou de forma explícita, conforme já notamos anteriormente. Ora, se havia uma ordem divina, a qual não autorizava a utilização de instrumentos de percussão - conforme vimos ao estudar acerca da organização do serviço levítico no Templo, bem como a sua reorganização – então uma nova luz deveria ser dada, autorizando a igreja remanescente a assumir uma posição diferente daquela que já estava estabelecida.

Isto foi verdade com relação a vários pontos doutrinários, como o sábado e a reforma de saúde, por exemplo. Nas doutrinas relativas a esses pontos, os pioneiros iniciaram agindo de certa forma, mas no decorrer do tempo receberam luz adicional, o que os fez mudar de posicionamento e atitude. (11) Vale ressaltar que a luz a respeito desses assuntos sempre veio primeiro a partir do estudo da Bíblia, sendo então ratificada e aprofundada pela revelação profética. Claro, a questão dos tambores não é um problema doutrinário, mas de prática cristã. Ocorre que na área da prática cristã também tivemos conselhos específicos como, por exemplo, na questão do vestuário. (*A Ciência do Bom Viver*, pp. 207, 271, 287-290; *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pp. 302-306, etc.)

O articulista acredita que não é possível justificar uma restrição (note que não utilizamos os termos “condenação” ou “proibição”) ao uso de instrumentos de percussão em nossos cultos, embasada nos textos de Ellen G. White, tendo em vista a questão do *“ruído e confusão”*.

Porém, ao lermos os textos abaixo descobriremos algumas características comuns da música descrita como apropriada aqui na terra ou da música celestial, o que nos leva a pensar de maneira contrária (ênfases acrescentadas):

*“Pensam alguns que, quanto mais alto cantarem, tanto mais música fazem; barulho, porém, não é música. O bom canto é como a melodia dos pássaros - **dominado e melodioso.**”* (Evangelismo, p. 510)

*“Nunca se deve perder de vista o valor do canto como meio de educação. Que haja cântico no lar, de hinos que sejam **suaves e puros**, e haverá menos palavras de censura e mais de animação, esperança e alegria. Haja canto na escola, e os alunos serão levados para mais perto de Deus, dos professores e uns dos outros.”* (Educação, p. 168)

*“Não é necessário um cântico ruidoso, mas entoação clara, pronúncia correta e expressão vocal distinta. Que haja tempo para o cultivo da voz de modo que o louvor a Deus possa ser entoado em **tons claros e suaves, não com aspereza e estridência** que ofendem o ouvido.”* (Testemunhos Para a Igreja, vol. 9, p. 143)

*“Entre os anjos não há tais exibições musicais como as que tenho visto algumas vezes em nossas reuniões. (...) O cântico deles **não irrita os ouvidos. É macio e melodioso...**”* (Mensagens Escolhidas, Vol. 3, p. 333).

*“Os anjos dirigentes desferirão o tom, e então todas as vozes se alçarão em louvor **grato e feliz**, e todas as mãos deslizarão habilmente sobre as cordas da harpa, originando uma música **melodiosa, com acordes ricos e perfeitos**”* (Primeiros Escritos, pp. 288-289).

*“Seus dedos não corriam pelas cordas descuidosamente, mas faziam vibrar diferentes cordas para produzir **diferentes acordes... majestosa e perfeita** música do Céu”* (Visões do Céu, p.182).

*“Depois dos anjos dirigentes, todas as mãos deslizam com maestria sobre as cordas da harpa, tirando-lhes uma música **suave em ricos e melodiosos acordes.** Diante da multidão está a cidade santa. Jesus abre as portas e a angélica multidão entra por elas, enquanto a música prorrompe em **arreatadora melodia**”* (O Grande Conflito, p. 651).

*“Por entre o agitar dos ramos de palmeiras, os redimidos derramam um cântico de louvor, **claro, suave e melodioso;** todas as vozes apreendem a harmonia até que reboa pelas abóbadas do Céu...”* (Visões do Céu, p. 180).

Vemos que algumas características são repetidamente destacadas: a música é “suave”, “melodiosa”, “harmoniosa” ou possuindo “acordes”. Obviamente, cabe destacar o fato que a bateria (ou outros instrumentos de percussão de tom indefinido) não contribuem para essas características, uma vez que não conseguem produzir tons,

	<p>apenas ruídos.</p> <p>Além disso, Ellen G. White não escreveu diretamente sobre tambores, condenando de forma veemente sua utilização na marcação rítmica nos cultos de adoração – exceto no texto sobre a campal de Indiana, que estamos analisando – simplesmente porque até a sua morte este problema não existia, assim como, por exemplo, não existia a televisão, sobre a qual ela também não escreveu. Este ponto será detalhado posteriormente.</p> <p>É importante compreendermos que Deus estabelece limites, e que embora a sociedade humana mude freqüentemente – e hoje adote um raciocínio pós moderno, no qual não existe conceito preciso de certo e errado – Deus não muda, e continua a definir claramente uma linha separadora entre o certo e o errado, o puro e o impuro, o justo e o ímpio, o sagrado e o profano. E se queremos ser o povo de Deus, temos que pautar nossa vida, nossa linha de pensamento e nossos princípios pela filosofia divina, claramente estabelecida na Sua palavra, e não na filosofia humana. É claro que a contribuição da filosofia humana é sempre bem-vinda, desde que não se oponha à Palavra de Deus.</p>
<p>Na Bíblia, tamborins e címbalos e outros instrumentos eram usados em situações de exultação, na adoração vibrante e para festividades do povo de Deus.[xxxvii] Essas características da percussão nos permitem concluir que se a bateria for habilmente utilizada na música e no culto, sem se tornar um fim em si mesma e como parte de um contexto musical equilibrado, ela pode na realidade facilitar o culto energético e vibrante que Ellen White preferia ao culto formal e friamente solene.[xxxviii]</p> <p>Esperar também que todos toquem os mesmos instrumentos e tenham o mesmo talento musical não é a visão Bíblica da adoração. O Salmo 150 permite que todos usem seus variados talentos musicais em adoração a Deus:[xxxviii]</p> <p>Aleluia! Louvem a Deus no seu santuário, louvem-no em seu magnífico firmamento. Louvem-no pelos seus feitos poderosos, louvem-no segundo a imensidão de sua grandeza! Louvem-no ao som de trombeta, louvem-no com a lira e a harpa, louvem-no com tamborins e danças, louvem-no com instrumentos de cordas e com flautas, louvem-no com címbalos sonoros, louvem-no com címbalos ressonantes. Tudo o que tem vida louve o SENHOR! Aleluia! (Salmo 150, NVI)[xxxix]</p> <p>e Ellen White adiciona que</p> <p>A diversidade de dons leva à diversidade de operações mas é “o mesmo Deus que opera em todos. (1 Coríntios 12:6).[xi]</p> <p>...pois nem todas as mentes devem ser alcançadas pelos mesmos métodos.[xii]</p>	<p>O convite ao louvor presente não apenas no Salmo 150, mas também na grande maioria dos outros salmos e em inúmeros outros textos bíblicos, principalmente do Antigo Testamento, deve ser, necessariamente, interpretado à luz da cultura hebraica do Antigo Testamento. Lembremo-nos de que as sociedades da época (e não apenas a israelita) estavam profundamente baseadas na religião, a qual envolvia todos os aspectos da vida, e não apenas os de cunho estritamente religioso. Especialmente no caso dos israelitas as festas ordenadas por Deus tinham não apenas caráter religioso, mas também possuíam um caráter fortemente social.</p> <p>De maneira análoga, as festas populares, sejam folclóricas ou de comemoração de vitórias militares, possuíam um forte componente religioso, pois Deus era o próprio centro da sociedade; Ele era o responsável final pela alegria popular expressa naquelas festas.</p> <p>Assim, havia um convite permanente ao louvor a Deus em todo tipo de atividade, tanto as corriqueiras do dia a dia, como as sociais, além, evidentemente, das eminentemente religiosas. Portanto o louvor a Deus não estava, naquele contexto sócio-cultural, sempre e necessariamente ligado a um contexto estritamente religioso, ou a um ambiente de adoração solene.</p> <p>É importante notarmos que “<i>louvor</i>” é um ato inerentemente diferente de “<i>adoração</i>”, embora o primeiro possa fazer parte do segundo. O Pr. Valdeci Júnior, em seu artigo intitulado “A Diferença Entre Louvor e Adoração” (12), destaca o seguinte:</p> <p><i>O Que é Louvor</i> - A palavra louvor significa “ato de louvar, aplauso, elogio, encômio. Apologia de uma obra meritória”. Tem como antônimo “<i>censura e crítica</i>”. Sendo assim o louvor pode ser dirigido a pessoas, instituições, ideologias, objetos, lugares, animais, e outras coisas, através de elogios, aplausos, cânticos, falas poéticas, apologéticas, informais, etc. Por exemplo, quando cantamos o Hino Nacional</p>

Brasileiro, estamos louvando o Brasil. Portanto louvar significa “admirar, falar bem, elogiar, engrandecer”. Diariamente, estamos louvando muitas coisas ao nosso redor. Quando louvamos a Deus, estamos admirando os atributos do Seu caráter: fidelidade, bondade, amor, longanimidade, retidão, justiça, misericórdia, etc. Usamos as expressões dos nossos anseios para fazer isto. Qualquer um pode fazer isto. A natureza, por exemplo, também pode louvar a Deus (Salmos 19:1). Louvor é algo que qualquer um pode dar a qualquer coisa ou pessoa (Salmos 9:11; 33:2; 67:3; 42:12).

O Que é Adoração - O vocábulo adoração deriva da palavra em latim *adorare*, que etimologicamente vem a ser “falar com”. O dicionário define seu significado como “ato de adorar; culto a Deus; amor profundo”. É render culto a Deus, coisas ou pessoas considerados como sendo santos. É prostrar-se diante de algo em “sinal de reconhecimento, rezar, idolatrar, amar apaixonadamente”.

Conforme notado no mesmo artigo citado acima, as palavras hebraicas para “louvor” e “adoração” são diferentes:

*“A palavra traduzida mais freqüentemente para adorar é o vocábulo hebreu *shachah*, que aparece mais de 170 vezes na Bíblia hebréia com o significado de “adorar, prostrar-se, inclinar-se” (Êxodo 34:8; Salmos 66:4; 95:6; Zacarias 14:16). A outra palavra é *abhôdhâ*, que significa servir com temor reverente, admiração e respeito.”*

*“As palavras no Antigo Testamento para louvor vêm do hebraico *hâlal*, que significa fazer ruído, *yâdhâ*, que está associada às ações e gestos corporais que acompanham o louvor e, *zâmar*, que é associada à música tocada e cantada.”*

Portanto, o Salmo 150, bem como o 149 e outros, ao utilizarem, como fazem, o termo hebraico “*halal*” (traduzida como “*louvai*”, de onde veio o nosso “*aleluia*”) não estão descrevendo o momento do culto de adoração solene, no templo, mas os momentos de louvor coletivo, ocorridos na vida cotidiana da comunidade judaica. Obviamente que os tambores e as danças eram aceitas na cultura folclórica israelita (como o são até os dias de hoje), mas nunca foram aceitas nos momentos de adoração, deste o período do Tabernáculo no deserto.

Destacamos aqui o seguinte texto da pena inspirada:

“É um fato deplorável que a reverência pela casa de Deus esteja quase extinta. As coisas e lugares sagrados quase já não são discernidos; as coisas santas e elevadas não são apreciadas. Não haverá uma causa para essa falta de legítima piedade nas famílias? Não será acaso por que a elevada norma da religião esteja abatida até ao pó? Deus deu a Seu povo na antigüidade procedimentos precisos e exatos. Porventura Seu caráter foi mudado? Não é mais o Altíssimo e Todo-Poderoso que domina sobre o Universo? Não conviria lermos com freqüência as instruções que Deus mesmo Se dignou dar aos antigos hebreus para que nós, que temos a verdade gloriosa radiando sobre nós, os imitemos em

	<p><i>sua reverência para com a casa de Deus? Temos motivos de sobra para alimentar espírito de fervor e devoção na adoração a Deus. Temos até motivos para ser mais ponderados e reverentes em nosso culto do que os judeus. Mas um inimigo tem estado a trabalhar, a fim de destruir nossa fé na santidade da adoração cristã.” (Testemunhos para a Igreja, vol. 5, pp. 495-496)</i></p>
<p>Estilo da Música</p> <p>É importante ressaltar também que Ellen White não aborda o estilo composicional da música da Carne Santa. Ela se concentra no efeito da música quando agregada a práticas estranhas e caóticas no culto. Ela concorda que as mesmas músicas usadas de maneira apropriada, seriam uma bênção. [xlili]</p>	<p>Estilo da Música</p> <p>Ellen White nunca teve a pretensão de abranger diretamente as questões relacionadas com os aspectos técnicos da música. Mesmo porque, o que é fundamental em seus escritos de forma geral e nos escritos relativos a este tema de forma específica, são os princípios espirituais envolvidos, uma vez que, quando falamos de música sacra, ou música para o culto, estamos falando de música aplicada, ou seja, música composta e executada para se chegar a um objetivo determinado; no caso, a elevação espiritual e a expressão da adoração.</p> <p>Porém, consideramos que afirmar que <i>“Ela concorda que as mesmas músicas usadas de maneira apropriada, seriam uma bênção”</i> é uma distorção séria, leviana, para não entrarmos diretamente no mérito das intenções do articulista, visto que isto não nos compete. O texto citado como referência diz, textualmente, o seguinte:</p> <p><i>“O Espírito Santo nada tem que ver com tal confusão de ruído e multidão de sons como me foram apresentadas em janeiro último. Satanás opera entre a algazarra e a confusão de tal música, a qual, devidamente dirigida, seria um louvor e glória para Deus. Ele torna seu efeito qual venenoso aguilhão da serpente.” (Mensagens Escolhidas, v. 2, p. 37)</i></p> <p>A pergunta que se impõe imediatamente é: qual a diferença que se poderia esperar entre uma música descrita como <i>“confusão de ruído e multidão de sons”</i>, com <i>“algazarra”</i> e <i>“confusão”</i>, através da qual Satanás opera e uma música <i>“devidamente dirigida”</i>, a qual <i>“seria um louvor e glória para Deus”</i>? Seria a mesma música, somente melhor organizada? Que elementos estariam presentes em uma e ausentes em outra e vice-versa? Fica evidente que, para que os efeitos sejam opostos, a própria música deve ser oposta em seus elementos constituintes, ou seja, na harmonia, na melodia, e no ritmo.</p> <p>Assim, não fica difícil compreender, para qualquer pensante bem intencionado, que aquilo que Ellen White tinha em mente quando escreveu: <i>“Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção”</i> não era, efetivamente, que <i>“as mesmas músicas usadas de maneira apropriada, seriam uma bênção”</i>, como pretende o articulista.</p> <p>Um leitor do texto inspirado que não parta de uma opinião pré concebida estará muito mais inclinado a entender que quando ela escreveu a expressão <i>“aquilo que, se devidamente dirigido”</i> estava se referindo à música em si, ao fato de haver música no culto, de forma geral, e não àquelas músicas específicas que estavam sendo utilizadas naquele culto em particular.</p>

	<p>Na verdade, podemos concluir com segurança que, de acordo com o texto de Ellen G. White, caso aquele culto houvesse sido “<i>devidamente dirigido</i>” aquelas músicas nunca teriam sido permitidas; aqueles instrumentos nunca teriam sido tocados daquela forma; teriam sido apresentadas músicas de acordo com o verdadeiro espírito de adoração (conforme as características musicais descritas nos textos que destacamos acima e outros que citaremos a seguir) e neste caso a música, em vez de levar às manifestações de êxtase observadas pelo irmão Haskell, “<i>seria uma bênção</i>”.</p>
<p>Segundo o testemunho da irmã Haskell, o movimento usava o hinário adventista da época [xliii] e também a coletânea Garden of Spices [xliv] que refletia o estilo de reavivamentos do Exército da Salvação (veja nota de rodapé 1) e que continha algumas melodias populares da época com letra cristã. [xlv]</p>	<p>Mais uma vez, o articulista distorce a argumentação, ao tentar passar a idéia de que o hinário adventista tradicional houvesse sido usado pelos responsáveis pelo movimento da Carne Santa da mesma forma que a coletânea “<i>Garden of Spices</i>”, ou que atribuíssem a ambos o mesmo peso de importância. Na verdade, a frase é construída de forma a dar a entender que o hinário adventista teria uma certa primazia com relação à coletânea. O fato é que, contrariamente ao afirmado pelo articulista, o grupo responsável pelo movimento da Carne Santa raramente usava o nosso hinário, dando preferência ao “<i>Garden of Spices</i>”, conforme relata a esposa do irmão S. N. Haskell, a qual estava presente ao evento:</p> <p style="padding-left: 40px;"><i>“Seu livro de músicas é ‘Garden of Spices’ e tocam músicas dançantes com letra sagrada. Nunca usam nosso próprio hinário, exceto quando os irmãos Breed ou Haskell pregam, então eles iniciam e terminam com um hino do nosso hinário, mas todos os outros hinos são do outro livro. Eles gritam ‘Amém’, ‘Louvado seja o Senhor’ e ‘Glória a Deus’ como o serviço de culto do Exército de Salvação. É penoso para a alma de alguém. As doutrinas pregadas correspondem ao resto. O pobre rebanho está verdadeiramente confuso”</i> (Relatório de Sara S. N. Haskell a Sara McEnterfer (secretária de Ellen G. White), 12 de setembro de 1900 – ênfase acrescentada) (13).</p> <p>Cabe a pergunta: Qual seria a intenção do articulista – que apresenta-se como conhecedor destes textos – ao causar esta clara distorção, que chega a beirar a falta com a verdade? Não entraremos no mérito de tentar responder a esta questão, visto que não nos cabe conhecer as intenções de outrem; porém, o leitor atento reconhecerá que a argumentação do articulista é, claramente, tendenciosa e distorcida, o que, conseqüentemente, leva a conclusões igualmente tendenciosas e distorcidas.</p>
<p>É importante explorar essa questão porque os argumentos contra a bateria não se limitam a citar o movimento da Carne Santa, mas incluem também outras citações de Ellen White que supostamente apóiam um certo estilo de musical em detrimento de outro. [xlvii] Porém, um estudo exaustivo e minucioso da visão de música nos escritos de Ellen White não revela nenhuma preferência por técnicas de composição melódica, ritmo, estilo ou instrumentos da música aceitável, se erudita do período Barroco, Clássico ou Romântico ou mesmo contemporânea. [xlviii]</p>	<p>A inclusão de textos que claramente “<i>apóiam um certo estilo musical em detrimento de outro</i>” no debate acerca da música apropriada para o culto faz-se dentro do modelo exposto no primeiro trecho desta seção, como o próprio articulista reconhece ao dizer que “<i>Ellen White dá sim qualidades gerais da música apropriada para a adoração</i>”.</p> <p>Desta forma, embora a autora inspirada sabiamente evite a citação de estilos musicais específicos, faz clara menção de princípios ou características gerais, as quais devem nortear a música de adoração. Por exemplo (ênfases acrescentadas):</p> <p style="padding-left: 40px;"><i>“A música pode ser um grande poder para o bem; contudo não tiramos o máximo proveito desta parte do culto. O</i></p>

	<p><i>cântico é geralmente originado do impulso ou para atender a casos especiais, e em outras vezes os que cantam o fazem mal, e a música perde o devido efeito sobre a mente. A música deve possuir beleza, poder e faculdade de comover. Ergam-se as vozes em cânticos de louvor e adoração. Que haja auxílio, se possível, de instrumentos musicais, e a gloriosa harmonia suba a Deus em oferta aceitável” (Evangelismo, p. 505).</i></p> <p><i>“Pode-se fazer grande aperfeiçoamento no canto. Pensam alguns que, quanto mais alto cantarem, tanto mais música fazem; barulho, porém não é música. O bom canto é como a melodia dos pássaros – dominado e melodioso. Tenho ouvido em algumas de nossas igrejas solos que eram de todo inadequados ao culto da casa do Senhor. As notas longamente puxadas e os sons peculiares, comuns ao canto de óperas, não agradam aos anjos. Eles se deleitam em ouvir os simples cantos de louvor entoados em tom natural. Os cânticos em que cada palavra é pronunciada claramente, em tom harmonioso, eis os que eles se unem a nós em cantar. Eles se unem a nós em cantar. Eles tomam o estribilho entoado de coração com o espírito e o entendimento.” – Manuscrito 91, 1903 (Evangelismo pp. 510 e 511).</i></p> <p><i>“A melodia do canto, derramando-se dos corações num tom de voz claro e distinto, representam um dos instrumentos divinos na conversão de almas. Todo o serviço deve ser efetuado com solenidade e reverência, como se fora feito na presença pessoal de Deus mesmo” (Testemunhos Seletos, vol. 2, p.195).</i></p> <p><i>“A música forma uma parte do culto de Deus nas cortes do alto. Devemos esforçar-nos em nossos cânticos de louvor, por aproximar-nos o mais possível da harmonia dos coros celestes. Tenho ficado muitas vezes penalizada ao ouvir vozes não educadas, elevadas ao máximo diapasão, guinchando positivamente as palavras sagradas de algum hino de louvor. Quão impróprias essas vozes agudas, estridentes, para o solene e jubiloso culto de Deus! Desejo tapar os ouvidos, ou fugir do lugar, e regozijo-me ao findar o penoso exercício. Os que fazem do canto uma parte do culto divino, devem escolher hinos com música apropriada para a ocasião, não notas de funeral, porém melodias alegres, e todavia solenes. A voz pode e deve ser modulada, suavizada e dominada.” (Signs of the Times, 22 de junho de 1882 – Evangelismo, pp. 507 e 508).</i></p> <p>Fica evidente ao leitor atento que os textos acima, apesar de não citarem estilos musicais específicos (além da ópera), estabelecem princípios, instruindo- nos acerca de certas características musicais as quais, caso atendidas, conseqüentemente deixarão de fora certos estilos que não apresentam essas características, ou que apresentam as características citadas negativamente.</p>
<p>Note também que condenar a percussão por causa do seu uso na música popular contemporânea ou na música étnica (fazendo-se necessário “separar-se do mundo”)</p>	<p>Não seria necessário, então, na visão do articulista, “separar-se do mundo”? A pergunta se impõe, porque é este conceito que fica sugerido na linha argumentativa adotada por ele. Porém nenhum</p>

ignora o fato de que ela é usada profusamente na música sacra erudita para enfatizar o ritmo da música, para criar expectativa ou para atingir um clímax na música. Talvez o exemplo mais conhecido seja o Messias de Händel onde os tímpanos (tambores) são peça chave para criar o clímax final do Aleluia. J. S. Bach, compositor sacro por excelência, também usava os tímpanos com liberdade.

Fica difícil imaginar que Ellen White se oporia ao Aleluia de Händel porque usa a percussão.

Embora não haja instruções específicas sobre um estilo de composição sacro, Ellen White dá sim qualidades gerais da música apropriada para a adoração (especialmente a cantada) como suave, harmoniosa, solene e comovente e ao mesmo tempo exultante, animada, energética e com poder [\[xlviii\]](#), qualidades essas que não são necessariamente incompatíveis com a música cristã contemporânea que usa a bateria ou percussão. [\[xlix\]](#)

cristão fiel aceitaria este pensamento como verdadeiro. A este respeito, O Mestre, falando acerca dos discípulos, ora ao Pai da seguinte forma:

Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou. (João 17:14-16)

Evidentemente que vivemos neste mundo e convivemos com a sociedade que nos cerca, mas a nossa cidadania deve estar na pátria por vir. (Hebreus 11: 13-16; *Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 232)

Também é útil notarmos que, dos textos de Ellen G. White destacados no trecho anterior, os quais nos apresentam algumas características que devem estar presentes em nossa música de adoração, não se encontram termos que sejam equivalentes às expressões “*exultante, animada, energética e com poder*”, no sentido em que essas expressões são utilizadas pelos músicos atuais comprometidos com a Música Cristã Contemporânea ou Música Gospel, como parece ser o caso do articulista. Também não foram encontradas expressões equivalentes a estas em todos os textos citados na nota de rodapé correspondente ao item citado [\[xlviii\]](#) (a saber, *Patriarcas e Profetas*, p. 591; *Evangelismo*, p. 505-8, 512; *Educação*, p. 39; *Manuscript Releases*, vol. 5, p. 424). Seria interessante conhecer a fonte inspirada para tais afirmações, no sentido pretendido pelo articulista.

Obviamente, a questão fundamental em pauta não é o uso da percussão ‘*per se*’, mas a maneira como ela é usada e a adequação desta utilização no culto de adoração. Notadamente, o grande problema é a marcação rítmica dançante, induzindo a congregação a reações não compatíveis com o espírito reverente que deve pautar a nossa adoração. Neste sentido, o professor Harold B. Hannum comenta sobre a utilização de instrumentos na igreja da seguinte maneira:

"Há também alguns tipos de instrumentos como tambores, guitarras, marimbas, saxofones e outros que não são associados tradicionalmente à igreja, mas que são usados amplamente na música secular. Estes instrumentos não devem ser considerados como proibidos para o uso na igreja, mas devem ser tocados com habilidade e técnica de modo a não sugerir o secular. Nenhum instrumento é, em si, sacro ou secular. Há, contudo, estilos de tocar que são tradicionalmente associados à igreja. O importante é manter a música em harmonia com o que é sagrado." (Harold B. Hannum - "[Existe Música Sacra?](#)") (14).

O articulista provavelmente precise ser lembrado, neste ponto da argumentação, que a questão central de toda esta argumentação se focava na utilização dada ao tambor na reunião campal de Indiana, em 1900, e os resultados desta experiência, bem como as implicações escatológicas da profecia feita por Ellen G. White que “*Essas coisas que aconteceram no passado hão de ocorrer no futuro. Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida.*”

Também é óbvio, mesmo para o leitor não iniciado em música, que o

tímpano de orquestra exerce um papel completamente diferente do papel desempenhado pela bateria, que é um instrumento característico das bandas de rock. Devemos levar em conta que o tímpano pode ser afinado e assim, ao combinar tímpanos de tamanhos diferentes, o executante está, na verdade, reforçando os graves da harmonia, normalmente dobrando as notas do naipe dos contrabaixos, coisa impossível para a bateria, já que os instrumentos que a compõe não possuem tom determinado, contribuindo apenas para gerar ruído.

Na verdade, a diferença é tão contrastante que o Dr. Wolfgang Stefani diz o seguinte:

“Da mesma forma em que a música em si não é neutra, tanto no significado como na estrutura estilística, os instrumentos também não são neutros. Diferentes instrumentos foram feitos e aperfeiçoados para propósitos específicos. Quando me perguntam sobre o uso da bateria na igreja, primeiramente sugiro: ‘Por que não usar um tímpano? É um tipo de percussão. Se tambores são neutros, o tímpano deveria ser tão bom quando o tambor de uma bateria’. Eles olham para mim perplexos e dizem: ‘Bem, não era esse o tipo de tambor que eu tinha em mente. Eu quero a bateria que é usada numa banda de música popular’. É claro que a razão pela qual querem este tipo de tambor é o fato de desejarem tocar determinado tipo de música.” (Dr. Wolfgang Hans Martin Stefani, Ph.D. - "[Música: Moralmente Neutra?](#)" - Entrevista à Revista Adventista , março 2002, pág. 5-7) (15)

O articulista, ao pretender fazer uma comparação direta ao uso do tímpano – tanto no Messias de Handel quanto seu suposto uso “com liberdade” por J. S. Bach – com a utilização da bateria na música popular ou gospel atual demonstra que, além de não haver considerado – embora acreditemos que não seja ignorante deste assunto – as diferenças fundamentais entre o tímpano de orquestra e a bateria, como já exposto no trecho acima, tenta alijar por completo da discussão a maneira como a percussão é utilizada por estes autores eruditos.

Especificamente na obra citada, “*O Messias*” de Haendel, de um tempo total que pode chegar a 2 mais de horas de execução, o uso do tímpano se restringe a alguns trechos específicos, especialmente nos trechos em que a música exige uma expressão mais majestosa ou marcial e nos momentos de clímax (como o próprio articulista reconhece). Porque o uso do tímpano nestes trechos e não nos demais? Porque obviamente, pelas características próprias deste instrumento, o mesmo é utilizado para criar no conjunto harmônico – na medida em que o instrumento possui som definido e não indefinido como a bateria – uma sonoridade triunfal, majestosa e/ou de júbilo. Desta forma, notamos que seu uso é ligado sempre a um contexto de mensagem e significado, e não simplesmente no sentido de fornecer recursos harmônicos ou rítmicos ao elemento sonoro em si.

Vemos assim que a utilização da percussão na música erudita possui um caráter completamente diferente do que se observa nas produções atuais de “música de louvor”, onde se faz uso em larga

escala da bateria. Nestas produções os instrumentos de percussão (normalmente a bateria) estão a serviço especificamente da marcação rítmica, enfatizando síncope e ritmos dançantes, ignorando por completo – e muitas vezes sobrepujando e eclipsando – o contexto da harmonia, melodia e principalmente da **letra** (mensagem) à qual deveria estar ligada. Devido a este desequilíbrio, tudo se iguala e o que importa é “sentir o balanço”. Assim, nessas “músicas de louvor” as cadências, levadas e batidas usadas em trechos que retratem, por exemplo, uma “vida morta em pecados” são normalmente as mesmas utilizadas em outros trechos ou composições que descrevam, por exemplo, uma “vida vitoriosa sobre o pecado”, sem nenhuma conformidade com o contexto da mensagem que está sendo veiculada através da letra e dos outros elementos musicais.

Tendo este ponto de vista em consideração, é fácil compreender por que Ellen White não se oporia ao Aleluia de Haendel, mesmo usando percussão. A questão é que esta obra (entre muitas outras da mesma estirpe) faz um uso completamente diferente da percussão do que aquela pretendida pelo articulista para o culto, através da utilização da bateria.

Além disso, reconhecemos que mesmo este tipo de música não é o mais adequado para todos os cultos de adoração, a não ser eventualmente, em ocasiões e momentos especiais.

O maestro e compositor adventista Carlyle Manous explica esta questão da seguinte forma:

“Primeiro, algumas músicas apropriadas para um concerto sacro poderiam ser inapropriadas para um culto de adoração, com base simplesmente em sua extensão. Por exemplo, existem oratórios e obras correlatas cuja duração ultrapassa em muito o tempo normalmente separado para um culto de adoração. Embora alguns trechos de tais composições possam funcionar bem no contexto da adoração, a execução da obra completa estaria fora de questão. Tais obras glorificam a Deus de muitas formas e podem ser ouvidas no Sábado com grande proveito, mas o culto de adoração em si não parece ser o melhor momento.”

“Segundo, algumas músicas consideradas como sacras seriam inapropriadas para um culto de adoração por causa de seu propósito. Ou seja, embora uma composição específica possa glorificar e honrar a Deus no sentido de ser uma expressão do que é belo, e embora ela possa até ser uma excelente expressão do que poderia ser chamado de um ‘assunto espiritual’, o intuito principal da obra não é especificamente a adoração ou louvor a Deus no sentido que é desejável para a música em um serviço dedicado especificamente para este propósito. Mais uma vez, tais obras podem ser usadas para glorificar a Deus em um concerto no sábado à tarde, onde muitos assuntos espirituais além da adoração são totalmente apropriados.” (Carlyle Manous - "[Os Cristãos e a Música - Parte 2 - Música de Adoração](#)") (16).

Finalmente, em sua nota de rodapé [xlv] (não citada no texto) o

articulista desdenha dos inúmeros estudos e pesquisas acerca da influência da música sobre a mente, o corpo e suas diversas funções, bem como sobre animais e até mesmo plantas. Acreditamos que, embora haja muitos mitos nesta área, existem estudos sérios comprovando o grande poder, conhecido empiricamente há séculos, da música sobre o ser humano. O nosso ponto de vista da ligação entre essas pesquisas e a música apropriada para a adoração é que a música verdadeiramente sacra nunca poderá ser prejudicial, nem sob o aspecto físico (I Coríntios 6:19; 10:31) nem, principalmente, sob o aspecto mental (Filipenses 4:8; Romanos 12:1-2). Acerca deste aspecto, vejamos os seguintes textos inspirados:

*“Sinto-me alarmada quando presencio a frivolidade de moços e moças que professam crer na verdade. Parece que Deus não ocupa seus pensamentos. Sua mente é povoada de futilidades. Sua conversação é vazia e vã. **Possuem um apurado ouvido para música e Satanás sabe qual órgão excitar, incitar, absorver e fascina a mente de modo que Cristo não seja desejado.** Desvanecem-se os anseios espirituais da alma por conhecimento divino, por crescimento em graça.”* (Testemunhos para a Igreja, v. 1, p. 497 – ênfase acrescentada)

*“A música é um ídolo que muitos dos professos cristãos, que guardam o sábado, adoram. **Satanás não tem objeções quanto à música, quando pode fazer dela o canal pelo qual possa ter acesso à mente da juventude.** Nada satisfará mais o propósito do que desviar a mente de Deus e ocupar o tempo, que deveria ser devotado a Seu serviço. **Ele trabalha através de meios que exerceram a mais forte influência** para reter o maior número em uma agradável ênfase, enquanto estão paralisados pelo seu poder. Quando empregada para uma boa finalidade à música pode ser uma bênção, mas freqüentemente ela é usada como uma das agências mais atrativas de Satanás para enganar as almas. Quando permitimos que a música tome o lugar da devoção e oração, isto é uma maldição terrível.”* (Testemunhos para a Igreja, v. 1, p. 506 – ênfase acrescentada)

Complementando de maneira enfática, Kurt Pahlen declara que:

“A música age sobre o indivíduo e a massa; encontra-se não somente na história das revoluções senão também nas psicoses de guerra. A música é, nas mãos dos homens, um feitiço; o seu efeito se estende desde o despertar dos mais nobres sentimentos até o desencadeamento dos mais baixos instintos, desde a concentração devotada até a perda da consciência que parece embriaguez, desde a veneração religiosa até a mais brutal sensualidade.” (Pahlen, Kurt – “História Universal da Música” (São Paulo: Edições Melhoramentos). Citado por Martin Claret, *O Poder da Música* (São Paulo: Editora Martin Claret), p. 11)

Para os leitores que querem conhecer melhor as questões envolvidas neste aspecto da música, sugerimos a página [“Efeitos da Música Sobre o Corpo e a Mente”](#) (17).

A Bateria e o Fim dos Tempos

Como demonstramos acima, os tambores que Ellen White viu eram aqueles usados em Indiana e não a bateria moderna. Poderíamos parar por aqui e considerar o paralelo entre os dois como incorreto e a proibição atual, falsa. Mas infelizmente, a “profecia dos tambores” tem se tornado um exemplo clássico de descontextualização e desvirtuamento do que Ellen White intencionava.

A Bateria e o Fim dos Tempos

Evidentemente, é do conhecimento geral que a bateria atual é essencialmente diferente do tambor utilizado em Indiana. Um paralelo direto e estrito entre os dois realmente é incorreto, embora não seja, de forma alguma, incorreta uma comparação dos efeitos causados por ambos, uma vez que se tratam de instrumentos da mesma classe, a saber, a percussão.

Porém, o fato de que Ellen White tenha se referido a uma certa espécie de tambor (“*um grande bumbo*”) ao invés de estar falando da bateria completa como a conhecemos hoje deveria ser um elemento de preocupação e de reforço da oposição ao seu uso, e não de dissolução desta oposição.

Já destacamos anteriormente, mas deve ser enfatizado, que naquela ocasião, foi usado apenas um bumbo, e, pela utilização dada a este instrumento, grande mal foi causado, criando “*uma balbúrdia de barulho*” que “*choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção.*” Ora, se isso ocorreu com o uso de apenas um bumbo (entre outros instrumentos, mas o tambor foi citado de forma específica no texto em questão), o que pode ocorrer (ou já tem ocorrido) quando usamos uma bateria completa, com bumbo, surdos, caixas e pratos? Considerando a natureza humana, a tendência seria para uma maior solenidade e espiritualidade no culto? Ou a tendência seria (ou tem sido) para “*uma balbúrdia de barulho*” ainda maior, e de resultados ainda mais maléficos, perfazendo a obra que havia sido profetizada que seria levado a efeito por Satanás em nosso meio?

Portanto, vemos que a diferença entre os instrumentos utilizados é somente mais um ponto de atenção na comparação entre os dois, considerando-se a longa lista de problemas com esta classe de instrumentos na adoração.

A ironia neste trecho da argumentação é que este paralelo entre os dois, com base na comparação de seus efeitos – o qual o articulista diz ser incorreto – o próprio articulista o faz indiretamente, na medida em que afirmou em trechos anteriores: “*Os tambores, juntamente com os outros instrumentos estavam sendo usados para criar um êxtase emocional e físico*”. Ora, pela observação do contexto musical evangélico atual, verifica-se que todos os movimentos e cultos onde existem, nas palavras do articulista “*...falsa doutrina e emocionalismo que acompanham o seu uso*” é a bateria moderna e não mais o bumbo como “*aqueles usados em Indiana*” que está presente.

Deve ser notado que não estamos demonizando a bateria, ou dizendo que sua utilização sempre, em qualquer circunstância, seja maléfica por definição. Já concordamos que Ellen G. White não condenou os instrumentos “*per se*”, mas sim o resultado sonoro e seus efeitos sobre os ouvintes.

O que estamos efetivamente dizendo é que devemos estar alertas quanto ao uso desta classe de instrumentos, pois a maneira que temos presenciado este instrumento sendo utilizado tende a ser – por vários motivos que não nos cabe detalhar neste espaço – exclusivamente para enfatizar uma marcação rítmica dançante,

	<p>desconstruindo o ambiente de reverência e solenidade que deve caracterizar nossa aproximação a Deus (<i>Testemunhos para a Igreja</i>, v. 4, p. 73; v. 5, p. 493; <i>Educação</i>, pp. 242-243; <i>Orientação da Criança</i>, pp. 538-547; <i>Evangelismo</i>, pp. 277, 314; <i>Mensagens aos Jovens</i>, p. 266)</p> <p>Falando sobre o uso de bateria na adoração, a Dra. Eurydice V. Osterman, compositora e professora de música na Universidade de Oakwood em Huntsville, Alabama – EUA, escreveu:</p> <p><i>“Dos três principais elementos da música – ritmo, melodia e harmonia – o ritmo é o elemento que oferece satisfação imediata, e não requer o grau de reflexão e contemplação que a melodia e a harmonia requerem. O aspecto característico da bateria e de outros instrumentos de percussão na música de hoje, é o de acentuar a batida suplantando a melodia e todos os outros elementos. Pesquisas científicas têm provado que quando o tempo entre o impulso e o repouso da música é rápido, apela mais ao físico. Por outro lado, quando o tempo entre o impulso e o repouso é mais lento, a mente é mais ativamente envolvida. Esta é a razão pela qual os jovens naturalmente se inclinam para a música que é rápida ou que tem uma batida enérgica. O fato de ela ser contemporânea é significativo e relevante para eles – o que eles podem entender. Isso apóia o raciocínio de que se alguém quer que Deus controle sua mente, é difícil que Ele o faça através de uma maneira que acentua o físico no lugar da mente. ‘Satanás sabe que órgãos provocar para animar, absorver e seduzir a mente, de maneira que Cristo não seja desejado. Os anseios espirituais da alma por conhecimento divino, por crescimento na graça, estão ausentes’ (White: Lar Adventista, p. 407).” (Dra. Eurydice V. Osterman – <i>O Que Deus Diz Sobre a Música</i> (Unaspress – Engenheiro Coelho SP), p. 71)</i></p>
<p>Para sermos fiéis à intenção original da mensagem e aplicá-la corretamente, precisamos respeitar a perspectiva do período de tempo e o lugar a que ela se refere. Como vimos anteriormente: “Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada; o tempo e o lugar, porém, têm que ser considerados.”[1]</p> <p>Ellen White recebeu a visão sobre o movimento da Carne Santa em janeiro de 1900, oito meses antes de ele surgir em Indiana:</p> <p><i>Mas em janeiro último o Senhor mostrou-me que seriam introduzidos em nossas reuniões campais teorias e métodos errôneos, e que a história do passado se repetiria.</i></p> <p><i>As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança.</i></p> <p><i>É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com</i></p>	<p>O primeiro parágrafo deste trecho é perfeito. É lamentável que – como já vimos anteriormente e veremos novamente em seguida – o articulista não se atenha a este princípio que ele próprio pretende defender. Este tema será retomado no trecho conclusivo desta réplica.</p> <p>A real e mais grave falácia da argumentação apresentada é que neste ponto o articulista começa a introduzir o sofisma de tentar restringir a aplicabilidade deste texto unicamente à época contemporânea a Ellen G. White, congelando esta advertência a um momento específico de tempo. Segundo esta lógica, seria correto afirmarmos que nos nossos dias Satanás não está mais interessado em usar a música para enredar em seus enganos os crentes incautos. O absurdo desta conclusão a que chegamos, claramente rechaçada por Ellen G. White (<i>Testemunhos para a Igreja</i>, v. 1, pp. 497 e 506) demonstra o absurdo da falácia retórica empregada pelo articulista.</p> <p>Conforme também já destacamos anteriormente, o período de tempo ao qual ela se refere é bastante específico: <i>“imediatamente antes da terminação da graça.”</i> Considerando que estamos mais perto da <i>“terminação da graça”</i> do que a época de Ellen White, a aplicação para os nossos dias tem primazia em relação a uma aplicação</p>

<p><i>música do que usar instrumentos musicais para fazer a obra que, foi-me apresentado em janeiro último, seria introduzida em nossas reuniões campais.</i></p> <p><i>O Espírito Santo nada tem que ver com tal confusão de ruído e multidão de sons como me foram apresentadas em janeiro último.</i> [li]</p>	<p>específica para sua época.</p> <p>Além disso, que ela está se referindo a um tempo futuro ao seu, pode ser facilmente intuído através dos tempos verbais utilizados: “<i>Demonstrar-se-á</i>”, “<i>haverá</i>”, entre outros. Isso fica ainda mais claro no decorrer do texto completo, quando, a partir da página 38 ela aplica claramente a profecia ao futuro, quando escreve que “<i>Essas coisas que aconteceram no passado hão de ocorrer no futuro...</i>”. Este trecho, convenientemente omitido aqui pelo articulista, demonstra que, realmente, “<i>para sermos fiéis à intenção original da mensagem e aplicá-la corretamente, precisamos respeitar a perspectiva do período de tempo o lugar a que ela se refere</i>” mas, obviamente, esta aplicação precisa ser feita levando em conta a mensagem como um todo, e não somente os trechos que nos interessam.</p> <p>É importante verificar que ela começa a falar de coisas a ocorrer em um momento futuro a partir do trecho iniciado com “<i>As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana</i>”, ou seja, ela escreve depois do fato de Indiana ter ocorrido e ter sido relatado a ela pelo irmão Haskell, e não oito meses antes, quando ela recebeu a visão. Assim, vemos que o futuro descrito por ela é em relação à conferência de Indiana, e não em relação à visão que ela havia recebido em janeiro de 1900, como o articulista pretende sugerir.</p> <p>Aliás, apenas para deixar todos os pontos claros, a referência que o articulista rotula como [li] é do volume 2 do livro <i>Mensagens Escolhidas</i>, e não do volume 1, como informado na nota de rodapé correspondente.</p>
<p>Veja como Arthur White, neto, biógrafo e depositário de Ellen White aplica a visão:</p> <p><i>“Ellen White recebeu a revelação do que iria ocorrer em janeiro de 1900 quando estava na Austrália. A obra estranha estava apenas se desenvolvendo em Indiana e ela viu o que ocorreria na reunião campal.”</i> [lii]</p> <p>Primeiramente, note que para descrever a Carne Santa, Arthur White usa o mesmo termo, “<i>estranha</i>” que Ellen White usa para o que ocorreria “<i>no futuro</i>”, ou seja na reunião campal de setembro de 1900 quando o movimento aflorou. Sendo que a carta foi lida por Ellen White na Conferência Geral em abril de 1901, o “<i>futuro</i>” aqui também se refere à reunião campal que estava prestes a ocorrer dois ou três meses depois, no verão de 1901 se a heresia se perpetuasse na igreja Adventista. Portanto, Arthur White em seu relato do episódio aplica a mensagem da carta de Ellen White estritamente ao que ocorreu em Indiana em 1900-1901.</p>	<p>Realmente, as doutrinas defendidas pelos participantes do movimento da Carne Santa eram muito estranhas ao corpo de doutrinas da IASD, e isto se refletia em sua música. Ellen White se refere a estas doutrinas com as seguintes palavras:</p> <p><i>“Fui instruída a dizer aos de Indiana que estão defendendo doutrinas estranhas: Estais dando feição errada à preciosa e importante obra de Deus. Mantende-vos dentro dos limites da Bíblia. Tomai as lições de Cristo, e repeti-as mais e mais”</i> (<i>Mensagens Escolhidas</i>, vol. 2, pág. 33).</p> <p>Este trecho da mensagem profética encaixa-se perfeitamente àquilo que Arthur White se refere, pois aqui Ellen G. White está escrevendo acerca do movimento, suas idéias e doutrinas, e não de suas manifestações exteriores, como ocorre no trecho ao qual articulista quer, equivocadamente, fazer uma ligação inexistente no escritos da autora.</p> <p>Novamente, neste ponto o articulista se enreda em seus próprios erros de interpretação. Conforme também já destacamos no início desta argumentação, o texto-base em questão, do livro <i>Mensagens Escolhidas</i>, volume 2 compõe-se, na verdade, de dois textos distintos de Ellen G. White, os quais, juntos, formam o terceiro capítulo deste volume.</p> <p>O primeiro texto (pág. 31 a 36) é o discurso de Ellen White na Conferência Geral de 1901 e tem como foco central o combate à doutrina do movimento da Carne Santa.</p>

O segundo texto, que abrange as páginas 36 a 39, é a resposta da Sra. White à primeira carta de S. N. Haskell e se concentra nas manifestações carismáticas, do ponto de vista físico, exterior, ocorridas durante a campal de Indiana.

No primeiro texto, em seu discurso feito à Conferência Geral de 1901, a Sra. White não se refere, em momento algum, ao futuro. Nem haveria necessidade desta referência, pois a serva do Senhor estava combatendo a heresia e o fanatismo daquele momento histórico. A única menção ao tempo futuro neste discurso é a seguinte:

“Não somos agora capazes de descrever acuradamente as cenas a serem representadas em nosso mundo no futuro; isto, porém, sabemos: que este é um tempo em que precisamos velar em oração; pois o grande dia do Senhor está às portas” (p. 35).

Ou seja, a única menção ao futuro é para dizer que ela não iria dizer nada acerca do futuro. O foco dela neste texto é sempre o seu tempo presente, onde ela ataca firmemente a doutrina da Carne Santa com as seguintes palavras:

“O ensino dado com relação ao que é denominado “carne santa” é um erro.” (p. 32)

“Fui instruída a dizer aos de Indiana que estão defendendo doutrinas estranhas: Estais dando feição errada à preciosa e importante obra de Deus. Mantende-vos dentro dos limites da Bíblia.” (p. 33)

São citadas neste texto manifestações semelhantes do passado, a fim de fazer uma comparação, mas o futuro não é descortinado. Para concluir o texto, ela volta a advertir sobre estes enganos em sua época presente:

“Muitos movimentos dessa espécie surgirão neste tempo [seu tempo presente], quando a obra do Senhor deve manter-se elevada, pura, sem superstições e fábulas. Precisamos estar em guarda, manter íntima ligação com Cristo, para não sermos enganados pelos ardis de Satanás.” (p. 35)

“Deus chama Seu povo a andar com sobriedade e santa coerência. Eles devem ser muito cuidadosos de não representar mal e nem desonrar as santas doutrinas da verdade mediante estranhas exibições, por confusão e tumulto.” (p. 36)

Porém, no segundo texto, a partir da página 36, em sua Carta 132 ao irmão S. N. Haskell, ela freqüentemente se refere – de forma inspirada – a um tempo futuro de data indeterminada, inclusive usando tempos verbais apropriados, no qual estes eventos e manifestações exteriores, com *“tambores, música e dança”* ocorreriam no meio da igreja, advertindo que seriam obra direta de Satanás, impingidos ao povo de Deus como se fosse obra do Espírito Santo, e que desta maneira seriam recebidos, representando grande perigo para a igreja.

Não podemos nos esquecer que, apesar de a revelação divina haver sido dada oito meses antes da campal em Indiana, a carta ao irmão Haskell foi escrita em resposta ao relato oferecido por ele dos acontecimentos daquela campal. Portanto, é cristalino o conceito que a expressão “*hã de ocorrer no futuro*”, não pode referir-se de àquela época, e muito menos ao próprio evento de Indiana, o qual já havia ocorrido e, portanto, estava no tempo passado.

Neste ponto da argumentação, o leitor atento estaria perguntando a si mesmo se o próprio texto do articulista, ao qual esta réplica se contrapõe, não seria um dos sinais do cumprimento desta profecia. Esta preocupação é pertinente, visto que este artigo pretende impor, no seio da Igreja Adventista, práticas condenadas enfaticamente por aquela que é considerada por este movimento como sendo inspirada por Deus para dar uma mensagem especial a este povo nos últimos dias.

O Pr. Jorge Mário de Oliveira, comentando acerca desta resposta de Ellen White ao irmão Haskell, escreve o seguinte:

“Analisando a forma como escreve a Haskell, percebe-se claramente uma linguagem escatológica. No contexto dessa carta, vê-se um profeta exercendo seu papel de revelador do futuro. Não que tenha a pretensão de fazê-lo, mas na autoridade da revelação recebida. Daí a relevância do conteúdo revelado.” (Pr. Jorge Mário de Oliveira – [“A Música na Escatologia de Ellen White”](#)) (18)

Para termos uma idéia desta contextualização futura, o texto da carta a Haskell se inicia com as seguintes palavras:

*“As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça. **Demonstrar-se-á** tudo quanto é estranho. **Haverá** gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais **ficarão** tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isto **será** chamado operação do Espírito Santo.”* (Mensagens Escolhidas, v. 2, p. 36 – ênfase acrescentada)

Caso ela estivesse se referindo ao seu próprio tempo, o Senhor não precisaria revelar a ela que essas coisas “*havam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça*”, pois elas já haviam ocorrido em outras ocasiões, como ela própria testemunha ao dizer:

“A mesma espécie de influência se introduziu depois da passagem do tempo em 1844. Fizeram-se as mesmas espécies de representações. Os homens ficaram exaltados, e eram trabalhados por um poder que pensavam ser o poder de Deus.” (p. 37)

Se, conforme veremos adiante, podemos compreender o período “*imediatamente antes da terminação da graça*” como estendendo-se desde 1844 até o efetivo fechamento da porta da graça, então essas ocorrências do passado já se inseriam neste período profético e não faria sentido uma revelação dizendo que tais coisas ocorreriam (no

	<p>futuro), mas sim que estavam ocorrendo (no presente).</p> <p>O foco temporal deste segundo texto é, claramente, o futuro em relação à autora, conforme pode se depreender dos tempos verbais utilizados neste pequeno trecho e repetidos ao longo de todo este texto. Embora, assim, como no texto anterior, ela também cite o passado para fins de comparação, pouca coisa neste texto pode ser interpretada como conselhos para o seu tempo.</p> <p>Assim, querer aplicar a carta ao irmão Haskell apenas ao período específico de 1900-1901 é uma falácia sutil; porém, que não se sustém diante de um exame detalhado do texto e certamente não foi esta a aplicação dada por Arthur White, como o articulista pretende nos fazer crer.</p>
<p>Ellen White continua dizendo que <i>“Essas coisas que aconteceram no passado não de ocorrer no futuro. ... Deus convida Seu povo, que tem a luz diante de si na Palavra e nos Testemunhos, a ler e considerar, e dar ouvidos. Instruções claras e definidas têm sido dadas a fim de todos entenderem.”</i></p> <p>As “coisas do passado” não se referem ao movimento da Carne Santa, como se quer aplicar hoje, e sim a outros movimentos fanáticos que surgiram no Adventismo na década de 1850-60.^[liii] Portanto, quando aplicamos “as coisas que aconteceram no passado” a Indiana em 1900, estamos ferindo a intenção original de Ellen White e potencialmente desvirtuando o sentido da mensagem. Mais sobre esse ponto a seguir.</p>	<p>O articulista tem razão ao dizer que a expressão <i>“coisas do passado”</i> não se refere ao movimento da Carne Santa, como muitos pretendem aplicar hoje. É evidente que o problema com o movimento da Carne Santa estava no presente. Portanto, ao se referir ao passado, ela está referindo-se a outros movimentos fanáticos que surgiram no Adventismo na década de 1850-60. Isto é bem claro em ambos os textos que compõe o capítulo 3 do volume 2 do livro <i>Mensagens Escolhidas</i>.</p> <p>No primeiro texto ela começa a descrição das “coisas do passado” com o trecho <i>“No período da decepção, depois da passagem do tempo em 1844, levantou-se o fanatismo em várias formas...”</i> (p. 34).</p> <p>No segundo texto, esta descrição inicia-se com <i>“A mesma espécie de influência se introduziu depois da passagem do tempo em 1844...”</i> (p. 37).</p> <p>Abrimos aqui um parêntesis para ressaltar que esta própria repetição da descrição desses eventos passados é mais uma prova (embora desnecessária) de que o capítulo 3 engloba dois textos distintos, pois em um texto único essas repetições seriam redundantes.</p> <p>Mas, aparentemente, em sua análise o articulista se esquece, convenientemente, da frase que ele próprio cita no início deste trecho, que diz <i>“...não de ocorrer no futuro”</i>. Como pode ser verificado pelo leitor mais atento, esta expressão é uma conclusão do trecho no qual ela fala das coisas do passado. Depois de descrever os acontecimentos do passado ela fala:</p> <p style="text-align: center;"><i>“Essas coisas que aconteceram no passado não de ocorrer no futuro. Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida.”</i> (p. 38 – ênfase acrescentada)</p> <p><i>“...não de ocorrer no futuro”</i>. Esta pequena frase faz cair por terra a pretensa aplicação retroativa do texto profético ao período específico de 1900-1901, uma vez que ela, em sua carta de 1900 a S. N. Haskell, se refere ao futuro, em um período indeterminado.</p> <p>Portanto, temos o seguinte quadro: O problema com o movimento da Carne Santa está ocorrendo no presente; ela diz que algo parecido ocorreu no passado <i>“depois da passagem do tempo em 1844”</i> e que, semelhantemente, voltará a ocorrer no futuro, <i>“imediatamente antes</i></p>

	<p><i>da terminação da graça</i>". Ou seja, não há qualquer necessidade de confusão cronológica. À luz desta contextualização, quem então, está "ferindo a intenção original de Ellen White e potencialmente desvirtuando o sentido da mensagem"? Para compreender corretamente o sentido de uma mensagem escrita, basta ler o texto como ele se apresenta, utilizando metodologias de interpretação de texto que são ensinadas no ensino elementar, sem buscar malabarismos argumentativos para tentar forçar um significado que simplesmente não está ali.</p>
<p>Para ajudar no entendimento do uso correto da passagem em questão e a aplicação de seus conceitos ao culto e música adventistas hoje, dois pontos devem ser explorados:</p> <p>Primeiro, Ellen White entendia que o tempo imediatamente precedente ao fechamento da porta da graça, quando esses elementos se apresentariam, era em seus dias.</p> <p>Note que ao mesmo tempo que ela diz</p> <p>"As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana ... haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça."</p> <p>ela complementa dizendo</p> <p>"Muitos movimentos dessa espécie surgirão em nossos dias, quando a obra do Senhor deve manter-se elevada, pura, sem superstições e fábulas." [liv]</p> <p>Portanto, "em nossos dias" e "no tempo do fim da graça" para ela são sinônimos. Pelo contexto e aplicação geral da carta estritamente ao movimento da Carne Santa (como demonstrado por Arthur White), deve-se entender o "havam de ocorrer" como sendo uma descrição do próprio movimento da Carne Santa que Deus revelou em janeiro de 1900 haviam de ocorrer em setembro de 1900, "nas reuniões campais". Faz sentido em nossa perspectiva concluir que esse culto falso com tambores, gritos e coisas estranhas reapareceria hoje, "no futuro", ou porque vivemos mais "imediatamente antes do fim da graça" mas para Ellen White, esse tempo era em seus dias.</p>	<p>O fato de a Sra. White esperar para os seus dias o fechamento da porta da graça não deveria ser estranho; todo aquele que vive acalentando em seu coração esta "bendita esperança", a espera para os seus dias. Isto já era verdade na igreja apostólica, a ponto de ser necessário que Paulo instrísse a igreja a este respeito em II Tessalonicenses 2:1-3. Mas o próprio apóstolo Paulo, ao advertir a igreja, indica nos versos 7 e 8 a possibilidade de um cumprimento abreviado da promessa. Portanto, a possibilidade de Ellen White inserir-se, pela fé, neste período, não quer dizer que ela não tivesse uma visão clara dos períodos proféticos e dos sinais da Vinda do Senhor.</p> <p>Já demonstramos anteriormente que o foco temporal da carta a S. N. Haskel é, claramente, o futuro em relação à autora e não vemos necessidade de repetir toda a argumentação aqui. A argumentação distorcida do articulista neste trecho é simplesmente um desenvolvimento das distorções apresentadas em trechos anteriores, as quais já foram cabalmente desmascaradas.</p> <p>Devemos ter em mente que quando Ellen G. White fala em "imediatamente antes da terminação da graça" o evento profético escatológico relevante no contexto seria a própria terminação da graça e a repetição das "coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana" seriam somente o sinal de que estaríamos às vésperas deste evento.</p> <p>Uma vez que já demonstramos que a autora coloca a repetição da balbúrdia e confusão de Indiana (ou seja, o sinal da proximidade da terminação da graça) em um momento futuro ao seu próprio tempo, fica óbvio que para ela a própria terminação da graça também estava em um momento futuro, ainda mais além.</p> <p>Conseqüentemente, podemos concluir que, se a graça ainda não terminou (o que sabemos ser verdade), a observação da repetição daqueles acontecimentos em nossos dias atuais serve perfeitamente como sinal para a proximidade deste evento escatológico (a "terminação da graça"), o qual estaria "imediatamente" adiante de nós. Portanto, diferentemente do pretendido pelo articulista, este texto possui para nós uma aplicação muito mais real do que nos dias de Ellen G. White.</p> <p>Mesmo que interpretássemos o ponto de partida da revelação como sendo contemporâneo ao evento de Indiana, como sugerido pelo articulista, ainda assim sua interpretação de "terminação da graça" não seria capaz de sustentar-se e sua aplicação para os nossos dias ainda seria válida, pois estamos muito mais próximos da "terminação da graça" do que os que viveram no período de Indiana. Ellen White</p>

	<p>não se enganou nesta predição, pois ela veio à tona por meio de uma frase que se iniciou com a expressão “o Senhor revelou-me”.</p> <p>É interessante que no fechamento de sua idéia o articulista concorde com os argumentos que colocamos aqui, dizendo que “<i>Faz sentido em nossa perspectiva concluir que esse culto falso com tambores, gritos e coisas estranhas reapareceria hoje, ‘no futuro’, ou porque vivemos mais ‘imediatamente antes do fim da graça’...</i>”. Porém, surpreendentemente (ou não, considerando-se a linha distorcida de pensamento que deu origem a toda a argumentação do articulista) ele conclui negando aquilo que acabara de afirmar. Ora, se faz sentido aplicar a profecia para os nossos dias, porque então concluir de forma diferente, dizendo que “<i>para Ellen White, esse tempo era em seus dias</i>”?</p> <p>Porém, um ponto muito importante deve ser enfatizado na argumentação apresentada neste trecho, o qual demonstra as graves distorções na argumentação defendida pelo articulista e que o induziram à conclusão equivocada de que “<i>‘em nossos dias’ e ‘no tempo do fim da graça’ para ela [Ellen G. White] são sinônimos</i>”.</p> <p>Conforme já destacamos no início desta réplica, a argumentação está, mais uma vez, baseada em um erro crasso de exegese, porque se utiliza de pequenos trechos de dois textos totalmente distintos, tanto em contexto quanto em propósito, para tentar forjar uma linha de pensamento claramente diversa daquela proposta pela autora.</p> <p>Senão, vejamos: a primeira citação feita pelo articulista encontra-se na página 36 do volume 2 do livro <i>Mensagens Escolhidas</i> e faz parte da carta 132, de 1900, ao irmão S. N. Haskell. Porém, a segunda citação, a qual o articulista pretende que seja um complemento da primeira, encontra-se na página 35 do mesmo livro, sendo parte de um discurso feito por Ellen White em uma sessão da Conferência Geral, tendo sido publicado originalmente no <i>General Conference Bulletin</i>, 23 de abril de 1901.</p> <p>Desta forma, mesmo que os dois textos que compõe o capítulo 3 do segundo volume do livro <i>Mensagens Escolhidas</i> fossem um só, a segunda citação aparece no capítulo antes da primeira e, portanto, não é seu complemento lógico, como uma simples análise contextual demonstraria. Ocorre que, verdadeiramente, como já demonstramos, este capítulo não é formado por um texto único, o que agrava o erro e lança sérias dúvidas acerca da intenção do articulista ao forjar esta linha de pensamento, visto que esta divisão foi claramente indicada pelos compiladores.</p> <p>E, ainda mais impressionante, é que o articulista não desconhece esta inversão das citações, pois a referência que o articulista rotula como [liv] traz, textualmente: “<i>Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 36, 34 [sic]</i>.” Isto demonstra a inversão intencional das citações, buscando propositadamente a distorção do sentido original da linha de pensamento da autora.</p>
<p>O termo “imediatamente” também apresenta dificuldades. Quão imediatamente antes do fim da graça isso ocorreria? Duas semanas, 1 ano, 5 anos, 20 ou 100 anos?</p>	<p>Os Adventistas do Sétimo Dia não têm – ou não deveriam ter – dificuldades com declarações dinâmicas de tempo, quando se trata de períodos proféticos. Afinal, a nossa “bendita esperança” na volta de nosso Senhor Jesus Cristo baseia-se em declarações deste tipo,</p>

<p>Lembre-se que em Sua bondade, Deus não revelou aos seus profetas ou a Ellen White quanto demoraria tempo o fim. Daniel 8:26-27 diz que a visão era para dias “mui distantes” mas nem mesmo Daniel a entendeu, pois estava selada. Paulo ao falar da trasladação diz: “nós, os que ficarmos”, referindo-se à vinda de Cristo (1 Tess. 4:12); Jesus disse a João: “Eis que cedo venho” (Apo. 22:12) mas já se passaram 1900 anos; Pedro diz em 2 Pedro 3:8: “um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia”. Todos eles esperavam que fosse em seus dias.</p> <p>Por essa razão, a expressão “imediatamente antes do fim da graça” têm um significado bem mais dinâmico do que um ponto específico no tempo. (Para todos os efeitos, no entendimento Adventista, depois de 1844 já estamos “imediatamente antes do fim da graça”). Na perspectiva, de Ellen White esse período incluía os fanatismos passados do Adventismo bem como o movimento da Carne Santa e não algo num futuro ainda distante, como nos nossos dias. Afinal, a advertência de que essas manifestações ocorreriam “no tempo do fim” precisava ecoar no coração dos ouvintes no contexto imediato de 1901.</p>	<p>conforme os textos destacados pelo próprio articulista, entre tantos outros.</p> <p>Aliás, o próprio articulista lança um problema (a nosso ver, inexistente) e ele próprio o soluciona, ao dizer que “em Sua bondade, Deus não revelou aos seus profetas ou a Ellen White quanto demoraria tempo o fim” e que “para todos os efeitos, no entendimento Adventista, depois de 1844 já estamos ‘imediatamente antes do fim da graça’”.</p> <p>Se o período “imediatamente antes do fim da graça” se estende de 1844 até o efetivo fechamento da porta da graça, em um futuro breve, mas indeterminado, então qual é o problema em compreender que a declaração da serva do Senhor abrange até o final deste período? Qual seria a distorção lógica que nos levaria a concluir que essas declarações se aplicariam exclusivamente até o período que abrange o movimento da Carne Santa, ou seja, o “contexto imediato de 1901”? Será que a porta da graça fechou-se nesta época, encerrando assim este período? Obviamente que não!</p> <p>Acreditamos, assim como o articulista admite, que estamos mais verdadeiramente no período “imediatamente antes da terminação da graça” do que estava Ellen White em 1900-1901. Sendo assim, não seria então o caso de estarmos mais verdadeiramente sujeitos a que esta profecia se cumpra em nossos dias e, portanto, em maior necessidade de atenta vigilância no que diz respeito às advertências expostas nesta profecia, do que a igreja daquela época? Por que então, não aplicarmos esta profecia aos nossos dias, aceitando para nós as advertências ali declaradas? O que nos levaria a criar tal distorção interpretativa que nos impedisse disto? Que cada um responda por si, diante de Deus.</p>
<p>Ainda falando na conferência geral de 1901 sobre o fanatismo de 1900, Ellen White disse:</p> <p>“Prepare-se,” é a palavra que soa aos meus ouvidos. ... Aquele que esta por vir virá e não tardará.”[lv]</p> <p>E a resposta definitiva da igreja Adventista em repelir o carismatismo da Carne Santa é prova contundente de que a liderança entendeu que viviam “imediatamente antes do tempo do fim da graça”.</p>	<p>No discurso à Conferência Geral em 1901, a doutrina do movimento da Carne Santa é atacado direta e firmemente, usando-se sempre o tempo presente, ou seja, era um ataque que se referia a coisas que estavam ocorrendo naquele tempo específico. Esta não é uma mensagem profética em seu sentido escatológico, mas uma mensagem profética no sentido de uma mensagem de advertência da parte de Deus para o seu povo, em um tempo e lugar específicos. Note a temporalidade específica no tempo presente de frases como as apresentadas abaixo (ênfases acrescentadas):</p> <p><i>“Fui instruída a dizer aos de Indiana que estão defendendo doutrinas estranhas: Estais dando feição errada à preciosa e importante obra de Deus. Mantende-vos dentro dos limites da Bíblia.”</i> (Mensagens Escolhidas, v. 2, p. 33)</p> <p><i>“Muitos movimentos dessa espécie surgirão neste tempo, quando a obra do Senhor deve manter-se elevada, pura, sem superstições e fábulas. Precisamos estar em guarda, manter íntima ligação com Cristo, para não sermos enganados pelos ardis de Satanás.”</i> (Mensagens Escolhidas, v. 2, p. 35)</p> <p>Já havíamos observado, mas voltamos a ressaltar que o discurso à Conferência Geral em 1901 trata-se de um texto diferente – em conteúdo e endereçamento – do texto da Carta 132, de 1900, ao irmão S. N. Haskell. Portanto, destacando-se mais uma vez a visão</p>

	<p>tendenciosa e a exegese distorcida do articulista, podemos notar que a repulsão da liderança ao movimento da Carne Santa não tem qualquer vínculo com a expressão “<i>imediatamente antes do tempo do fim da graça</i>”, mas sim com a contundência e firmeza da oposição a essas doutrinas espúrias, expressa de maneira inspirada por Ellen White em sua mensagem àqueles líderes em seu discurso à Conferência Geral de 1901, na qual, conforme já demonstramos, ela não cita qualquer evento futuro.</p>
<p>Segundo, assim como outras profecias na Bíblia (Jonas) e do Espírito de Profecia,[lvi] a continuação ou ressurgimento desse estilo de culto no Adventismo estava condicionado pela resposta da igreja às heresias que o fomentavam. Se as heresias doutrinárias que estimulavam esse culto caótico não fossem condenadas e removidas de maneira categórica, essas manifestações continuariam a ocorrer na igreja Adventista “em nossos dias”, “no futuro”, em 1901 e além. A música se tornaria “um laço” para perpetrar falácias teológicas e um culto espúrio. Mas ao mesmo tempo ela diz que Deus dá instruções para que isso seja evitado.</p> <p>Afinal, havia a possibilidade de que as pessoas envolvidas no movimento da Carne Santa não acatassem ao conselho e continuassem em suas práticas, ou que a igreja como um todo ignorasse ou até estimulasse essas manifestações. Sendo assim, as heresias e o fanatismo do passado continuariam a ressurgir no futuro. Em suas palavras:</p> <p>O fanatismo, uma vez iniciado e deixado às soltas, é tão difícil de extinguir como o incêndio que tomou conta de um prédio.[lvii]</p> <p>Daí a necessidade de fortes advertências sobre a possibilidade de que o falso culto e suas doutrinas viessem a se enraizar e se repetir no futuro.</p>	<p>Este item da argumentação do articulista nos leva à beira da perplexidade, pois, depois de tentar – através de distorções da interpretação e amalgamações de trechos díspares – provar que a profecia sobre a repetição das manifestações de Indiana aplicava-se unicamente ao contexto daquela campal e ao problema do movimento da Carne Santa, de súbito o articulista admite a sua aplicação futura. O que ocorreu com toda a argumentação anterior? Se as palavras de advertência de Ellen G. White não se aplicassem a nós, por que buscar um argumento para a sua aplicação condicional “em nossos dias” e “no futuro”? Esta mudança de postura é indicativa da sua incoerência argumentativa, conforme temos destacado no decorrer desta réplica.</p> <p>Porém, prosseguindo em sua linha argumentativa altamente tendenciosa e distorcida, vemos que o articulista pretende que a profecia escatológica delineada por Ellen G. White em sua carta ao irmão Haskell tenha um desfecho condicional. Para compreendermos o erro introduzido aqui e desenvolvido nos trechos adiante, será necessário um estudo deste assunto, a fim de que possamos compreender melhor as possíveis características condicionais das profecias. Veremos que existem algumas profecias que são claramente condicionais e há outras profecias que não admitem a condicionalidade.</p> <p>Um exemplo de profecia condicional pode ser encontrado em Deuteronômio 11. Neste texto, especialmente os versos 26-32, Moisés coloca dois caminhos diante do povo: a morte e a vida; a bênção ou a maldição. Uma vez que é Deus quem está inspirando o discurso de Moisés, os dois caminhos são absolutamente verdadeiros, embora opostos. Como pode ser isto? Não seria uma contradição lógica? Não! Nestes versos, temos uma clara noção de que Deus coloca condições para o cumprimento de Suas promessas e advertências.</p> <p>Portanto, quando Deus prometeu prosperidade ao povo de Israel, esta promessa era condicional à sua obediência (ver Apêndice, itens nrs. 5, 9 e 19). As profecias relativas a bênçãos ou juízos divinos sempre seguem este mesmo princípio dos “dois caminhos”, conforme podemos notar em muitas outras situações semelhantes. Por exemplo, a bênção do acesso à árvore da vida no Éden também era condicional à obediência do ser humano (ver Apêndice, itens nrs. 12 e 25). Da mesma forma, as bênçãos derramadas sobre Seu povo hoje também são condicionais (ver Apêndice, itens nrs. 3, 4 e 23). Também é condicional a promessa de que seremos, de forma pessoal, justificados e recebidos por Deus em Seu reino (ver Apêndice, itens nrs. 18, 20, 22, 26 e 29), assim como a brevidade de Sua volta (ver Apêndice, itens nrs. 1, 2, 15, 16 e 24).</p>

Outro exemplo de profecia condicional são as advertências que Deus ordenou a Jonas que fossem dadas à cidade de Nínive (Jonas 1:1-2; 3:1-2, 4). Esta pregação parece indicar apenas um caminho, o caminho da destruição; mas o desfecho da história (Jonas 3:5-10) indica que o segundo caminho, o caminho da reconciliação e da bênção, estava implícito tacitamente na pregação de Jonas.

Outro texto em que o caminho da reconciliação estava implícito é o que relata quando Deus decidiu destruir as cidades de Sodoma e Gomorra, tendo declarado esta intenção ao Seu fiel servo Abraão (Gênesis 18:17-22). Esta declaração levou a uma das mais tocantes intercessões registradas nas Escrituras, conforme lemos em Gênesis 18:23-33. Ora, com base nas afirmações do próprio Deus de que o justo não seria destruído com o ímpio, podemos presumir que, caso Ló (ou outro mensageiro) houvesse advertido o povo daquelas cidades e alguns deles atendessem a esta advertência e se arrependessem de seus caminhos, aceitando o Deus Criador como Senhor de suas vidas, as cidades teriam sido poupadas. O próprio Jesus nos indica esta possibilidade, ao vaticinar sobre a impenitente cidade de Cafarnaum: *“se em Sodoma tivessem sido feitas os prodígios que em ti se operaram, teria ela permanecido até hoje”* (Mateus 11:23). A decisão divina de aplicar juízos contra aquelas cidades teria sido desviada de seu cumprimento e, por amor àqueles, a ira de Deus seria aplacada. É desta maneira que funciona o mecanismo da condicionalidade profética: através do amor de Deus.

Contudo, este mesmo amor nos leva a outra classe de profecias, as profecias relativas ao tempo do fim, ou escatológicas. Os objetivos dos juízos (ou bênçãos) locais e específicos que já ocorreram eram recuperar, advertir, mostrar o desagrado divino, servir de exemplo ou lição para – se possível – reconciliar, sendo, por natureza, condicionais. Deve ser notado que o objetivo dos eventos escatológicos é completamente diverso.

Com relação à destruição final do pecado e dos pecadores, Ellen G. White declara:

“O Universo todo terá sido testemunha da natureza e resultados do pecado. E seu completo extermínio, que no princípio teria acarretado o temor dos anjos, desonrando a Deus, reivindicará agora o Seu amor e estabelecerá a Sua honra perante a totalidade dos seres que se deleitam em fazer a Sua vontade, e em cujo coração está a lei divina” (O Grande Conflito, p. 504).

Note que os juízos finais têm como objetivo o *“completo extermínio”* *“da natureza e resultados do pecado”*. Esta natureza do pecado está intimamente arraigada na natureza deste mundo e na natureza do homem caído; tudo isso precisa ser destruído para que o Universo possa ser purificado e o amor possa reinar supremo por toda a Criação (O Grande Conflito, p. 678). Por este motivo, apesar de serem uma obra do amor de Deus (e por isso mesmo) as profecias escatológicas **não podem** ser condicionais.

Por exemplo, sabemos que quando Jesus disse e repetiu “Eu voltarei”, ou “virei outra vez”, ou “quando o Filho do Homem vier” (Mateus 25:31; Marcos 8:38; Lucas 9:26; 12:37-40; João 14:3 e 8), nenhum de

Seus ouvintes duvidou, mesmo que por um minuto, de que esta promessa era verdadeira, real, pessoal e incondicional. Da mesma forma, quando os anjos anunciaram a volta de Jesus àqueles que assistiam extasiados à Sua ascensão (Atos 1:10-11), nenhum dos presentes imaginou que seu comportamento ou suas decisões pudessem alterar esta certeza, embora sabemos que poderiam influenciar sua brevidade. Esta mesma esperança nos impulsiona hoje; por isso somos “Adventistas”.

Igualmente, quando estudamos as maravilhosas profecias escatológicas de Daniel ou do Apocalipse, não imaginamos que a nossa aceitação ou não da veracidade e aplicabilidade daqueles simbolismos possa alterar seu fiel cumprimento. A pedra que “foi cortada, sem auxílio de mão” (Daniel 2:34 e 45) certamente atingirá os pés da estátua e “esmiuçarà e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre” (Daniel 2:44). Este texto e seu significado não são relativos, condicionais ou meramente possíveis; pela fé eles são reais, embora ainda não tenham ocorrido. Da mesma forma, todos os grandes acontecimentos descritos pelos símbolos apocalípticos ainda não cumpridos serão realidade, quer o mundo os aceite, quer não. Estas profecias são tão verdadeiras que podemos dizer que elas tratam de “fatos” que ainda não ocorreram. Isto é verdade para todas as profecias de cunho escatológico.

Vemos assim que a condicionalidade não pode ser considerada uma característica inerente a todas as profecias divinamente inspiradas. Pudemos notar, pelos exemplos dados, que as profecias condicionais são aquelas que envolvem as bênçãos, promessas e recompensas ou os castigos, juízos e ameaças de Deus, e que ocorrem de maneira pontual e específica no tempo. Ocorre que, como muitas dessas promessas ou ameaças são dadas de forma profética – como no caso da advertência que o profeta Jonas levou à cidade de Nínive – muitas pessoas confundem as coisas e pretendem que a condicionalidade seja aplicável a todas as profecias. Contudo, o estudo detalhado que fizemos deste assunto demonstra que isto não é verdade.

Concordando com este ponto de vista, Richard M. Davidson reconhece que há dois diferentes gêneros ou tipos de profecia preditiva: apocalíptico (por exemplo, as visões de Daniel) e não-apocalíptico (freqüentemente chamado profecia “clássica” ou “geral”). Dentre estes dois gêneros, o autor é enfático ao afirmar que a condicionalidade somente se dá nas profecias não-apocalípticas determinadas como clássica ou geral. No entanto no que diz respeito às revelações que determinam, se relacionam ou se estendem ao fim dos tempos em eventos escatológicos, **não é possível haver condicionalidade**. Segundo Davidson, em predições relacionadas ao fim do tempo, cabe apenas o “*determinismo (o curso real dos eventos humanos, conforme moldados pela mão divina na história e reconhecidos pela presciência divina das escolhas humanas)*” (citado por George W. Reid em “*Compreendendo as Escrituras: Uma Abordagem Adventista*” - Unaspres, Engenheiro Coelho, SP - p. 184). Embora o autor esteja aqui abordando mais especificamente o Antigo Testamento, as regras de interpretação de condicionalidade ou determinismo são, na teologia bíblica, estendidas a toda a revelação.

Reafirmamos assim que as profecias escatológicas **não podem** ser condicionais, pois se fossem condicionais, então não haveria certeza

do término do reinado do pecado, não haveria certeza da salvação e seria completamente vã a nossa fé.

Há ainda outro tipo de profecia escatológica, que é aquela que fala dos sinais que anunciam os eventos escatológicos. Estes sinais não são o evento final em si e também não têm a finalidade de ser um castigo ou uma bênção aos seres humanos, mas apenas servir de alerta ou advertência aos seres humanos para que se preparem para acontecimentos que **certamente** ocorrerão. Portanto, as profecias relativas a sinais do tempo do fim também não podem ser condicionais, visto que estão ligadas a eventos que não são condicionais. Mais uma vez, é uma obra resultante do amor de Deus para com Seu povo.

Este objetivo é encontrado, por exemplo, nos sinais da vinda de Jesus. Ao lermos o grandioso sermão profético de Mateus 24, não podemos conceber aqueles sinais ali descritos por Cristo como condicionais, dados de forma que possamos impedir ou desviar sua ocorrência através de nossas escolhas. Vemos esses sinais como marcos, alertas, sinais de advertência, a fim de que possamos conhecer a proximidade do fim dos tempos. Na verdade, o próprio Jesus nos informa que este é o Seu propósito, ao dizer: *“Iguamente, quando virdes todas estas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas”* (Mateus 24:33).

Obviamente que a brevidade com que esses sinais devem ocorrer, e conseqüentemente os eventos para os quais eles apontam, pode variar, de uma forma condicionada à obra a ser desempenhada pelo homem, porém nunca a sua ocorrência propriamente dita.

Isto posto, vemos que esta profecia que estamos analisando é escatológica, o que fica evidente pelo uso que a Sra. White faz da expressão *“imediatamente antes da terminação da graça”*. Se, como Adventistas do Sétimo Dia, acreditamos que a terminação da graça é um dos eventos finais da história deste mundo de pecado, então uma profecia que trate de eventos a ocorrerem neste período, ou imediatamente antes dele é, necessariamente, escatológica. Maiores detalhes podem ser encontrados no artigo [“A Música na Escatologia de Ellen White”](#) (18) de autoria do Pr. Jorge Mário de Oliveira.

Portanto, é falsa a pretensão do articulista de que a advertência de Ellen G. White acerca dos acontecimentos *“imediatamente antes da terminação da graça”* tivesse cunho de evitar que tais coisas ocorressem. O evento profetizado, dentro do esquema profético dos eventos relativos ao tempo do fim é a *“terminação da graça”*, e este evento não pode ser impedido ou desviado. A repetição das *“coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana”*, colocado profeticamente em um momento futuro a Ellen G. White, seriam o sinal de que o povo de Deus estaria no momento *“imediatamente antes da terminação da graça”*. Desta forma, os *“gritos com tambores, música e dança”* não se constituem no evento principal da profecia, mas num sinal de um evento escatológico, não sendo, portanto condicional. Este sinal certamente deve ocorrer, mais cedo ou mais tarde, *“imediatamente antes da terminação da graça”*.

O objetivo da advertência inspirada – ao invés de tentar fazer com *“que isso seja evitado”*, como sugere o articulista – foi de servir de alerta aos vigilantes filhos de Deus para que, ao notarem o seu

	<p>cumprimento, saibam de que o tempo da sua redenção está próximo e que é o momento em que precisam buscar um comprometimento e um relacionamento mais íntimo com Deus como nunca antes. A este respeito, o Pr. Jorge Mário de Oliveira explica:</p> <p><i>“O papel do profeta não é meramente mostrar o futuro revelado, mas orientar para que quando o futuro se torne presente, os filhos de Deus, sensíveis à voz da profecia, possam saber como agir e que decisões tomar. É exatamente isso que Ellen White faz na carta a Haskell.”</i> (Pr. Jorge Mário de Oliveira – “A Música na Escatologia de Ellen White”) (18)</p> <p>A aplicação destes sinais aos nossos próprios dias, contudo, se dá de maneira perfeita. É patente a todos os que se preocupam com essas questões que o que está ocorrendo na atualidade com relação ao contexto da adoração cristã confirma as palavras de advertência profetizadas há mais de 100 anos atrás. O Pr. Jorge Mário de Oliveira confirma esta análise do quadro atual ao dizer:</p> <p><i>“A música cria o clima propício ao emocionalismo, ao falso reavivamento. Ela tem este poder ilusório. A forma como se canta, o uso de instrumentos de percussão com seu efeito hipnótico onde predomina a repetição própria dos cultos espiritualistas do paganismo, as dissonâncias e o excesso de amplificação, têm criado um êxtase e uma falsa segurança que Cristo não prometeu. O mundo religioso atual tem-se envolvido no carisma espiritualista, do catolicismo à religiões orientais, cada qual com suas formas e nuances peculiares, tendo no entanto, o mesmo espírito a orientá-los: o espírito do mal, Satanás, o grande enganador.”</i> (Pr. Jorge Mário de Oliveira - “A Música na Escatologia de Ellen White”) (18)</p> <p>Este alerta é o verdadeiro propósito das palavras inspiradas, por mais que o articulista pretenda distorcer este significado. Inclusive, seria paradoxal se ele tivesse razão, uma vez que neste caso, ao final da Grande Controvérsia não haveria, enfim, uma controvérsia tão grande, nem o inimigo atacaria tão intensamente, pois já o teria feito nos tempos de Ellen G. White. O que se pode concluir é que o articulista fundamentou sua argumentação em hipóteses que são flagrantemente contraditórias ao contexto profético esperado para o fim, quando a intensidade de ação de ambos os lados do conflito terá, na verdade, atingido o seu grau máximo.</p>
<p>É fundamental também entender qual a intenção de Ellen White ao usar a expressão “a história se repetiria” no contexto da Carne Santa. Assim como na Bíblia, precisamos comparar o uso de palavras e expressões em vários contextos por Ellen White para entendermos corretamente sua intenção ao usá-la. Vejamos abaixo outros exemplos:</p> <p>Há o perigo de que a história do passado venha a se repetir.[lviii]</p> <p>A história passada se repetirá, ... e o perigo ameaçará o povo de Deus por todos os lados.[lix]</p>	<p>A pesquisa a várias ocorrências de uma palavra em um texto, ou em vários textos do mesmo autor ou época, é um recurso bastante utilizado na exegese, quando não temos certeza sobre o verdadeiro significado de uma palavra. Ao observar como uma palavra específica é utilizada em diferentes contextos, temos uma compreensão ampliada do seu significado. Porém, não acreditamos que haja qualquer dúvida com relação ao significado do verbo “repetir”, ou seja, neste caso, “voltar a ocorrer”.</p> <p>Portanto, o que o articulista está fazendo não é a utilização do recurso citado acima. Ao analisar os trechos apresentados, notamos que foi feita simplesmente uma compilação de várias ocorrências de uma expressão, citando apenas fragmentos de frases, dissociadas de seu</p>

<p>Desprezam a evidência da operação de Deus e a história se repete.[lx]</p> <p>E essa experiência se repetirá, a menos que o coração dos homens se convertam e se transformem completamente.[lxi]</p> <p>Homens e mulheres que entendem a vontade de Deus devem ser escolhidos ... para que os erros do passado não se repitam.[lxii]</p> <p>A história de Datã e Abirã se repete hoje e se repetirá até o fim dos tempos. Quem estará ao lado do Senhor?[lxiii]</p> <p>E ao mesmo tempo em que ela adverte quanto ao “perigo” de a história se repetir, ela diz: As coisas do passado se repetirão. ... Mas o povo de Deus ... sabe onde está firmado. Eles devem ficar firmes como uma rocha.[lxiv]</p> <p>Esta história se repetirá. ... O povo de Deus finalmente triunfará sobre todo o poder das trevas.[lxv]</p> <p>Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado.[lxvi]</p>	<p>contexto imediato, a fim de tentar impingir a esta expressão o significado que ele já decidiu qual seria. Este é mais um recurso frontalmente contrário aos mais básicos princípios de exegese.</p> <p>Não cabe aqui, por uma questão de espaço, uma análise do verdadeiro contexto de cada uma das citações, a fim de desmascarar a inconsistência da linha argumentativa do articulista. Basta ao leitor comparar os fragmentos citados entre si, a ver por si próprio se há alguma coisa de comum entre eles, além do verbo “repetir”.</p> <p>Apenas gostaríamos de destacar, para que ficasse gravado indelevelmente na mente dos leitores a seguinte citação apresentada pelo articulista:</p> <p style="text-align: center;"><i>“Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado.” (Mensagens Escolhidas, v. 3, p. 162)</i></p> <p>Este conselho é sábio e verdadeiro. A questão que se apresenta na mente do leitor que busca compreender verdadeiramente a vontade de Deus para os nossos dias é: quais são “os ensinamentos” que o Senhor “nos ministrou no passado”? Como os interpretamos e como os aplicamos aos nossos dias?</p> <p>Deixamos a cargo de cada um meditar profundamente sobre essas questões, verificando por si, através da direção do Espírito Santo, onde está a verdade e onde está o erro.</p>
<p>Veja que há sempre a possibilidade de que a história não se repita ao nos colocarmos “ao lado do Senhor” entendendo “Sua vontade” e não nos esquecendo dos “ensinamentos do passado”.</p> <p>Note também que ela usa a expressão de maneira incondicional somente ao se referir às profecias de Daniel a Apocalipse:</p> <p>Estude Apocalipse em relação a Daniel; porque a história se repetirá.[lxvii]</p> <p>A história se repetirá. A falsa religião será exaltada. O primeiro dia da semana ... será estabelecido como a imagem de Babilônia.[lxviii]</p> <p>Portanto, o uso dessa expressão por Ellen White ao se referir à história da igreja Adventista (ou do povo de Israel) denota sempre um “perigo” ou possibilidade de que a história venha a se repetir se os conselhos de Deus forem rejeitados.</p> <p>Na visão de Ellen White a repetição do fanatismo, música e culto caóticos estava condicionada pela resposta da igreja Adventista como um todo às lições aprendidas no passado. Ao confrontar o movimento, Ellen White condenou de forma inequívoca os erros doutrinários que estimulavam o falso culto, alertando sobre o perigo real de que eles viessem a se manifestar continuamente no futuro. Os envolvidos em Indiana e a liderança da igreja em geral</p>	<p>Já discutimos detalhadamente acima acerca da questão da condicionalidade das profecias, bem como o fato de esta profecia referente ao “<i>término da graça</i>” ser escatológica e, portanto, incondicional.</p> <p>Destacamos que neste trecho o articulista concorda com este ponto de vista ao dizer que “<i>ela usa a expressão de maneira incondicional somente ao se referir às profecias de Daniel a Apocalipse</i>”, ou seja às profecias escatológicas, presumindo que a omissão de referências ao grande sermão profético de Mateus 24 e a várias outras profecias relativas ao tempo do fim tenha sido apenas um lapso ou uma generalização por parte do articulista.</p> <p>Uma vez que as profecias escatológicas são reconhecidamente incondicionais, podemos afirmar que também seus sinais – ou seja, no caso em que estamos analisando, a repetição da confusão cúltica corrida em Indiana – são incondicionais com relação à sua ocorrência, podendo haver alguma variação apenas quanto à brevidade.</p> <p>A inferência feita pelo articulista a respeito da condicionalidade deste evento, relacionada a uma resposta por parte da liderança da igreja, não encontra qualquer respaldo ou consonância com o texto da própria autora. Notemos que, por um lado, a autora afirma que a história se repetirá e o povo de Deus deve ficar firme como uma rocha, citando textualmente (na página 38) os seguintes versos bíblicos:</p> <p style="text-align: center;"><i>“Portanto convém-nos atentar com mais diligência para as</i></p>

<p>responderam e o movimento se desfez.</p> <p>É importante entender esse aspecto de condicionalidade da visão, porque a interpretação corrente da expressão “a história de repetirá” implica que os “tambores” e outros excessos da música da Carne Santa vão se repetir a qualquer custo na igreja Adventista, a despeito do repúdio desses desde 1900 e da falta do fundamento teológico que os estimule. Tal interpretação acaba colocando a “bateria” como elemento fundamental da escatologia adventista, o que é em si, uma heresia.</p>	<p><i>coisas que já temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas. Porque, se a palavra falada pelos anjos permaneceu firme, e toda a transgressão e desobediência recebeu a justa retribuição, como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram?”</i> (Hebreus 2:1-3.)</p> <p><i>“Vede irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo. Antes exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado. Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim.”</i> (Hebreus 3:12-14.)</p> <p>Por sua vez, o articulista conclui – por algum raciocínio peculiar – que essa história se repetiria somente, e tão somente, se a igreja não adotasse uma posição firme neste assunto. Este tipo de raciocínio é perigoso, pois pode ser usado para anular qualquer profecia bíblica, conforme a conveniência ou crenças pessoais de cada autor, invalidando a revelação de Deus em prol de meras hipóteses.</p> <p>Gostaríamos apenas de destacar um ponto no último parágrafo deste trecho. O articulista escreve que <i>“os ‘tambores’ e outros excessos da música da Carne Santa vão se repetir (...) a despeito do repúdio desses desde 1900 e da falta do fundamento teológico que os estimule.”</i></p> <p>Com esta frase, o articulista admite – conforme temos afirmado – a posição histórica da IASD como sendo de repúdio aos tambores (instrumentos de percussão), bem como a outros excessos; assim como a inexistência de argumentos teológicos favoráveis a esta classe de instrumentos que justifiquem a sua aceitação em nosso meio, desde a época em que foi escrito o texto que estamos analisando.</p> <p>Outros pontos da argumentação equivocada deste trecho já foram cabalmente refutados e repeti-los seria desconsiderar a capacidade de compreensão de nossos leitores.</p>
<p>Outro ponto importante a ser considerado é o fato de a “profecia dos tambores” não ser mencionada em nenhuma outra parte dos escritos de Ellen White. Quando ela menciona a Carne Santa em seus escritos posteriores, ela se detém à heresia teológica, e não aos “tambores”.[lxix]</p> <p>Se estes ou a bateria moderna viessem se tornar uma ameaça constante à igreja até o fim dos tempos, era de se esperar que ela mantivesse a advertência sempre presente e a articulasse em outras cartas ou escritos ou até expandisse a visão de maneira específica. Mas ela não parece crer que, no contexto da igreja Adventista, a aplicação do termo “tambores” (‘drums’) transcendia o movimento da Carne Santa e se aplicava à bateria moderna (também ‘drums’) como vimos acima. O termo tambores na Carta 132 aplica-se estritamente ao movimento da Carne Santa.</p>	<p>O argumento apresentado neste trecho não se sustenta. Cabe a pergunta, meramente retórica: Quantas vezes uma profecia precisa ser repetida para que possa ser validada como sendo uma profecia aceitável?</p> <p>É óbvio que aceitamos como válidas “até o fim dos tempos” diversas profecias e instruções divinas que aparecem apenas uma vez no texto sagrado. Seria de se esperar que, por algumas profecias não terem sido repetidas inúmeras vezes, elas deixariam de ser válidas ou tivessem uma aplicação específica, apenas para aqueles que as receberam originalmente?</p> <p>Foi comentado anteriormente que Ellen G. White não cita o tambor mais vezes simplesmente porque a igreja não tinha este problema, uma vez que a nossa posição histórica sempre foi de repúdio a esta classe de instrumentos. Da mesma forma, ela não fala acerca da maconha ou do <i>crack</i> nem mesmo uma só vez, mas todos reconhecemos, através dos princípios de saúde deixados por ela, que</p>

	<p>estas substâncias não são apropriadas para um cristão.</p> <p>Esta linha argumentativa e a sua conclusão final, de que <i>“O termo tambores na Carta 132 aplica-se estritamente ao movimento da Carne Santa”</i> são apenas mais equívocos, resultantes da confusão em que o articulista se colocou logo de início, ao considerar como se fossem um só os dois textos que compõe o capítulo 3 do livro Mensagens Escolhidas.</p>
<p>E a história mostra que o culto em Indiana de fato se tornou uma dura advertência para o Adventismo sobre os perigos de heresias carismáticas que levam ao êxtase emocional e físico na adoração. Felizmente, graças ao conselho inspirado, podemos afirmar com segurança que não há no entendimento doutrinário Adventista do Sétimo Dia o pano de fundo para que essas heresias e seu respectivo culto floresçam novamente. Até hoje, mais de 100 anos depois, os excessos do movimento não têm se perpetrado em nosso meio. Para Ellen White e a igreja Adventista, o movimento da Carne Santa era causa e cumprimento da profecia.</p> <p>No entanto, contextualizar a visão e a sua aplicação como faz-se necessário para se evitar extremos de interpretação, não significa que a advertência contra o fanatismo se limita a Indiana em 1900 ou que estejamos imunes a ele e seu falso culto. Como ela disse: <i>“Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada...”</i> A passagem contém princípios transcendentais para evitar que a <i>“história se repita”</i>. A igreja deve continuar em sua vigilância seguindo o conselho da <i>“Palavra e nos Testemunhos”</i> para que heresias carismáticas e o fanatismo não se desenvolvam dando lugar ao culto e música caóticos da Carne Santa.</p>	<p>Concordamos em parte com o exposto no início deste trecho. Realmente o ocorrido em Indiana e a conseqüente repreensão severa por parte da serva do Senhor deixou bem claro o que Deus espera de Sua igreja com relação a um culto aceitável. Na verdade, ela deixou bastante claro que nosso arcabouço doutrinário não tem lugar para este tipo de culto.</p> <p>Porém, apesar disso, infelizmente temos notado em nosso próprio meio, em certas congregações e em alguns eventos, ocorrências que mimetizam de forma preocupante muitos aspectos das manifestações carismáticas e de excitação aos sentidos que caracterizam o culto pentecostal. Temos visto pastores, comissionados pela IASD escrevendo artigos defendendo o uso de palmas e até de dança nos cultos (compreendendo a possibilidade de que estes pastores não reflitam a posição da Igreja, mas apenas uma opinião pessoal); temos visto músicas acompanhadas de coreografias, eventos de pirofagia e malabarismos, tietes gritando e lançando peças íntimas aos seus <i>“ídolos”</i>, e muito mais. Não cabe aqui a descrição detalhada dessas manifestações, pois o leitor que acompanha mesmo que de longe estes eventos, reconhece acerca do que estamos falando.</p> <p>Na frase final do primeiro parágrafo deste trecho o articulista chega a conclusões que são completamente infundadas. Conforme já vimos, o evento escatológico ao qual Ellen G. White se refere é o fechamento da porta da graça e ela apenas indica a repetição das manifestações estranhas de Indiana como sendo um sinal para este evento profético. Uma vez que esta argumentação já foi apresentada acima, não a repetiremos aqui.</p> <p>Mais uma vez, concordamos com o articulista quando este afirma que é necessário contextualizar corretamente <i>“a visão e a sua aplicação”</i>, para que possamos <i>“evitar extremos de interpretação”</i>. Este é exatamente o espírito que nos moveu a esta réplica.</p> <p>Também concordamos que <i>“A passagem contém princípios transcendentais para evitar que a ‘história se repita’”</i>, no sentido em que podemos evitar sermos nós os causadores dos males profetizados. Podemos, ao dar ouvidos a estas advertências, evitar tomar parte nestes fatos, ou seja: a profecia deve se cumprir, ou é <i>“inevitável que tais coisas aconteçam, mas ai daquele por meio de quem elas acontecem!”</i> (Mateus 18:7).</p> <p>A questão aqui é: estamos nós aplicando corretamente e vivendo de acordo com esses princípios? Ou estamos dando ouvidos a doutrinas enganosas (I Timóteo 4:1-2; 6:3-5), disseminadas por falsos mestres (II Pedro 2:1), deixando de dar ouvidos à vontade de Deus revelada através de Seus profetas?</p>

Mas note que os “gritos com tambores, música e dança” da Carne Santa em 1900 não esgotam as manifestações espiritualísticas que ocorreriam desde meados do século 19 até o fim dos tempos. Prova disso é o que ocorre em igrejas pentecostais tradicionais onde o êxtase e as manifestações espiritualísticas podem ocorrer mesmo na ausência de música hipnotizante ou com percussão. Um exemplo é a Congregação Cristã no Brasil, que utiliza música tradicional e não permite a percussão em sua música mas onde o êxtase e “tudo o que é estranho” continua a ocorrer. No caso deles há “gritos sem tambores”.

Porém o fato de que outros grupos pentecostais usam tambores não fazem desses os originadores do culto com “ruído e confusão” necessariamente, porque o falar em línguas, exorcismos, curas, e outras manifestações estranhas são promovidos por sua teologia e não pela música. Daí a preocupação primordial de Ellen White em combater o entendimento doutrinário da igreja que poderia dar lugar ao falso culto, não o inverso. Por isso é inadequado cair no extremo de considerar a música ou um instrumento musical como o originadores de heresias teológicas e do falso culto como tem-se interpretado. [lxx] [lxxi]

Aqui novamente vemos a importância de proteger a igreja da teologia que para Ellen White poderia dar lugar ao falso culto, seja com êxtase ou solene formalidade.

Atualmente, apesar do zelo de alguns em condenar qualquer nova dinâmica no culto como suspeita e ameaçadora, não há evidências de que os excessos do culto caótico em questão estejam sendo reintroduzidos na igreja Adventista ou que a “história esteja se repetindo” meramente pelo uso da bateria, percussão, guitarra elétrica, contrabaixo ou música adventista contemporânea.

De acordo com o que o articulista afirmou em um trecho acima, o período de abrangência desta profecia “*incluía os fanatismos passados do Adventismo bem como o movimento da Carne Santa e não algo num futuro ainda distante*”, ou seja, esse período seria restrito no máximo ao começo da década de 1900. É interessante que, apesar de haver feito esta absurda afirmação, agora o articulista afirma o contrário, aplicando a profecia ao período “*desde meados do século 19 até o fim dos tempos*”. Mais uma vez, vemos indicações de incoerência na argumentação do articulista, o que deveria nos levar a desconfiar da sua credibilidade.

O leitor que conhece o fenômeno neopentecostal compreende com clareza que a intensidade das manifestações carismáticas é marcadamente maior exatamente naquelas igrejas que baseiam a sua instrumentação para acompanhamento dos momentos de louvor na mesma formação instrumental características dos grupos de rock desde a década de 1950: bateria, guitarra elétrica e contrabaixo elétrico. Em algumas poucas igrejas evangélicas que não seguem este modelo de instrumentação em seus cultos não se nota a mesma intensidade nas manifestações carismáticas, embora elas ocorram. Porém, sua ocorrência é mais esporádica e não há tantas distorções extravagantes, tanto teológicas quanto cúlticas, como vemos ocorrer nas igrejas neopentecostais que utilizam este modelo.

Por que isto é assim? É óbvio que a teologia distorcida acerca dos dons espirituais e da ação do Espírito Santo tem um papel importante a desempenhar nisso, considerando que as manifestações carismáticas pentecostais começaram a ocorrer em 1900, no avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles (EUA), antes, portanto, do invento da bateria.

Mas também é claramente evidente que a ênfase no ritmo sempre desempenhou um papel preponderante neste fenômeno, desde seus primórdios, ou seja, antes de a bateria ter sido inventada. Não que não houvesse instrumentos de percussão àquela época, mas nem sempre eles eram imprescindíveis; porém o ritmo era indispensável.

Em seus primórdios, a marcação rítmica era realizada mesmo sem a utilização de instrumentos de percussão, tamanha era a sua importância para a experiência o êxtase, conforme o texto abaixo:

"Os cânticos religiosos que os negros aprenderam dos missionários não tardaram a receber o tratamento 'hot' (quente). Hoje conhecidos por 'Spirituals', verifica-se o bater de mãos e de pés em vez de tambores, e fazem uso coerente de frases sincopadas de um modo que corresponde exatamente a padrões conceituais da música africana. A idéia de música religiosa 'hot' já havia sido comunicada aos brancos do Sul quando do encerramento do período reavivamentista, durante o qual hinos pesadamente rítmicos eram úteis à indução do fenômeno de 'possessão', comum nos 'camp-meetings'." (Gilbert Chase, "Do Salmo ao Jazz", p. 237)

Trata-se, evidentemente, de um mecanismo de reforço, como apontam os seguintes parágrafos:

“Quem quer que tenha ouvido o 'spiritual' como deve ser cantado, sabe que é praticamente impossível ficar imóvel enquanto se escuta... O ritmo exige movimento físico. Os pés insistem em bater. Há um desejo quase irremediável de levantar-se e lançar todo o corpo em movimento cadenciado”. (Robert W. Gordon, "The Negro Spiritual", em "The Carolina Low-Country" (Augustine T. Smythe, 1931), p. 192).

“Os pentecostais, por sua vez, enfatizam a experiência mística intensa, explorando a adoração que leva a um êxtase místico, que, naqueles grupos mais antigos, é atingido quando a música utilizada pelos adoradores (bastante dinâmica e ritmada) conduz à glossolalia (o falar em línguas estranhas)...” (Pr. Douglas Reis – [“A Canção e a Vida: A Coerência Necessária Entre o Uso da Música e uma Vida Autenticamente Cristã”](#)) (19)

“Quando hinos são ritmicamente tão irresistíveis que palmas, dança ou batida de pés é a resposta comum, podemos até estar nos divertindo, mas tais canções são, no final, auto-destrutivas. Qualquer música que tenha um impulso rítmico dominante e que induz a excessos e a respostas corporais não controladas agrada ao ‘eu’. Ela fornece ao ‘eu’ momentos agradáveis e joviais. Mas lhe falta a disciplina necessária ao amadurecimento. Quando a atenção está vinculada a uma resposta carnal, então a música da igreja já sucumbiu a uma centralização infantil no ‘eu’.” (Calvin M. Johansson, “Disciplining Music Ministry: Twenty-first Century Directions” (Peabody, MA, 1992), p. 73)

É significativo que a tradução do título do último livro citado seja *“Disciplinando o Ministério da Música: Diretrizes para o Século Vinte e Um”*. Ou seja, o autor deste livro, um doutor em Artes e ministro Adventista, não está falando de denominações pentecostais ou de uma situação no passado, onde este problema ocorreu pontualmente, mas do fenômeno musical adventista como um todo, no século 21. Infelizmente, não temos conhecimento que este livro tenha sido publicado em Português.

Os responsáveis por esta réplica fazem parte daqueles que *“buscam com zelo” não “condenar qualquer nova dinâmica no culto”*, como o articulista tendenciosamente sugere, mas advertir acerca de modelos cúticos que as experiências do passado já demonstraram ser perigosas e contra as quais existem instruções claras, tanto da Inspiração quanto das obras pastorais e acadêmicas.

Ao analisar historicamente o contexto da adoração reavivamentalista americana, que levou à experiência desastrosa da campal de Indiana, podemos encontrar os seguintes fatores que estiveram presentes no processo que culminou com a aceitação daquele tipo de música em nosso meio naquela época:

- Perda do discernimento entre o sacro e o profano.
- Saque de músicas profanas para uso religioso.
- Falso conceito do Evangelho como meio de fugir à danação do Inferno.

- *Teste de conversão baseado em emoções e não em aceitação racional de doutrinas que servem de novos rumos para a regeneração.*
- *Esforço para tornar o Evangelho mais acessível e fácil, ao nível do gosto popular.*
- *Enfim, a maneira pesadamente rítmica de cantar servia para induzir ao êxtase, e o fenômeno da "posse". (Dario Pires Araújo, "[Música, Adventismo e Eternidade](#)", p. 17) (20)*

Cabem as seguintes perguntas, que cada um deve responder por si mesmo:

- Quantos destes itens estão se repetindo hoje?
- Esta repetição deve ser motivo de alerta?
- Esta repetição já seria um cumprimento do sinal do fechamento da porta da graça, delineado por Ellen G. White na profecia que estamos analisando?
- Analisando o contexto litúrgico atual, que tendência podemos observar: uma tendência em direção a uma maior solenidade no culto ou em direção a maior imitação de momentos de entretenimento mundanos?

O texto abaixo espelha de maneira precisa o caráter de muitos daqueles que gostariam de ter um culto mais "animado":

"Para alguns, os cultos não significam mais que um tempo agradável. Quando seus sentimentos são despertados, pensam que estão grandemente abençoados. Alguns não acham que são abençoados a menos que sejam agitados e exaltados. A intoxicação do excitamento é o objetivo que buscam; e, se o não obtêm, julgam tudo estar errado com eles, ou que algum outro o está." (Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 21)

A própria autora indica que o motivo para este espírito é a "falta de fé em Deus." (Idem)

Apesar de todos os fatos o que acabamos de apresentar, o articulista declara friamente que "...não há evidências de que os excessos do culto caótico em questão estejam sendo reintroduzidos na igreja Adventista ou que a 'história esteja se repetindo'..." Ou o articulista é ingênuo, ou é alienado, ou tem a sensibilidade cauterizada, achando que tudo é normal. Até alguns anos atrás poderíamos dizer que o fenômeno da música fortemente ritmada com letra cristã era exclusividade dos pentecostais e que, por não termos uma teologia que favorecesse as manifestações de êxtase, estávamos "blindados" contra este tipo de experiência em nossos cultos.

Porém, isto não é mais verdade. Temos não apenas copiado os estilos musicais pentecostais em nossos cultos, como também temos fornecido músicas e músicos para o "abrilhantamento" de cultos extáticos. Este fato, sobejamente conhecido, demonstra uma equiparação de valores no âmbito musical. Sabendo que Satanás utilizará todos os meios disponíveis para enganar o povo de Deus - sendo que a música é a arma com a qual ele está mais familiarizado - poderíamos dizer com segurança que a profecia que diz "*Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida*" não está se

	<p>cumprindo diante dos nossos olhos?</p> <p>Como podemos esperar “<i>proteger a igreja da teologia que para Ellen White poderia dar lugar ao falso culto</i>” se estamos abertamente dando as mãos àqueles que praticam o mesmo tipo de culto condenado pela serva do Senhor?</p> <p>Diante da óbvia pergunta que brota na mente de qualquer pensante: "Pode alguém garantir que esta porta que está se abrindo não nos levará a novas manifestações pentecostais em nosso meio?", a resposta ainda mais óbvia e, sincera, seria, "não sabemos". Porque não há como se saber. No entanto, as Escrituras nos dizem que “<i>onde não há profecia, o povo se corrompe</i>” (Provérbios 29:18). Para comprovarmos isto, bastaria dar uma olhadela para o arraial evangélico.</p> <p>O que sabemos com certeza é que a profecia que estamos analisando certamente se cumprirá, pois como vimos, é uma profecia escatológica. Mas de que lado cada um de nós estará neste conflito?</p>
<p>Precisamos nos perguntar com franqueza:</p> <p>1. É justificável comparar o caos total, gritos estridentes, pessoas cantando enquanto outras oram em voz alta, música ruidosa e hipnotizante que levavam as pessoas a desmaiarem e outras manifestações da Carne Santa com o culto adventista que usa música com a bateria?</p>	<p>Precisamos nos perguntar com franqueza:</p> <p>1. É justificável ou espiritualmente responsável consentir e encorajar uma forma de culto que mimetiza as formas de adoração e os estilos musicais de denominações que dão valor salvífico às experiências de êxtase? Até quando podemos achar que o estímulo musical poderá ser aplicado sem que haja uma resposta? Para maior clareza, repetimos o texto abaixo:</p> <p><i>“A música cria o clima propício ao emocionalismo, ao falso reavivamento. Ela tem este poder ilusório. A forma como se canta, o uso de instrumentos de percussão com seu efeito hipnótico onde predomina a repetição própria dos cultos espiritualistas do paganismo, as dissonâncias e o excesso de amplificação, têm criado um êxtase e uma falsa segurança que Cristo não prometeu. O mundo religioso atual tem-se envolvido no carismatismo espiritualista, do catolicismo à religiões orientais, cada qual com suas formas e nuances peculiares, tendo no entanto, o mesmo espírito a orientá-los: o espírito do mal, Satanás, o grande enganador.”</i> (Pr. Jorge Mário de Oliveira – “A Música na Escatologia de Ellen White”) (18)</p> <p>Outro ponto a ser considerado é a sugestão, sutilmente inserida pelo articulista nesta pergunta, de que só devemos nos preocupar com uma situação quando esta chega ao “caos total”. Será que, na visão do articulista, é assim que os pastores devem cuidar de suas igrejas? Ou os pais de seus filhos?</p>
<p>2. Seria coerente chamar a música que usa instrumentos com os quais não estamos acostumados ou que apenas tem volume mais alto do que o habitual, ou um culto mais vibrante de “baderna e barulho, confusão e ruído”?</p>	<p>2. Seria coerente achar que um culto vibrante e dinâmico – no verdadeiro sentido espiritual dessas palavras – depende de fatores externos, planejados para a excitação dos sentidos? Ou será que é impossível termos um culto bastante dinâmico, alegre, poderoso, em Espírito e em Verdade (João 4:23-24) apenas pela operação do Espírito Santo na vida dos adoradores, sendo necessário simular a Sua presença por meio do êxtase incitado exterior e artificialmente, lançando mão dos mesmos artifícios e recursos utilizados em cultos</p>

tão claramente rejeitados por Deus?

Ellen G. White diz o seguinte acerca deste modelo de culto:

“Tenho ficado muitas vezes penalizada ao ouvir vozes não educadas, elevadas ao máximo diapasão, guinchando positivamente as palavras sagradas de algum hino de louvor. Quão impróprias essas vozes agudas, estridentes, para o solene e jubiloso culto de Deus! Desejo tapar os ouvidos, ou fugir do lugar, e regozijo-me ao findar o penoso exercício. Os que fazem do canto uma parte do culto divino, devem escolher hinos com música apropriada para a ocasião, não notas de funeral, porém melodias alegres, e todavia solenes. A voz pode e deve ser modulada, suavizada e dominada.” (Evangelismo, pp. 507 e 508)

“Não temos tempo agora para gastar em buscar as coisas que agradam unicamente aos sentidos. É preciso íntimo esquadrihar do coração. Necessitamos, com lágrimas e confissão partida de um coração quebrantado, aproximar-nos mais de Deus; e Ele Se aproximará de nós.” (Evangelismo, p. 510)

Nossa posição é que a utilização destes estilos musicais e instrumentais no culto, como se pudessem complementar ou incentivar a obra do Espírito Santo, indica a perda de qualquer parâmetro acerca do caráter da obra do Espírito Santo, bem como de Seu papel na edificação da igreja. Indica ainda a falta de parâmetros sobre o papel da música no culto. Para maiores detalhes acerca da função da música no culto, veja o artigo [“O Papel da Música na Adoração”](#) (21).

É digno de nota, ainda, que o articulista infira que a bateria poderia ser apenas um instrumento com o qual *“não estamos acostumados ou que apenas tem volume mais alto do que o habitual”*, reduzindo a controvérsia ao campo dos gostos e costumes pessoais. Este é um frágil, porém recorrente recurso, freqüentemente utilizado pelos que defendem a qualquer custo o uso da Música Cristã Contemporânea ou Música Gospel nos cultos. Porém, o dito popular *“gosto não se discute”* não se aplica a assuntos espirituais, quando a salvação está em jogo.

Ainda que a questão toda tratasse puramente de gosto pessoal – e obviamente não é este o caso – caberia lembrar que nossos gostos moldam nosso caráter e, portanto, precisam ser educados de acordo com o *“gosto”* de Deus, ou seja, com os padrões divinos.

Devemos nos lembrar que a Bíblia nos relata exemplos trágicos, nos quais pretensos adoradores buscaram a sua própria vontade, seus próprios padrões, ao se aproximarem de Deus: Caim (Gênesis 4:1-16); Nadabe e Abiú (Levítico 10:1-2; Números 3:4); Uzá (I Crônicas 13; II Samuel 6:1-8); Ananias e Safira (Atos 5:1-11).

Mas Deus anseia pela nossa adoração O texto bíblico diz que *“... o Pai procura a tais que assim O adorem”* (João 4:23). Para isto, precisamos nos amoldar ao Seu caráter. Ellen G. White diz o seguinte a este respeito:

	<p><i>“Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.” (Parábolas de Jesus, pág. 69)</i></p> <p><i>“O caráter de Cristo substituirá o seu caráter, e você será aceito diante de Deus exatamente como se não houvesse pecado.” (Caminho a Cristo, p. 62)</i></p>
<p>3. Considerando-se a importância da influência teológica sobre a visão do culto, é possível detectar alguma heresia carismática infiltrando-se na igreja Adventista como um todo hoje e que vá levar ao desenvolvimento desse estilo de culto, fazendo a história se repetir?</p>	<p>3. Considerando-se a importância da influência dos estilos musicais sobre a visão teológica do culto, é possível imaginar que a teologia Adventista permaneça isenta de heresias, caso continuemos aceitando em nosso meio os estilos musicais espúrios, característicos de cultos extáticos e acerca dos quais já fomos firmemente advertidos pela serva do Senhor?</p> <p>Vejamos o que Ellen G. White fala sobre a influência da música na espiritualidade dos jovens:</p> <p><i>“Sinto-me alarmada quando presencio a frivolidade de moços e moças que professam crer na verdade... Possuem um apurado ouvido para música e Satanás sabe qual órgão excitar, incitar, absorver e fascina a mente de modo que Cristo não seja desejado. Desvanecem-se os anseios espirituais da alma por conhecimento divino, por crescimento em graça.” (Testemunhos para a Igreja, v. 1, p. 496)</i></p> <p>O próprio articulista afirma, em um trecho anterior, que a <i>“música se tornaria ‘um laço’ para perpetrar falácias teológicas e um culto espúrio.”</i> Como é possível que, após ter feito esta constatação, a partir da análise do texto inspirado, seja levantada uma pergunta como a que se apresenta ao lado?</p> <p>O mesmo articulista que fez esta pergunta escreveu uma resenha extremamente desfavorável e até mesmo mordaz ao presidente recém-eleito da Conferência Geral, Pr. Ted Wilson, por seu sermão inaugural (disponível na íntegra aqui) (22). Esta resenha, que tem por título <i>“Reflexões Sobre o Sermão de Ted Wilson”</i> estava disponível no site mantido pelo articulista, tendo sido retirada recentemente, por motivos que ainda não estão claros e sobre os quais não nos cabe especular. Porém, felizmente, este documento ainda pode ser encontrado, na íntegra, aqui. (23)</p> <p>Neste sermão o Pr. Ted Wilson incita a igreja a prosseguir em frente sem se esquecer dos marcos do passado, sem perder de vista seus valores históricos, e encorajando a igreja a buscar o reavivamento espiritual e a reforma de vida.</p> <p>Ora, qual seria o motivo para o presidente da Conferência Geral falar em reavivamento e reforma, em retorno aos valores históricos, se não houvessem em nosso meio desvios destes valores? Ele próprio apontou várias dessas distorções, tornando desnecessário que as repitamos aqui. Apenas destacamos, em uma tradução realizada pelos editores do Música Sacra e Adoração (01), um trecho referente à música e à adoração, que é o assunto debatido aqui:</p> <p><i>“Não sucumbam à idéia equivocada que está ganhando</i></p>

	<p><i>apoio mesmo dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de aceitar métodos de adoração ou de esforços evangelísticos somente porque são novos ou da moda. Precisamos ser vigilantes para provar todas as coisas de acordo com a autoridade suprema da Palavra de Deus, e os conselhos com os quais fomos abençoados nos escritos de Ellen G. White. (...) Utilizem práticas de adoração e musicais centralizadas em Cristo e baseadas na Bíblia nos cultos na igreja, embora compreendamos que os cultos da igreja, cultos de adoração e culturas sejam variados através do mundo e respeitemos isso. Não retrocedam para ambientes confusos e pagãos, onde a música e a adoração tornam-se tão concentrados na emoção e na experiência que se perde o foco central na Palavra de Deus. Toda a adoração, seja simples ou complexa, deve fazer uma coisa e apenas uma coisa: enaltecer a Cristo e rebaixar o eu. Métodos de adoração que enaltecem a execução e o eu devem ser substituídos pela simples e doce reflexão de uma abordagem centralizada em Cristo e bíblica. Definir [esta abordagem] muito detalhadamente é impossível, mas quando lerdas as Escrituras, quando lerdas acerca da santidade da presença de Deus, o Espírito Santo os ajudará a saber o que é certo e errado.” (Pr. Ted Wilson – “Marche” (Sermão Pregado na 59ª Conferência Geral)) (22)</i></p> <p>Especificamente a respeito da introdução de “heresias carismáticas” em nosso meio, o Pr. Wilson adverte:</p> <p><i>“Não se envolvam com movimentos ou mega-igrejas, centros externos à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que prometem sucesso espiritual com base em teologia falha. Afastem-se de disciplinas não bíblicas ou métodos de formação espiritual que estejam enraizados em misticismo tais como “oração contemplativa”, “oração centrante” e os movimentos de igrejas emergentes nos quais eles são promovidos.” (Pr. Ted Wilson – “Marche” (Sermão Pregado na 59ª Conferência Geral)) (22)</i></p> <p>Mais uma vez, qual seria o motivo para o presidente da Conferência Geral advertir contra a aproximação em relação a estes movimentos, se não estivesse ocorrendo atualmente (e já há algum tempo) esta aproximação?</p> <p>Considerando a pergunta feita pelo articulista neste trecho, cabe ao leitor meditar e definir, com base nestes fatos, quem está defendendo a verdade.</p>
<p>O Uso da Percussão na Igreja Adventista desde 1900</p> <p>Que a igreja repudiou por completo a heresia da Carne Santa, não há dúvidas. Mas qual foi a resposta da igreja em relação aos instrumentos musicais mencionados por Ellen White em sua visão, especialmente os tambores? Será que a Igreja Adventista banuiu instrumentos de percussão depois da campal de Indiana em 1901 e só mais recentemente é que estes têm ressurgido na forma da bateria, em “desobediência” ao conselho divino?</p>	<p>O Uso da Percussão na Igreja Adventista desde 1900</p> <p>Uma vez que o contexto desta discussão é a utilização da bateria nos cultos de adoração, notamos que o autor não realizou nos arquivos históricos da Igreja Adventista (24) a pesquisa que deveria ter sido realizada para o embasamento de seu ponto de vista, ou seja, uma busca a textos em que a palavra “drums” (tambores) esteja associada, de alguma forma, com a palavra “worship” (adoração). Quando fazemos esta associação, notamos que as referências são sempre desfavoráveis. Além disso, quando esta pesquisa associativa é feita aos arquivos do catálogo virtual do Ellen G. White Estate (05), vemos</p>

Uma busca por referências à palavra “drums” nas publicações oficiais da igreja desde 1901 no Adventist Archives produz centenas de menções a percussão, tambores, címbalos, tímpanos e inclusive bateria, o que mostra que estes continuaram a fazer parte da música sacra de instituições, escolas e orquestras adventistas. Cito aqui alguns exemplos da União do Lago, onde floresceu a Carne Santa:

No Emmanuel Missionary College, atual Andrews University, os alunos tocavam tambores já em 1915, num culto de gratidão pela Lei Seca Americana.^[lxxii] Orquestras rítmicas com címbalos, tambores, bateria, triângulos e castanholas também eram comuns em escolas adventistas de Michigan já na década de 1920-30.^[lxxiii] Os tímpanos de orquestra que vimos acima são utilizados pelas orquestras de escolas adventistas na adoração desde o início da nossa obra educacional.

A Review and Herald tinha uma banda composta por funcionários que era usada em campanhas evangelísticas, cultos e concertos de música sacra e nacionalista desde o início do século.^[lxxiv] O infame surdo, idêntico ao da Carne Santa, levava o nome Review and Herald Band (veja foto). O surdo também tem sido parte das fanfarras dos Desbravadores desde seu início em 1926, representando a juventude adventista em passeatas e marchas comemorativas.

que as citações sempre estão no contexto da adoração pagã no tempo de Israel ou das manifestações carismáticas como de Indiana.

De qualquer forma, já havíamos afirmado acima que o problema não é o instrumento em si mas, principalmente, o estilo musical no qual esta classe de instrumentos é imprescindível e o efeito deletério causado sobre os adoradores (e, conseqüentemente, a própria adoração) através do uso deturpado dele. Qualquer exagero é condenável, inclusive o elevado volume da voz humana, e EGW se refere a isso (*Evangelismo*, pp. 507 e 508; *Obreiros Evangélicos* p. 357).

Além disso, já havíamos discutido que, no texto que estamos analisando, apesar de o tambor ser o único instrumento (ou classe de instrumentos, os membranofones) citado nominalmente, E. G. White estava advertindo contra um conjunto de coisas, que causava uma “*balbúrdia de ruído*”, uma “*confusão de ruído e multidão de sons*”, a qual “*choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção.*” Portanto, o real problema é o estilo musical e o efeito deste conjunto de sons sobre os adoradores. Este ponto foi defendido anteriormente pelo articulista, com o qual concordamos, com nossas ressalvas que o tambor foi destacado pela própria E. G. White como peça chave desta manifestação. Aparentemente, este tipo de música deixou de ocorrer em nosso meio, já que E. G. White não volta a este tema.

Assim, parece-nos que a trilha argumentativa enveredada pelo articulista neste trecho do debate tem como finalidade específica demonstrar àqueles que consideram os tambores como pecaminosos e demoníacos “*per se*” que esta não é a visão da igreja como um todo. Esta linha argumentativa é fraca e sem sentido por, pelo menos, três razões:

Primeiro, este não é o ponto de vista de praticamente a totalidade daquelas pessoas que tenham uma postura no sentido de não aceitar a mistura do sagrado com o profano na adoração. As restrições oferecidas ao uso de membranofones na adoração têm a ver, basicamente, com: a) o estilo musical normalmente utilizado pelos instrumentistas, b) com a associação destes instrumentos a diversões mundanas e c) ao espírito normalmente incitado pela música resultante de sua utilização.

Segundo, nos pareceu que o debate tratava da postura de Ellen G. White sobre os tambores, conforme ela havia delineado em seus escritos, e não das práticas da igreja nos diversos países do mundo. Qual é, na verdade, o nosso modelo? Não seria a Bíblia, a Palavra de Deus acima de tudo; depois os escritos de Ellen G. White, esclarecendo e aplicando o conteúdo bíblico? Deveríamos passar a utilizar as práticas da igreja em outras culturas como modelo? Não seria isto uma total inversão de valores?

Terceiro, o fato de que publicações a igreja citem que esta classe de instrumentos foi utilizada no passado não é argumento válido para o estabelecimento de práticas na adoração na igreja Adventista. De outra forma, teríamos argumentos muito mais fortes, uma vez que são oriundos da própria Bíblia, para o estabelecimento da poligamia, da vingança de sangue, da disciplina eclesíastica envolvendo punições

físicas – até mesmo a morte – do ofensor. Obviamente, é necessário compreender o contexto da citação e sua aplicação no “*tempo e lugar*”, ou seja, voltamos ao assunto da “*exegese*” e “*eisegese*”. Faremos abaixo uma análise dos textos citados como referência pelo articulista.

Existem duas questões que realmente precisam ser analisadas à luz do que temos discutido até aqui e são as seguintes: 1 – Que tipo de música os grupos citados pelo articulista faziam, utilizando-se destes instrumentos de percussão e qual seu efeito sobre os ouvintes? 2 – Estes grupos musicais utilizavam seus instrumentos de percussão na igreja, nos momentos do culto de adoração?

Porém, precisamos delimitar o período de tempo que será analisado, tendo em vista não apenas o desenvolvimento musical secular nos EUA como também a adoção, em décadas mais recentes, destes estilos seculares em nossas igrejas e instituições, em claro descompasso com os conselhos de Ellen G. White. Portanto, estamos considerando nesta análise o período desde 1900, ano da campal em Indiana, que é o foco deste debate, até o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Este evento bélico foi o catalisador de enormes mudanças sociológicas e filosóficas, as quais afetaram definitivamente a nossa cosmovisão, como igreja. Parece-nos que esta delimitação de período está de acordo também com os exemplos citados pelo articulista.

Com relação ao primeiro item, não obtivemos acesso a materiais de pesquisa específicos e detalhados sobre este grupo, que respondam definitivamente à questão do estilo musical, mas certamente é possível inferir alguns pressupostos com bastante segurança.

Deve ser notado que o *Rock and Roll* e seus estilos correlatos e derivados ainda não haviam surgido no cenário musical, o que ocorreria apenas na década de 1950. O jazz teve seus inícios a partir da década de 1920, mas certamente não adentrou em nossos templos, nem fez parte do repertório dos grupos de nossas instituições, a não ser muito mais tarde. Isto foi devido a dois fatores fundamentais: primeiro a visão histórica da igreja, ordenada por Deus para o Seu povo, de separação entre o sagrado e o profano, conforme podemos ver nos textos abaixo:

“A conformidade aos costumes mundanos converte a igreja ao mundo; jamais converte o mundo a Cristo” (O Grande Conflito, p.509).

“Deus nos tem dado, como um povo, advertências, reprovações e alerta por todos os lados, a fim de conduzir-nos para longe dos costumes e processos mundanos. Ele requer de nós que sejamos peculiares na fé e no caráter, a fim de alcançarmos uma norma mais avançada do que a dos que pertencem ao mundo.” (Conselhos Sobre Educação, p. 84)

“Não imagineis poder misturar o santo e o profano. Isto tem sido feito no passado de modo tão constante que o discernimento espiritual dos professores ficou obscurecido, e eles não logram discernir entre o que é sagrado e o que é comum. Eles têm utilizado o fogo comum e têm-no apreciado,

exaltado e louvado, e o Senhor tem-Se afastado com desgosto. Professores, não seria melhor fazer plena consagração de vós mesmos a Deus? Arriscaríeis vossa salvação num serviço dividido?" (Conselhos Sobre Educação, p. 145).

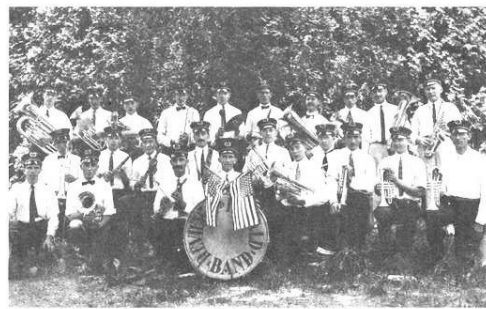
Segundo, devido à existência de um forte preconceito contra os estilos musicais característicos dos negros norte-americanos. Não podemos esquecer que estamos falando de um país que possuía uma legislação segregacionista, a qual esteve em vigor até 1963.

Também deve ser lembrado que a amplificação sonora estava em seus primórdios e muito poucas igrejas contavam com algum sistema de som. Portanto, qual seria o estilo musical adotado pela *Heview and Herald Band*, citada pelo articulista e qual seria o efeito desta apresentação sobre os ouvintes?

Pelas fotos que tivemos acesso através do site dos [arquivos históricos da Igreja Adventista](#) (24), o grupo em questão era formado principalmente de metais, possuindo ainda alguns poucos instrumentos do naipe das madeiras (algumas clarinetas e um saxofone) um bumbo e uma caixa militar. Pode ser notado, na foto abaixo, que todos os instrumentos do naipe de metais permitem a execução de melodias cromáticas, uma vez que possuem chaves.



Tendo em vista que a banda pertencia a uma instituição eclesiástica, podemos pressupor que hinos fizessem parte de seu repertório. O fato da possibilidade de executar escalas cromáticas favorece este pressuposto, pois permitiria executar com facilidade as melodias e harmonias características dos hinos da época. Mas será que esta banda tinha o objetivo principal de tocar nos cultos de adoração? Vejamos a foto abaixo:



Life was not all work for Review employees, who enjoyed such recreational activities as the Review and Herald band, left, and the annual Fourth of July picnic, below. Both pictures were taken before World War I.

A legenda da foto diz: “A vida não era apenas trabalho para os empregados da Review, que desfrutavam de atividades de recreação, tais como a Review and Herald Band à esquerda e o piquenique anual [do feriado] de Quatro de Julho, abaixo (foto omitida). Ambas as fotos foram tiradas antes da Primeira Guerra Mundial [que se iniciou em 1914]”. (Review and Herald - Vol. 152 - No. 51 - 1975)

Além da festividade retratada acima, existem ainda relatos de um piquenique, em 1893, realizado para os funcionários e pacientes do Sanatório de Battle Creek às margens de um lago, onde a refeição foi servida ao som da Review and Herald Band. O relato, encontrado no órgão oficial da União do Lago detalha que “até mesmo o Dr. J. H. Kellogg foi até lá de bicicleta, para desfrutar de momentos de sociabilidade.” (*The Lake Union Herald* - Official Organ of the Lake Union Conference of Seventh-Day Adventists - July 6, 1976, p. 3)

Portanto, a atividade na banda era claramente vista como entretenimento ou recreação. A participação em piqueniques, festividades nacionais e outros eventos sociais parece ser a característica deste grupo. Assim, podemos afirmar com relativa segurança que o repertório principal deste grupo consistia de músicas folclóricas, marchas militares populares e outras canções leves, não sendo o seu objetivo principal a participação em cultos de adoração, embora esta fosse uma possibilidade.

Obviamente, a foto acima também foi conseguida por nós nos [arquivos históricos da Igreja Adventista](#) (24), os quais foram consultados pelo articulista, conforme informado por ele. Por que, então, ele não apresentou em seu artigo a segunda foto, com sua respectiva legenda?

Neste ponto o leitor pode estar se perguntando qual seria a relação entre esta banda e o tema principal deste artigo, ou entre a maneira de utilização da percussão no contexto desta e a pretendida utilização da percussão, através da bateria, em nossos cultos de adoração na atualidade.

Estaria o articulista sugerindo que os que defendem o uso da bateria na igreja deveriam defender a sua utilização apenas e tão somente para executar estilos musicais festivos em eventos sociais, de maneira similar ao que estes grupos faziam naqueles tempos? Se este fosse o caso, esta polêmica provavelmente estaria encerrada; contudo, o que se constata é que não é isso o que ocorre.

Fanfarras e bandas, como aquelas utilizadas pelos clubes de Desbravadores, utilizam os tambores para estimular e induzir o ritmo

	<p>da marcha nos desfiles. A marcha – ou seja, uma manifestação puramente física – é o objetivo; por isso o uso de tambores é apropriado. Porém, é evidente a qualquer pessoa que opte por utilizar a sua capacidade de discernimento, que esta situação é diametralmente oposta a uma situação de culto.</p>
<p>Tambores também são mencionados nos cultos vibrantes de missões adventistas na África.</p> <p>[lxxv] Na Conferência Geral de 1966, o relatório da Divisão Transafricana foi introduzido pelo hino “Ó Cristãos, Avante!” ao som do órgão e tambores tocados pelo secretário daquela divisão.</p> <p>[lxxvi] Tambores tem sido usados nas Conferências Gerais nos relatórios das missões africanas e outras regiões desde os primórdios</p>	<p>Tambores também são mencionados nos cultos vibrantes de missões adventistas na África.</p> <p>Evidentemente o espaço aqui não permite uma análise detalhada das questões culturais e como estas influenciam a expressão da adoração durante o culto. Para uma análise abrangente, recomendamos o excelente volume intitulado “<i>O Cristão e a Cultura</i>” de Michael S. Horton, editado pela Editora Cultura Cristã.</p> <p>Porém, salta aos olhos a falácia de tentar aplicar usos e costumes de outras culturas à nossa, como se isto servisse de justificativa para qualquer coisa.</p> <p>Façamos então um exercício desta aplicação, utilizando uma realidade bastante próxima a nós. Os índios Carajás, Adventistas do Sétimo Dia, quando estão em suas aldeias, comparecem ao culto vestindo apenas shorts ou bermudas, com o corpo pintado e usando adereços de penas. Deve ser ressaltado que isto não se trata de uma conjectura, pois conhecemos pessoalmente esta realidade. Porém, isto justificaria que nós, em nosso próprio contexto sócio-cultural nos apresentássemos assim diante de Deus em nossos cultos coletivos? Fica evidente que não, ainda mais considerando o fato de que estes mesmos indígenas, quando estão em uma cidade, comparecem aos cultos vestidos de maneira social, sem as pinturas e sem os ornamentos.</p> <p>Como deveríamos interpretar isto? Deus não é um só? Portanto, o que seria apropriado aos Seus olhos não seria uma manifestação única? Por que, então o indígena altera a sua apresentação pessoal, dependendo do contexto cultural em que ele se insere?</p> <p>Sim, Deus é um só, mas nós somos muitos. Uma vez que a adoração é uma reação pessoal a Deus, ela pode se manifestar de maneira diversa. Deus vê o coração e conhece o espírito de adoração de cada um. Além disso, a adoração coletiva envolve dois aspectos: o vertical (homem – Deus) e o horizontal (homem – homem). No aspecto vertical, a cultura não importa, mas no aspecto horizontal, a cultura é um fator fundamental.</p> <p>Quando estamos em nosso culto pessoal, o aspecto horizontal desaparece, pois estamos sozinhos diante de Deus, não existe a interação homem – homem. Mas conforme o número de adoradores cresce, assim também cresce a complexidade da organização requerida para que a adoração possa ser proveitosa e edificante para todos. Isso é necessário, não há como ser diferente.</p> <p>A escolha dos diáconos da igreja primitiva, relatada em Atos 6:1-8 é significativa para a compreensão deste fato. O relato começa dizendo: “<i>Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos...</i>” Vemos então que a necessidade de organização, da criação de regras, da escolha de pessoas que sejam responsáveis pelo bom andamento das</p>

	<p>diversas atividades é, não apenas fundamental, mas tem amplo respaldo bíblico (Romanos 12:4-5; 13:1; I Coríntios 12:4-12; 14:40; Efésios 4:11-15). Assim, quanto maior o número de adoradores, mais abrimos mão de nossa individualidade (e, conseqüentemente, de aspectos culturais que possam ser vistos como estranhos ao contexto em que estamos inseridos) em favor da unidade na adoração.</p> <p>Para maiores detalhes sobre estes aspectos do culto veja Dra. Eurydice V. Osterman – "O Que Deus Diz Sobre a Música" (Unaspres – Engenheiro Coelho – SP).</p>
<p>É digno de nota o fato de que a passagem dos tambores foi usada pela primeira vez fora de seu "tempo e lugar" na Review and Herald de dezembro de 1936 pelo seu editor F. D. Nichols. Veja que ele não aplica a visão à igreja Adventista e sim a movimentos carismáticos da época. Porém, esse primeiro uso descontextualizado da passagem numa revista Adventista parece ter dado origem a outros décadas mais tarde, em 1970 [lxxviii] e 1974 [lxxviii] e mais recentemente no livro Eventos Finais p. 159 [lxxix], que começaram a ser aplicados para a igreja Adventista numa aparente tentativa de conter o uso da percussão. Mais uma vez a tradição de interpretação de uma certa passagem não significa necessariamente que seja a correta, como vimos acima. [lxxx]</p> <p>Os poucos exemplos acima do uso da percussão na música adventista desde 1901 mostram que a igreja não interpretou a mensagem à Carne Santa como uma proibição universal a nenhum instrumento musical ou à percussão. Tampouco tem havido por parte da liderança da Igreja como um todo a proibição da percussão, seja no Manual da Igreja ou em qualquer outro voto da Associação Geral desde 1900. No Brasil, as gravadoras adventistas usam a percussão e bateria há décadas sem que a igreja tenha se tornado um movimento pentecostal ou carismático. Pelo contrário, o uso da percussão na música adventista não tem impedido que o Brasil continue a ser o país mais adventista no mundo.</p>	<p>Esta linha argumentativa concorda implicitamente com nossas afirmações anteriores, de que a igreja Adventista não utilizou, durante muitos anos, a percussão em seus cultos, por compreender que, devido aos problemas inerentes desta classe de instrumentos, ela seria prejudicial ao espírito de solenidade e sacralidade que devem caracterizar nossos cultos. Exatamente por este motivo Ellen G. White escreveu muito pouco sobre o assunto, conforme o articulista constatou em suas pesquisas; simplesmente este não era um problema para a igreja.</p> <p>Além disso, também concorda, ainda de maneira implícita, com o nosso ponto de vista de que a posição histórica da igreja foi de oposição à utilização desta classe de instrumentos em nossos cultos. A utilização deste texto, com a interpretação que damos a ele no livro <i>Eventos Finais</i> é uma prova disso. E isto não é questão de tradição, mas de posicionamento histórico, mantido desde o período em que Ellen G. White, autora do texto em questão, estava viva.</p> <p>A lógica da seqüência de eventos – conforme delineada no texto inspirado – é bastante clara: na década de 1850-60 houve manifestações carismáticas no seio do adventismo ("<i>coisas do passado</i>"); no tempo presente da Sra. White estas manifestações se repetiram e, "<i>antes da terminação da graça</i>", viria a demonstração derradeira dessas manifestações, onde "<i>haverá gritos com tambores, música e dança</i>". Ou seja, trata-se de uma sucessão de movimentos atentando contra o culto, e seria de esperar, logicamente, que o ataque final seria mais intenso, mais disseminado e que sua implantação seria mais sutil, como já se vê.</p> <p>Esse texto de Ellen G. White ficou evidentemente semi esquecido durante todo o tempo em que sua advertência não foi necessária. E naturalmente, só voltaria a ser lembrado quando manifestações na mesma linha surgissem dentro da igreja.</p> <p>O articulista, convenientemente, deixa de mencionar (pois não duvidamos que tenha pleno conhecimento do fato) de que a Associação Geral tomou, no momento oportuno, um voto contra os estilos musicais em que a bateria é fundamental. Conforme já dissemos, o <i>Rock and Roll</i> surgiu em meados da década de 1950, tendo-se disseminado amplamente durante os anos 1960. Em 1972, no concílio outonal da Conferência Geral, foi votado um documento intitulado "<i>Diretrizes Relativas a uma Filosofia de Música da Igreja Adventista do Sétimo Dia</i>" ou, como ficou mais amplamente conhecido, "<i>Filosofia Adventista de Música</i>". Este documento está disponível, na íntegra, aqui (25).</p>

Ao mencionar o uso da música no evangelismo de jovens, este documento dá a seguinte orientação:

O desejo de alcançar a juventude com o evangelho de Cristo onde ela se encontra, leva, às vezes ao emprego de estilos musicais questionáveis. Em todos estes estilos, o elemento que traz maiores problemas é o ritmo, ou 'batida'.

De todos os elementos musicais é o ritmo que provoca a mais forte reação física. Os maiores êxitos de Satanás são freqüentemente obtidos pelo seu apelo à natureza física. Demonstrando atilado conhecimento dos perigos que há neste apelo à juventude, Ellen G. White afirmou: "Eles têm um ouvido aguçado para a música e Satanás sabe qual órgão excitar, incitar, absorver e fascina a mente de modo que Cristo não seja desejado. Desvanecem-se os anseios espirituais da alma por conhecimento divino, por crescimento em graça." – Testemunhos para a Igreja, Vol. 1, p. 497. Esta é uma forte indicação da maneira pela qual a música pode ser usada em direta oposição ao plano de Deus. Os já mencionados estilos de "jazz", "rock" e outras formas híbridas semelhantes são notórios em criar reações sensuais nas multidões. ("[Filosofia Adventista de Música](#)") – Conferência Geral – 1972) (25)

É importante destacar que este documento não cita, em momento algum, a bateria. E nem deveria, visto que já esclarecemos que não é este o foco do problema. Mas também é importante destacar que o documento adverte fortemente contra o problema da ênfase rítmica, inclusive citando nominalmente estilos musicais onde são notórios problemas nesta área.

Ora, sabendo isto, e sabendo também que a única contribuição que a bateria pode oferecer aos elementos musicais é a ênfase rítmica, seria correto afirmar que este documento dá um aval implícito às restrições defendidas por nós com relação a este instrumento, bem como a outros instrumentos que possam causar esta distorção (do ponto de vista litúrgico) na execução musical.

Em apoio a este ponto de vista e demonstrando que esta é a posição oficial da IASD, o Manual da Igreja, cita textualmente o seguinte:

Grande cuidado deve ser exercido na escolha da música. Toda melodia que pertença à categoria do "jazz", "rock" ou formas correlatas, e toda expressão de linguagem que se refira a sentimentos tolos ou triviais, serão evitadas. Usemos apenas a boa música, em casa, nas reuniões sociais, na escola e na igreja. (Manual da Igreja (rev. 2005), p. 180)

Em outro trecho, falando sobre o uso da música secular, a Filosofia Adventista de Música faz a seguinte declaração:

[O cristão] considerará músicas como "blues", "jazz", o estilo "rock" e formas similares como inimigas do desenvolvimento do caráter cristão, porque abrem a mente a pensamentos impuros a levam ao comportamento não santificado. Tais tipos de música têm uma direta relação com o

"comportamento permissivo" da sociedade contemporânea. A distorção do ritmo, da melodia, e da harmonia como empregados nestes gêneros de música e sua excessiva amplificação, embotam a sensibilidade e finalmente destroem a apreciação por aquilo que é bom e santo. ("Filosofia Adventista de Música" – Conferência Geral – 1972) (25)

Não vamos entrar aqui no mérito de todas as questões envolvidas com este estilo musical. O leitor interessado em conhecer mais sobre este assunto, poderá encontrar abundante material na página "[Música Rock e seu Impacto na Vida Cristã](#)" (26).

Considerando-se o caráter deletério e prejudicial para a espiritualidade deste estilo musical e suas variações, o seu crescimento, desenvolvimento e disseminação – bem como a sua assimilação por alguns músicos adventistas – tornou necessário que a liderança lançasse firmes advertências contra ele. Estas advertências invariavelmente iriam envolver ataques à bateria, uma vez que para estes estilos musicais, a bateria é fundamental.

O articulista cita neste trecho, de forma bastante crítica, várias publicações oficiais da IASD, como se todos os líderes da época estivessem interpretando erroneamente as instruções de Ellen G. White e somente ele fosse o detentor da verdade para o povo de Deus, em posição contrária a esta liderança.

Mas devemos dar graças a Deus pelo fato de ainda existirem sábios que se debruçam sobre as veredas antigas (Jeremias 6:16; 18:15), pesquisando as revelações de Deus para Seu povo e aplicando-as no momento de necessidade, como foi o caso da "[Filosofia Adventista de Música](#)" (25).

Porém, sabemos – por termos vivenciado este período – que este documento, apesar de ser um voto oficial da Conferência Geral da IASD, foi relegado ao esquecimento. Durante os anos 1980 e 1990 pouco se mencionou sobre ele. Mesmo os músicos que o conheciam demonstravam, por sua prática, que não lhe davam a importância devida (mais uma vez, sem entrar no mérito dos motivos e intenções de cada um). E isto nos leva à questão do uso da percussão por nossas gravadoras, conforme mencionado pelo articulista.

No Brasil, exatamente pelo fato de gravadoras adventistas terem adotado abertamente um estilo de instrumentação no qual a bateria é fundamental, é notório a todos os que acompanham o desenrolar destes eventos, que ocorre um movimento de "carismatização" dentro da Igreja Adventista do 7º. Dia.

É necessário reconhecermos o óbvio: muitos membros (e principalmente músicos) vivem hoje uma realidade carismática dentro da igreja adventista. Muitos pastores mostram uma tendência clara em direção a esta linha, devido ao seu apelo fácil e resultado imediato. Devido a vários motivos que não nos compete analisar aqui, mas principalmente pela aproximação com metodologias absorvidas das mega-igrejas americanas (tendo seu expoente máximo no conhecido líder Rick Warren), estamos nos tornando uma "igreja de resultados" e isto nos aproxima perigosamente das manifestações

	<p>carismáticas.</p> <p>Em algumas igrejas esta tendência é mais explícita, em outras é mais velada, mas é uma tendência que não pode ser negada. Há coreografias, há levantar de mãos, há incentivo explícito para a utilização de palmas no culto e outras manifestações que seriam impensáveis há duas décadas atrás.</p> <p>Em algumas cidades (não gostaríamos de citar nomes) temos notícias de congregações inteiras que adotaram abertamente práticas carismáticas – sendo inclusive, disciplinadas pela IASD. Nos cultos dessas congregações “adventistas”, o traço mais forte é o louvor ritmado, com mãos para o alto, pessoas chorando, e algumas gritando “Aleluia, Louvado seja Deus!”. Ou seja, é um culto carismático em sua essência, onde os aspectos físicos e emocionais têm a supremacia, em detrimento do culto racional, conforme somos instruídos em Romanos 12:1-2.</p> <p>Outra pergunta cabível aqui é um questionamento à afirmação que “o Brasil seria o país mais adventista do mundo” (sic). Como seria medido isso? Em número de batismos? Será que esse é o mesmo critério de Deus, quanto ao povo escolhido? Ou será que um crescimento numérico, fomentado e excitado por um estilo de culto popular, baseado fortemente em músicas ritmadas, poderia não significar, necessariamente, um crescimento espiritual equivalente de seus membros? Cabe ao cada leitor chegar a suas conclusões sobre esse ponto.</p>
<p>Um Convite ao Equilíbrio</p> <p>Nunca foi intenção de Ellen White que sua mensagem para os irmãos da Carne Santa fosse usada para apoiar posições extremas, como a proibição generalizada de instrumentos de percussão na música adventista ou o extremismo do culto formal e “constrangido”. Ela nunca apoiou interpretações extremas de seus escritos em nenhum assunto. Note que o problema era comum já na sua época:</p> <p>Há uma classe de pessoas sempre dispostas a escapar por alguma tangente, que desejam apreender qualquer coisa estranha, maravilhosa e nova; mas Deus quer que todos procedam calma e ponderadamente ... Devemos guardá-los de criar extremos, de animar os que tendem a estar ou no fogo, ou na água.[lxxxii]</p> <p>O que me preocupa é o perigo de cairmos no outro extremo.[lxxxiii]</p> <p>Quando serve ao vosso desígnio, tratais os Testemunhos como se neles crêsseis, citando trechos deles para reforçar qualquer declaração em que desejais prevalecer.[lxxxiii]</p> <p>A reforma de saúde torna-se a deformação da saúde, destruidora da saúde, quando levada a extremos.[lxxxiv]</p> <p>Um exemplo, embora não musical, mas que ilustra bem o risco de se cair nos extremos em um determinado assunto é o caso dos ovos. Em Testimonies, vol. 2, p. 400 ela diz: “Ovos não deveriam ser postos em sua mesa” e em</p>	<p>Um Convite ao Equilíbrio</p> <p>É falacioso, e chega a causar perplexidade o título “Um Convite ao Equilíbrio”, dado que toda a linha argumentativa utilizada até agora pelo articulista foi, conforme demonstramos, fortemente tendenciosa, pinçando textos isolados, omitindo propositadamente frases, fatos e documentos específicos, invertendo causas e efeitos, descontextualizando textos, e juntando textos que foram escritos em momentos e para públicos distintos.</p> <p>Não precisamos ir muito longe, nem sermos prolixos para desmascarar as distorções pretendidas pelo articulista. Vejamos o primeiro texto de Ellen G. White citado por ele neste trecho. Note que não estamos apresentando nem mesmo todo o capítulo, nem mesmo os parágrafos adjacentes; estamos apresentando tão somente o parágrafo citado, porém em sua totalidade. Leiamos com atenção:</p> <p><i>O Senhor há de em breve trabalhar com maior poder entre nós, mas há o perigo de permitirmos que os nossos impulsos nos levem aonde o Senhor não quererá que fôssemos. Não devemos dar um passo para depois retroceder. Devemos caminhar solene, prudentemente, não fazendo uso de expressões extravagantes, nem permitindo que os nossos sentimentos sejam excessivamente agitados. Devemos pensar calmamente, e agir sem empolgação; pois há alguns que ficam facilmente arrebatados, que se aproveitam de expressões sem fundamento e usam pronunciamentos extremos para criar agitação, impedindo assim a própria obra que Deus queria fazer. Há uma classe de pessoas</i></p>

Conselhos Sobre o Regime Alimentar, p. 204, ela diz “Coma ovos cozidos ou crus.” O problema é que cada referência se aplica a um caso específico, a um “tempo e lugar” e não devem ser tomados isoladamente como proibições ou permissões universais. [\[lxxxv\]](#)

Tiago White expande o pensamento dizendo:

Enquanto Satanás tenta muitos a serem lentos demais, ele tenta outros a serem muito rápidos. A obra da irmã White é dificultada, e às vezes com perplexidade, pela obra dos extremistas, que consideram o único lugar seguro o se apegar às interpretações mais extremas das expressões que ela usou, enquanto outras interpretações são possíveis. Essas pessoas frequentemente se apegam à sua interpretação de uma expressão, e forçam o assunto a qualquer custo e ignoram suas advertências quanto ao cair em extremos. Sugiro que estes afrouxem seu apego às expressões mais fortes de Ellen White, que são para os mais lentos, e apoiem suas convicções sobre as muitas advertências que ela fez para benefício dos extremistas. [\[lxxxvi\]](#)

E George Knight conclui que:

Quando lemos as passagens que intermediam e equilibram um tópico, em vez de ler somente as mais extremas que reforçam nossas opiniões pessoais, estamos mais próximos da perspectiva de Ellen White. ... A fim de evitar interpretações extremas, precisamos ler amplamente o que Ellen White diz sobre um determinado assunto, mas também precisamos acatar às declarações que se equilibram em cada extremo de determinado assunto. [\[lxxxvii\]](#)

Infelizmente algumas citações do Espírito de Profecia têm passado tantas vezes pela “moenda” de uma certa interpretação que esta se torna estabelecida ou tradicional, como é o caso da percussão na música, cujas aplicações extremas, baseadas nas mais tênues implicações do que Ellen White escreveu, têm-se tornado a única alternativa e causado “perplexidade” na igreja.

sempre dispostas a escapar por alguma tangente, que desejam apreender qualquer coisa estranha, maravilhosa e nova; mas Deus quer que todos procedam calma e ponderadamente, escolhendo as palavras em harmonia com a sólida verdade para este tempo, a qual precisa, tanto quanto possível, ser apresentada ao espírito isenta do que é emocional, conquanto ainda levando a intensidade e solenidade que lhe convém. Devemos guardar-nos de criar extremos, de animar os que tendem a estar ou no fogo, ou na água. (Testemunhos para Ministros e Obreiros, pp. 227-228 – ênfase acrescentada)

Após esta leitura, na qual enfatizamos alguns trechos propositalmente excluídos pelo articulista, são perfeitamente cabíveis algumas perguntas, dirigidas àqueles leitores que estão buscando a verdade, a fim de conhecerem a vontade de Deus neste assunto.

Considerando as diferenças entre aqueles que pretendem ter um culto mais “extravagante” do ponto de vista musical e os que buscam a solenidade, a contrição e o culto racional, perguntamos, no contexto do texto acima:

- Qual grupo está mais claramente se permitindo ser guiado pelos próprios impulsos?
- Qual grupo está pensando calmamente e quem está agindo com empolgação?
- Qual grupo está criando agitação, prejudicando assim a obra de Deus?

As respostas às questões acima se aplicariam àqueles que estão de acordo com a posição histórica da igreja, ou aos que estão buscando novas interpretações, novas “verdades” que satisfaçam seus gostos pessoais secularizados?

Salvação não é questão de equilíbrio, mas de fé e santificação – ambos obtidos somente mediante a Graça salvadora de Jesus Cristo. Ainda mais, neste caso, onde o articulista considera “extremas” as idéias que não sejam as suas próprias, ou que se harmonizem com as suas – as que se situariam em “equilíbrio”.

Também é de se questionar qual seria o equilíbrio sugerido. Seria o equilíbrio entre o sacro e o secular? Ou talvez o equilíbrio entre o santo e o profano? Existe algum equilíbrio possível entre “Assim diz o Senhor” e entre o coração do homem, enganoso e corrompido como sabemos que é (Jeremias 17:9)? “Que comunhão pode ter a luz com as trevas?” (II Coríntios 6:14b)

Do artigo escrito, se pode depreender com fartura de evidências que o equilíbrio sugerido pelo articulista é aquele que se situa entre a orientação divina e nossas convicções pessoais – ou seja, um equilíbrio claramente pecaminoso.

Desde o título, passando pelos primeiros parágrafos, durante toda a sua argumentação, até a conclusão do texto, o que o articulista fez foi juntar argumentos corretos com outros falaciosos, (ou, no melhor dos casos, equivocados), descontextualizando o que Ellen G. White disse e escreveu, de modo a inverter o significado das coisas,

desconsiderando os princípios mais básicos da tão propalada exegese!

Repetimos ainda o que Ellen G. White escreveu a este respeito:

*“Com o intuito de sustentar doutrinas errôneas ou práticas anticristãs, alguns apanham passagens das Escrituras separadas do contexto, citando talvez a metade de um simples versículo, como prova de seu ponto de vista, quando a parte restante mostraria ser bem contrário o sentido. Com a astúcia da serpente, entrincheiram-se por trás de declarações desconexas, interpretadas de maneira a convir a seus desejos carnis. Muitos **assim voluntariamente pervertem a Palavra de Deus.**” (O Grande Conflito, p. 521 – ênfase acrescentada.*

A conclusão alcançada neste trecho seria interessante, se não tivesse conseqüências trágicas. O articulista toma um texto, escrito de maneira tão simples e direta e diz que defender a sua aplicação é extremismo. Porém, ao mesmo tempo, defende a posição oposta – desconsiderando a correta exegese do próprio texto e os princípios que a igreja historicamente tem defendido – abrindo assim as portas a práticas cúlticas inspiradas em entretenimentos mundanos; e ainda considera que esta não é uma posição de extremismo!

Vejamos um dos aspectos do extremismo pela pena de Ellen G. White:

Outros ainda vão ao extremo oposto, pondo mais força nas emoções religiosas, e manifestando intenso zelo nas ocasiões especiais. Sua religião parece ser mais da natureza de um estimulante do que uma permanente fé em Cristo.

Os verdadeiros pastores conhecem o valor da obra interior do Espírito Santo sobre o coração humano. Satisfazem-se com a simplicidade nos cultos. Em vez de dar valor ao canto popular, voltam sua atenção principalmente para o estudo da Palavra, e dão de coração louvor a Deus. Acima do adorno exterior, consideram o interior, o ornamento de um espírito manso e quieto. Na sua boca não se acha engano. (Evangelismo, pág. 502)

Talvez o leitor, apesar de toda a argumentação apresentada nesta réplica, ainda esteja concordando com o articulista, na idéia de que buscar valores e princípios cristãos fundamentais seja extremismo, uma vez que estamos em uma sociedade pós-moderna, em que não existem valores absolutos e cada um constrói a sua própria “verdade”. Mas acreditamos que seria interessante meditarmos nas palavras destes textos bíblicos:

“Nos últimos tempos haverá zombadores que seguirão os seus próprios desejos ímpios’. Estes são os que causam divisões entre vocês, os quais seguem a tendência da sua própria alma e não têm o Espírito.” (Judas 18,19)

“Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis. Os homens serão (...) presunçosos, arrogantes, (...) soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se

	<p><i>desses também.”</i> (II Timóteo 3:1-5)</p> <p>Note que essas advertências são para o tempo do fim, exatamente o mesmo tempo no qual Ellen G. White advertiu que o problema de Indiana se repetiria. As pessoas descritas nestes versos são pessoas que podem até estar praticando formas de adoração, mas não são verdadeiros adoradores.</p>
<p>Conclusão</p> <p>Voltando à pergunta título desse estudo, “Ellen White Era Contra a Bateria?” Primeiramente, é fundamental reiterar que os “tambores” na visão se referiam estritamente ao surdo e tamborins da Carne Santa e não à bateria moderna, como foi amplamente demonstrado acima.</p> <p>No entanto, considerando-se que a bateria utiliza de “tambores”, podemos responder a pergunta com ‘sim’ e ‘não’. Ela seria sim contra a bateria (e qualquer instrumento musical) se esta se tornar um fim em si mesma na música e no culto, causando “ruído e confusão”, auxiliando um culto e música caóticos que se tornam um “choque aos sentidos” e um “laço” de Satanás para promover heresias teológicas e tudo o que é “estranho” na adoração. Ou ela não seria contra a bateria ou percussão em geral se estas forem usadas em obediência ao Salmo 149 e 150, de maneira hábil, como parte de um contexto musical equilibrado, onde os instrumentos, cantores e congregação participam em “espírito e em verdade”, “com entendimento”, facilitando assim um louvor contrito e ao mesmo tempo exultante e “energético” a Deus.[lxxxviii]</p> <p>Portanto é seguro concluir que Ellen White não promoveu a proibição indiscriminada da percussão ou de nenhum instrumento musical quando usados habilmente por músicos embuídos do espírito do culto. Ela condenou sim o mal uso desses instrumentos no culto caótico, ruidoso e hipnotizante que acompanhava as heresias carismáticas e excessos do movimento da Carne Santa.</p> <p>Implicações secundárias deste estudo se referem à ausência de preferência a estilos ou princípios de composição musical nos escritos de Ellen White, exceto em se tratando de qualidades desejáveis da música na adoração que podem ser compartilhadas tanto pela música sacra clássica (ou erudita) quanto pela música cristã contemporânea e seus respectivos instrumentos.[lxxxix]</p>	<p>Conclusão</p> <p>De maneira geral, a conclusão à qual o articulista chega neste trecho é surpreendentemente correta e óbvia, apesar das flagrantes distorções de exegese cometidas no decorrer do artigo. Isso destaca ainda mais o confuso emaranhado argumentativo, que no final das contas, levou a uma conclusão contrária a toda a linha de raciocínio defendida pelo articulista durante a exposição.</p> <p>É necessário destacar que, embora Ellen White, ao escrever a Carta 132, de 1900, ao irmão S. N. Haskell não estivesse se referindo especificamente à bateria moderna, entendemos que a aplicação neste caso é perfeitamente válida. Na verdade, demonstramos que a aplicação não apenas é válida, mas ganha uma ênfase ampliada, no mínimo por dois motivos:</p> <p>Primeiro porque as possibilidades sonoras da bateria moderna sobrepõem em muito as possibilidades sonoras do “<i>surdo e [dos] tamborins da Carne Santa</i>”. Segundo, a expressão “<i>imediatamente antes do fim da graça</i>” aplica-se, por motivos óbvios, muito mais diretamente ao nosso tempo presente do que se aplicava ao final do século XIX e início do século XX.</p> <p>Esta aplicação só poderia deixar de ser verdadeira, conforme o próprio articulista sugere, quando e se a bateria moderna deixar de ser composta por tambores e instrumentos de percussão correlatos. Exatamente por este motivo, o próprio articulista admite (por força da obviedade) como válida a resposta “sim” à pergunta retórica que dá título ao seu artigo.</p> <p>Apesar de esta conclusão aventar a possibilidade de utilização da bateria ou outros instrumentos de percussão de maneira equilibrada e de forma que enriqueçam o espírito de adoração durante o culto, não é este o tipo de utilização que temos visto comumente ocorrendo, mesmo em nosso meio. Há felizes e raras exceções, as quais confirmam a regra geral. Assim, embora esta seja uma situação plausível, talvez não seja viável, a não ser que contínua e severa vigilância seja exercida – ações que, em um ambiente de fraternidade e amor cristãos, são totalmente repugnantes.</p> <p>Seria possível, a médio e longo prazo, com muito trabalho e perseverança, realizar uma profunda conscientização e reciclagem de conhecimentos e da compreensão dos princípios e critérios envolvidos por parte de todos os responsáveis pela música, sonorização, mídia e demais ferramentas contribuintes para o louvor em nossos cultos.</p> <p>Outro ponto de interesse é que no último parágrafo deste trecho o articulista cita as qualidades desejáveis da música apropriada,</p>

	<p>conforme Ellen G. White, mas não as expressa. Conforme já destacamos acima, estas características exigem que a música sacra seja “suave e pura” (<i>Educação</i>, p. 167) ou “em tons claros e suaves” (<i>Testemunhos Para a Igreja</i>, vol. 9, p. 143). Além disso, cita ainda que o canto deve ser “como a melodia dos pássaros, dominado e melodioso” (<i>Evangelismo</i>, p. 510). De maneira geral, ela orienta que o culto “deve ser efetuado com solenidade e reverência, como se fora feito na presença pessoal de Deus mesmo.” (<i>Testemunhos Seletos</i>, vol.2, p. 195)</p> <p>À vista destas características, mesmo sem levar em conta toda a argumentação proposta nesta réplica, a resposta para o título deste artigo é mais favorável para a opção “Sim”, ou para a opção “Não”?</p>
<p>Concluimos também que, no que tange aos aspectos escatológicos da mensagem à Carne Santa, o uso da passagem fora de seu “tempo e lugar” tem levado a interpretações extremas como a proibição da percussão na música e culto adventistas, algo que Ellen White a nunca intencionou.</p> <p>Historiadores da igreja Adventista sugerem que a música e o culto adventistas se tornaram “constrangidos” ou “cuidadosamente planejados”[xc] por causa da Carne Santa e acabaram caindo no outro extremo, a formalidade, que Ellen White condenou veementemente.[xci] O professor adventista Arthur Patrick conclui que:</p> <p>...a evidência aponta para a necessidade de uma interpretação mais cuidadosa do assunto (bateria na música) do que simplesmente exortar à proibição da mesma que tem-se visto em reavivamentos adventistas – que não é mais lógica do que a proibição de órgãos na história cristã primitiva ... Instrumentos musicais são destituídos de moralidade inerente; porém a maneira como os usamos pode ter influências morais.</p> <p>O uso da bateria para Ellen White tem os mesmos problemas de se usar música. Há que se concordar que o problema não é a música em si, e sim música inapropriada. Os adventistas precisam ler o Salmo 150, bem como as advertências sobre estilo de música, a despeito da escassez das mesmas nos escritos de Ellen White.[xcii]</p>	<p>A conclusão à qual o articulista chega com relação à escatologia da mensagem de Ellen G. White só é possível, dentro dos parâmetros da lógica, quando desprezamos o fato de que a profecia tem um desdobramento futuro, referindo-se ao período “imediatamente antes da terminação da graça.”</p> <p>Demonstramos ainda que os tempos verbais utilizados referem-se, sem sombra de dúvida, a um tempo futuro ao período contemporâneo de Ellen G. White, sendo que esta certeza é confirmada pelo texto onde ela escreve que “<i>Essas coisas que aconteceram no passado não de ocorrer no futuro...</i>”.</p> <p>Finalmente, vimos que o evento profético escatológico principal é a “<i>terminação da graça</i>”, sendo que a repetição das experiências extáticas são apenas um sinal da proximidade deste evento. Considerando que estamos mais perto da “<i>terminação da graça</i>” do que a época de Ellen White, a aplicação para os nossos dias tem primazia em relação a uma aplicação específica para a época dela.</p> <p>Mas, ao fazermos uma análise puramente escatológica, não conseguimos compreender a restrição do articulista a esta profecia em particular. As profecias são dadas para que o povo de Deus seja advertido e permaneça vigilante. Vimos que as profecias podem ser condicionais e que, embora as profecias escatológicas devam se cumprir de maneira inexorável, elas não precisam se cumprir em nossas vidas.</p> <p>Do segundo parágrafo deste trecho, podem ser tiradas duas conclusões:</p> <p>Primeira, um culto “<i>cuidadosamente planejado</i>” não precisa e nem deve tornar-se “<i>constrangido</i>” (seja lá qual for a interpretação dada pelo articulista a esta expressão) ou formal. Pelo contrário, o planejamento deve existir exatamente para evitar esses problemas. Tanto é assim que estas características são condenadas “<i>veementemente</i>” por Ellen G. White, conforme destaca o articulista.</p> <p>Segunda, o fato de historiadores constatarem que as advertências de Ellen G. White acerca das manifestações “<i>estranhas</i>” em Indiana levaram a igreja a ter um culto mais planejado e centralizado nos aspectos racionais (Romanos 12:1-2), em vez da excitação aos sentidos verificada pelos sectários da Carne Santa, confirma o que declaramos acima como sendo a posição histórica da IASD em não</p>

	<p>aceitar a percussão em seus cultos.</p> <p>O texto de Arthur Patrick, copiado pelo articulista, é bastante equilibrado. Já defendemos estes mesmos critérios no trecho anterior de nossa réplica. Porém, a última frase do texto de Patrick ressalta o ponto que estivemos destacando em toda a nossa argumentação: <i>“a maneira como os usamos [os instrumentos] pode ter influências morais.”</i></p> <p>Se reconhecermos que os instrumentos têm influências morais, cabem então algumas perguntas: caso a bateria e outros instrumentos de percussão sejam considerados como passíveis de serem usados em nossos cultos, de que maneira eles serão usados? Como esta classe de instrumentos pode contribuir para as características desejáveis da música cristã (<i>“suave e pura”, “em tons claros e suaves”, “como a melodia dos pássaros, dominado e melodioso”, etc...</i>), conforme os textos de Ellen G. White citados no trecho anterior? Como poderemos resolver os problemas levantados durante a nossa argumentação? Enfim, tendo por base as experiências já feitas com a sua utilização, qual tem sido e qual será a influência moral exercida por esta classe de instrumentos em nossos cultos?</p> <p>Aliás, se deixarmos de lado por um momento a argumentação teórica, e partirmos para uma análise mais prática e pragmática das aplicações da bateria na música evangélica em geral, e adventista em específico, não resta dúvida que o tipo de música produzido, de maneira geral, é absolutamente mundano. Prova disso é que muitas vezes, quando as canções são cantadas em alguma língua estrangeira que não conhecemos, não podemos discernir se trata-se de uma canção mundana, ou se é evangélica (incluindo, sempre, os adventistas).</p> <p>Outra prova disso, ainda mais contundente, é observarmos que os “não-crentes”, aqueles que não estão familiarizados com as músicas “de igreja”, muitas vezes se põe a dançar quando ouvem estas mesmas músicas em locais externos à igreja, ou encontros <i>gospel</i> – e deve ser destacado que não se trata da dança de júbilo que Davi dançou, mas das mesmas danças sensuais e mundanas as quais são cotidianamente executadas em bailes, festas, shows de televisão, etc.</p>
<p>Sem dúvida o desejo de seguir o conselho inspirado é louvável. Porém, o zelo desmedido da interpretação que não leva em conta o “tempo e lugar”, a verdadeira intenção e o cerne da mensagem do Espírito de Profecia, barateia suas visões criando interpretações extremas sobre um determinado assunto. E os que buscam um equilíbrio na questão da música objetivando assim um culto menos formal e mais vibrante pela inclusão do “cântico novo” e novos instrumentos, são rechaçados pelos “tambores” de Indiana.</p> <p>Jan Paulsen, presidente da Associação Geral dos Adventistas em sua página de diálogo com jovens adventistas “Let’s Talk” (Vamos Conversar) diz sobre a percussão: Podemos dizer sobre qualquer instrumento que não depende do tipo do instrumento mas como ele é utilizado.</p>	<p>Toda a argumentação do articulista no primeiro parágrafo deste trecho gira em torno de interpretar a revelação profética levando em conta o <i>“tempo e lugar”</i>. Segundo o seu ponto de vista, apenas ele (e, obviamente, os que com ele concordam) consegue realizar esta interpretação corretamente. Assim, qualquer outra interpretação divergente da sua é <i>“extrema”</i>.</p> <p>Durante toda a nossa argumentação nesta réplica, demonstramos de forma clara que a posição histórica da igreja foi de oposição ao uso de instrumentos de percussão na adoração; como o próprio articulista admitiu, grandes pensadores e teólogos da igreja, do passado e da atualidade, se posicionaram firmemente nesta mesma linha. Demonstramos também que o texto da carta ao irmão Haskell, constante em <i>Mensagens Escolhidas</i>, vol. 2, pp. 36-39 sempre foi interpretado pela IASD da mesma maneira como nós o interpretamos. Além disso, demonstramos e desmascaramos diversas falácias, distorções e equívocos na linha argumentativa do articulista.</p>

Em algumas igrejas na África Ocidental, por exemplo, um tambor de mão tradicional pode ser o único acompanhamento que os cantores têm para louvarem a Deus. Na Indonésia, um instrumento tradicional de percussão feito de bambu - o Angklung - pode ser o instrumento utilizado para a adoração.[\[xciii\]](#)

E sobre estilos de música que usam a percussão ele diz:

Aqueles entre nós que estão acostumados com a música muito clássica temos que reconhecer que há um grande número de nossos membros, especialmente os das gerações mais jovens que, de maneira bastante significativa e consagrada, são capazes de expressar seu louvor e testemunho através da música que é mais moderna. Em Melbourne na semana passada, a música que eu ouvi foi em grande parte muito bonita, mas tinha um toque bem moderno.[\[xciv\]](#)

O Dr. David Newman, pastor da igreja Adventista New Hope em Maryland, EUA, relata o que acontece em sua igreja:

As emoções têm seu lugar, instrumentos musicais têm seu lugar. Uma ferramenta pode construir ou destruir. ... Na igreja em que sou pastor, cantores e uma banda instrumental com bateria lideram um louvor vibrante todo sábado, cantando o que há de melhor na música cristã contemporânea. Não há “balbúrdia e ruído”, tudo é feito com decência e ordem. Os membros são abençoados e Deus é exaltado.[\[xcv\]](#)

Como vimos, a questão de “*tempo e lugar*” envolve a expressão “*antes da terminação da graça*”. Além disso, Ellen G. White, ao falar sobre a repetição dos eventos de Indiana, utiliza todos os verbos no tempo futuro. Tendo isto em mente, cabe a pergunta: quem não está levando em conta o “*tempo e lugar*”? Seria quem vê esta repetição ocorrendo em um momento futuro à autora, próximo ao final da história deste mundo? Ou seria quem entende que ela está se referindo estritamente à época de 1900, e mais especificamente, a um evento já ocorrido quando o texto foi escrito (mesmo quando ela escreve “*hã de ocorrer no futuro*”)?

Certamente que o leitor atento, que nos acompanhou até este ponto, saberá encontrar a resposta. Saberá também, por consequência, distinguir se a busca pela introdução de novos elementos, de tendência fortemente mundanizante, na adoração é uma posição de “*equilíbrio*” ou de falta dele.

Sem levar em conta os aspectos culturais, que já discutimos acima, ao falar sobre o uso dos instrumentos de percussão em outros países, o articulista consegue, utilizando um pequeno trecho de um discurso de um líder da igreja, introduzir neste ponto dois argumentos falsos em um único parágrafo, a saber:

O estilo musical produzido por instrumentos de percussão em cultos ocorridos na África Ocidental, ou na Indonésia, nada tem a haver com os efeitos carismáticos produzidos pela bateria do culto ocidental; mas ele, além de fazer esta insinuação, ainda menciona a prática daquelas regiões como servindo de justificativa para que se utilize livremente a bateria em nossos cultos – a despeito de termos instrumentos mais adequados para este propósito.

Outro ponto fundamental a ser considerado, é que em regiões dominadas por cultos pagãos, como na África, nossos irmãos possuem, de maneira muito clara, a distinção entre os ritmos utilizados nos cultos pagãos (onde os tambores são elemento central, utilizado para possessão dos espíritos), e os ritmos utilizados nos cultos feitos ao Deus Criador. Sabemos, por relatos pessoais de irmãos oriundos destas áreas, que os africanos conhecem muito bem, desde pequenos, os efeitos dos tambores nos cultos. Até por questões de condicionamento cultural, o tambor – da maneira como é usado nos cultos pagãos – jamais seria usado no culto a Deus. A comparação para eles é simplesmente inconcebível.

Esta comparação equivale a dizer a um irmão europeu que no Brasil adoramos ao som de samba, frevo, forró e axé – uma vez que estes são ritmos da raiz cultural brasileira – e que este “fato” justificaria que o nosso irmão europeu os utilizasse em sua adoração. Mas a falácia desta afirmativa é dupla: Primeiro, porque nós sabemos que, quando um brasileiro se converte, ele abandona as práticas mundanas anteriores e passa a adotar práticas apropriadas para um representante do céu. Sabemos, por vivência, que estes ritmos não são usados em nossos cultos. Isto nos leva ao nosso segundo ponto falho – ainda pior do que o primeiro – que é utilizar um pressuposto falso para induzir outros, que não conhecem a realidade, ao erro.

Apesar de respeitarmos os líderes de nossa denominação, devemos

	<p>ter em mente que não são as práticas amparadas e/ou adotadas por eles que constituem a nossa norma de prática cristã. Cabe atentarmos para as solenes advertências destacadas nos textos abaixo, as quais nos alcançam com todo o seu peso.</p> <p><i>“Quantas vezes em nossos próprios dias é o amor aos prazeres disfarçado por uma “aparência de piedade”! II Timóteo 3:5. Uma religião que permite aos homens, enquanto observam os ritos do culto, entregarem-se à satisfação egoísta ou sensual, é tão agradável às multidões hoje como o foi nos dias de Israel. E ainda há Arãos flexíveis, que ao mesmo tempo em que mantêm posições de autoridade na igreja, cederão aos desejos dos que não são consagrados, e assim os induzirão ao pecado.” (Patriarcas e Profetas, p. 317)</i></p> <p><i>"E ainda o anelo de conformar-se às práticas e costumes mundanos existe entre o povo professo de Deus. Afastando-se eles do Senhor, tornam-se ambiciosos dos proveitos e honras do mundo. Cristãos acham-se constantemente procurando imitar as práticas dos que adoram o deus deste mundo. Muitos insistem em que, unindo-se aos mundanos e conformando-se aos seus costumes, poderiam exercer uma influência mais forte sobre os ímpios. Mas todos os que adotam tal método de proceder, separam-se desta maneira da Fonte de sua força. Tornando-se amigos do mundo, são inimigos de Deus. Por amor à distinção terrestre, sacrificam a indizível honra a que Deus os chamou, honra esta de mostrarem os louvores dAquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. (I Pedro 2:9)". Patriarcas e Profetas, p. 607</i></p> <p><i>"Se trabalharmos para criar excitação do sentimento, teremos tudo quanto queremos, e mais do que possivelmente podemos saber como manejar. (...) Importa não considerar nossa obra criar excitação. Unicamente o Espírito de Deus pode criar um entusiasmo são. Deixai que Deus opere, e ande o instrumento humano silenciosamente diante dEle, vigiando, esperando, orando, olhando a Jesus a todo momento, conduzido e controlado pelo precioso Espírito que é luz e vida." (Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 16-17)</i></p> <p>O peso destas declarações aplica-se de maneira especial sobre nós, o povo dos últimos dias, por estarmos nos momentos finais da história deste mundo e termos sobre os ombros grandes responsabilidades escatológicas, de quem Deus espera a proclamação, com grande poder, de Suas três mensagens angélicas.</p>
<p>Na visão de Ellen White, não é plano de Deus que Sua igreja oscile entre os extremos do culto formal, que ela condenou como sendo um “mal”^[xcvii] e o emocionalismo desvairado do carismatismo; também não é Seu plano vê-la dividida, entre tradicionais e progressistas, jovens e os de idade, veteranos na fé e calouros, aqueles que acham sua predileção musical aceitável e a outra, suspeita e ameaçadora, aquele instrumento aceitável e este, profano. Esta ênfase em diferenças de opinião nos distancia cada</p>	<p>Qual seria então o meio termo? Ao dirigirmos em uma rodovia cuja sinalização indica que a velocidade máxima é de 100 Km/h, deveríamos imprimir ao nosso veículo a velocidade de 120 ou 130 Km/h, porque alguns estão dirigindo a 160 Km/h? O policial ou os encarregados pela análise do recurso da multa (que muito certamente viria) aceitariam o argumento que estaríamos dirigindo na velocidade média, calculada entre os veículos mais lentos e os mais rápidos?</p> <p>Se pedíssemos para 100 pessoas definirem um ponto de equilíbrio</p>

vez mais da “unidade na diversidade”^[xcvii], sentimento imprescindível da igreja que adora. (Salmo 133:1).

acerca de qualquer assunto (exceto as ciências exatas), cada um deles nos daria uma impressão diferente. Portanto, o único equilíbrio que devemos aceitar é aquele preconizado pela palavra de Deus.

O Pr. Jorge Mário, em um discurso à turma de formandos do curso de Teologia em 2005 no UNASP campus II, expressou-se da seguinte maneira:

“Prudência e entendimento. Perceberam que eu não usei a palavra equilíbrio? Ela é perigosa. Ela é usada de maneira errônea, para justificar uma série de coisas ruins.”

Para decidirmos como será a nossa adoração, deveríamos ter como padrão as esquisitices cada vez mais insólitas do neo-pentecostalismo para que, ao fugirmos das aberrações mais grotescas e abraçar as aberrações menos repugnantes, possamos nos gabar deste feito, supondo que assim estamos no meio termo? Mesmo levando em conta o fato de que muitas práticas correntes da adoração adventista já sofrem com as influências carismáticas há um bom tempo, poderíamos supor que isso legitima essas práticas em relação à vontade de Deus, tendo em vista o nosso arcabouço doutrinário e teológico?

Em vez de termos a Revelação (a saber, a Bíblia e os escritos de Ellen G. White) como nossa guia enquanto igreja, olharemos às outras denominações e mesmo as pessoas ao nosso redor para definirmos nossa liturgia e forma de culto? É óbvio que a adoração possui um componente horizontal, mas aqui não estamos mais falando de cultura e sim de princípios.

Portanto, é cristalino a qualquer pessoa que devemos fugir do “*emocionalismo desvairado do carismatismo*”, como coloca o articulista, mas não podemos tentar utilizar este desvairamento como parâmetro, uma vez que encontramos suficientes instruções na Revelação para, se quisermos, se aceitarmos, se nos rendermos a essas instruções, pautar por elas a nossa adoração.

Para meditação ao leitor preocupado em conhecer e compreender a vontade de Deus, apresentamos o último parágrafo do texto inspirado que estivemos analisando neste artigo, no qual a serva do Senhor declara:

*“Todo sincero pesquisador da Palavra ergue o coração a Deus, implorando o auxílio do Espírito. E descobre em breve aquilo que o leva acima de todas as fictícias declarações do pretense mestre, cujas teorias fracas e vacilantes não são apoiadas pela Palavra do Deus vivo. Essas teorias foram inventadas por homens que não aprenderam a primeira grande lição de que o Espírito e a vida de Deus Se encontram em Sua Palavra. Caso houvessem recebido no coração o elemento eterno contido na Palavra de Deus, veriam **quão débeis e inexpressivos são todos os esforços para arranjar algo novo que cause sensação**. Eles necessitam aprender mesmo os elementares princípios da Palavra de Deus; teriam então a palavra de vida para o povo, que distinguirá em breve a palha do trigo, pois Jesus deixou Sua promessa com os discípulos.”* (Mensagens Escolhidas, v. 2, p. 39 – ênfase)

acrescentada).

O articulista afirma que "*Ellen White nunca apoiou interpretações extremas de seus escritos em nenhum assunto*" e devemos concordar veementemente com esta afirmação. Porém ao aplicar esta afirmação ao debate em questão, somos forçados a concluir que declaramos que ela seria a favor de algo que não existia em sua época – ou seja, a bateria – é uma interpretação não apenas extrema, mas também completamente equivocada de seus escritos.

Vamos analisar o outro lado do espectro, ou seja, o culto formal. O articulista sugere, ou melhor, insinua que um culto onde não seja utilizada a bateria é um culto formal, o que seria o outro extremo. Deveríamos então supor que a igreja adventista, em toda a sua história, só apresentou a Deus cultos formais? Sim, a pergunta é pertinente pois, como já vimos, a história indica que este não foi um ponto de contenda até o advento do *Rock* e seus derivados.

Pelas suas citações anteriores depreendemos que, na visão do articulista, sem a bateria os cultos serão sempre "*formais*" e "*constrangidos*", e que esta postura é extremismo, o que seria mau. Por outro lado, utilizando a bateria, teremos cultos mais "*vibrantes*", o que seria bom. Sem entrar no mérito do significado específico aplicado aos termos acima, chegamos a ter a impressão que o articulista está sugerindo que tudo depende da bateria, tanto seu empenho em criar uma defesa para o seu uso, mesmo que à custa de distorcer completamente um texto inspirado.

Se for este o caso, então podemos inferir que para termos um culto aceitável a Deus e edificante aos adoradores, tudo depende de termos o equipamento certo, o instrumento certo, o clima certo. Qual seria, então, o papel do Espírito Santo na adoração? Vejamos o que Ellen G. White diz a este respeito:

"Religião não é limitar-se a formas e cerimônias exteriores. ... Para O servirmos devidamente, é mister nascermos do divino Espírito. ... Esse é o verdadeiro culto. É o fruto da operação do Espírito Santo. É pelo Espírito que toda prece sincera é ditada, e tal prece é aceitável a Deus. Onde quer que a alma se dilate em busca de Deus, aí é manifesta a obra do Espírito, e Deus Se revelará a essa alma. A tais adoradores Ele busca. Espera recebê-los, e torná-los Seus filhos e filhas." (O Desejado de Todas as Nações, p. 189)

Se o verdadeiro culto é um dom do Espírito, será que o Espírito Santo realmente precisa de tambores para que possa se manifestar? Se respondermos afirmativamente a esta pergunta, não estaremos comparando funcionalmente o Espírito Santo aos mesmos espíritos que se manifestam nos rituais de Umbanda e Candomblé e que são incitados à incorporação através do uso de tambores?

Se fosse este o caso, seria fácil resolver todo o problema da mornidão laodiceana e do pouco poder do alto: bastaria criarmos excitação popular através dos ritmos repetitivos e sincopados, para que a igreja tivesse o "poder".

Ora, não é exatamente este o argumento do "*emocionalismo*

desvairado do carismatismo”, do qual o próprio articulista nos adverte para que nos afastemos? Este argumento é exatamente o cumprimento do que está descrito no texto que estamos analisando neste artigo, ou seja, que a utilização de tambores e músicas que produzem excitação se repetirá...

“... imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isto será chamado operação do Espírito Santo.” (Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 36)

Assim como estão estabelecidos na Bíblia e no Espírito de Profecia os princípios de separação entre o sagrado e o profano em tudo que oferecemos a Deus, esta separação também se aplica na música de adoração. Nesta música há harmonia, melodia e ritmo naturais, envolvendo de maneira equilibrada as emoções (espírito) e a mente (verdade). O ritmo marcado, repetitivo ou sincopado, que induz a fortes reações físicas e excita a sensualidade foi, ao longo do tempo, utilizado na música secular e no culto pagão, ou seja, foi introduzido por Lúcifer após o pecado se inserir na terra com objetivo de inibir a ação da mente e estimular a influência das emoções e do prazer.

Uma vez que tambores, pratos e outros instrumentos de percussão não produzem tons definidos, mas apenas ruídos – sendo, portanto, incapazes de fazer harmonia e melodia – podemos afirmar que a bateria, por suas próprias características, tem grande dificuldade em participar de forma a agregar valor positivo na música de adoração a Deus. O argumento de que esta participação seria possível, abrindo mão de muitos de seus recursos, inclusive da marcação de acentuações de um ritmo repetitivo e sincopado, embora seja viável, do ponto de vista teórico, não encontra ressonância naquilo que observamos na prática, nas denominações que aceitam este instrumento em seus cultos.

Seria, então, a bateria um instrumento demoníaco, cuja própria presença (ou mesmo seu som, em play-backs) profanaria o nosso culto a Deus? Definitivamente não! Mas, diante da miríade de problemas com esta classe de instrumentos, apontados nesta réplica, é prudente levarmos em consideração os conselhos abaixo:

“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são lícitas; mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas.” (I Coríntios 6:12)

“Todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas edificam.” (I Coríntios 10:23)

A Palavra de Deus aconselha os cristãos a não se conformarem aos padrões corrompidos deste mundo hostil a Deus e à Sua vontade (Mateus 5:13; João 17:14-16; Romanos 12:1-2; Filipenses 2:14-16; Tiago 4:4; I Pedro 2:11-12; I João 2:15-17). É evidente que Deus nos dá, em Sua misericórdia, o livre arbítrio; podemos, portanto, escolher seguir estas ordens divinas ou não.

A serva do Senhor continua sua advertência – e esta advertência ressoa até nossos ouvidos hoje – dizendo:

“O Espírito Santo nunca Se revela por tais métodos, em tal balbúrdia de ruído. Isso é uma invenção de Satanás para encobrir seus engenhosos métodos para anular o efeito da pura, sincera, elevadora, enobrecedora e santificante verdade para este tempo. É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com música do que usar instrumentos musicos para fazer a obra que, foi-me apresentado em janeiro último, seria introduzida em nossas reuniões campais. A verdade para este tempo não necessita nada dessa espécie em sua obra de converter almas. Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção. As forças das instrumentalidades satânicas misturam-se com o alarido e barulho, para ter um carnaval, e isto é chamado de operação do Espírito Santo.” (Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 36)

A Igreja Adventista do Sétimo Dia considera este texto como sendo “inspirado”, ou seja, uma mensagem de Deus para o Seu povo, em qualquer tempo e lugar.

Com relação à “*unidade na diversidade*”, citada pelo articulista, é interessante notar que as pessoas que buscam advertir contra esses desvios, com base em claras revelações de princípios divinos e na lógica, são chamadas de extremistas e acusadas de causarem divisão entre os irmãos. Uma vez que a união é uma meta básica do cristianismo, esta é uma acusação grave.

Mas ela não deveria nos surpreender, já que Elias foi chamado de “perturbador de Israel” e tantos outros no decorrer da história – como, por exemplo, Lutero – foram acusados de buscar a divisão, quando seu objetivo era compreender e viver a vontade de Deus. Porém uma coisa estes homens tinham em comum: movia-lhes o senso de urgência em denunciar o erro, buscando verdadeiro avivamento e reforma entre o povo de Deus.

É claramente evidente que nunca foi o plano de Deus que a sua igreja fosse dividida em facções, que se acusam e se rotulam mutuamente. A união fraterna é a poética mensagem do Salmo 133. Porém, se vamos analisar a divisão que observamos nos dias atuais, Será necessário conhecer a fonte desta divisão.

O Apóstolo Paulo preocupava-se muito com este problema na igreja primitiva. Em I Coríntios 12: 12-31, ele faz uma prédica sobre este assunto, comparando a igreja a um corpo, onde todos os membros devem operar para o bem comum. Porém, este texto não esclarece a origem das divisões. O contexto maior são os dons do Espírito, no sentido de que os diversos dons dados pelo Espírito Santo servem, todos eles, para a edificação do corpo de Cristo.

Em um texto anterior, Paulo diz: “*Porque ainda sois carnis; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens?*” (I Coríntios 3:3). Este texto aponta a carnalidade e a mundanidade (“*segundo os homens*”) como causa e conseqüência (num ciclo vicioso, um processo auto-

alimentado e destrutivo) das divisões na igreja.

O mesmo apóstolo Paulo indica a fonte primária deste processo, numa linguagem profética:

“Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.” (II Timóteo 4:3)

Vemos, portanto, que esta divisão é proveniente de pessoas que vão atrás de seus próprios caminhos, seus próprios conceitos, professando buscar “novos rumos” para a igreja e recusando-se arrogantemente a seguir os princípios que historicamente nortearam o povo de Deus, citados poeticamente por Jeremias como “*as veredas antigas*”. É interessante notar que os dois textos de Jeremias que falam das “*veredas antigas*” tratam exatamente do assunto que estamos lidando aqui: distorções na adoração e doutrinas de homens:

“Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para as vossas almas; mas eles dizem: Não andaremos nele” (Jeremias 6:16).

“Contudo o meu povo se tem esquecido de mim, queimando incenso à vaidade, que os fez tropeçar nos seus caminhos, e nas veredas antigas, para que andassem por veredas afastadas, não aplainadas” (Jeremias 18:15).

O próprio apóstolo Paulo nos informa sobre como podemos remediar esta situação e chegar à tão almejada unidade, tanto em objetivos quanto em métodos. Ao analisarmos a cura por ele proposta, o primeiro ponto que vemos é que esta unidade demanda esforço pessoal:

“Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.” (Efésios 4:3 – NVI)

Vejamos a continuação do discurso de Paulo sobre a unidade:

“E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo.” (Efésios 4:11-13 – NVI)

O texto acima indica que a unidade plena, a unidade que nos capacitará a vivermos juntos por toda a eternidade, só chegará com a maturidade espiritual, que é conseguida paulatinamente, através da edificação do corpo de Cristo em todos os sentidos. É importante notar que esta edificação ocorre quando damos ouvidos aos “*pastores e mestres*” que, de maneira inspirada, têm conduzido a igreja por toda a sua história. Portanto, quando cada um busca a sua própria interpretação, utilizando de todos os sofismas e falácias para tentar

embasar suas convicções distorcidas pela carnalidade e mundanidade, este propósito não pode ser alcançado.

Devemos notar ainda que o apóstolo deixa muito claro qual é o real propósito desta “*unidade da fé*”:

“O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.” (Efésios 4:14 – NVI)

Cabe, então a pergunta: Qual é o sentido de “*unidade*” que importa para Deus? Unidade a qualquer custo? Aceitar sacrificar princípios para evitar conflitos e assim manter a suposta unidade? Ora, se as próprias Escrituras nos dizem que “*a amizade com o mundo é inimizade com Deus*” (Tiago 4:4), então uma “*unidade*” dentro destes pressupostos seria contrária ao princípio Bíblico. O texto abaixo, do livro *Primeiros Escritos*, nos ajuda a compreender qual é o sentido da unidade desejada por Deus:

*“Perguntei ao anjo se ninguém havia escapado. Ele me mandou olhar em direção oposta, e vi um pequeno grupo viajando por um caminho estreito. **Todos pareciam estar firmemente unidos, ligados pela verdade, em companhia ou grupo.** Disse o anjo: “O terceiro anjo está **unindo-os, ou selando-os em grupos para o celeiro celestial.**” Este pequeno grupo parecia atribulado, como se tivesse passado por duras provas e conflitos. E parecia assim como se o sol tivesse surgido por trás de uma nuvem, iluminando-lhes o rosto e dando-lhes um aspecto triunfante, como se sua vitória estivesse quase alcançada.”* (*Primeiros Escritos*, p. 85 – ênfase acrescentada)

Ressaltamos aqui o motivo desta união abençoada: “*Unidos, ligados pela verdade*”. Qualquer união estabelecida por algum outro motivo diverso acaba por tornar o grupo assim reunido em algo que se assemelha a um clube esportivo, ou partido político: não se tem nenhum benefício espiritual.

O que nos falta é o poder do alto. Precisamos mais fé e mais comunhão pessoal, o que permitirá o derramamento do Espírito Santo abundantemente sobre a igreja. Como resultado, sermos mais abertos e receptivos à voz de Deus, o que nos capacitará para recusar e desmascarar a operação do engano e do erro. Reconhecemos a ação de Deus em nossas vidas e assim, a alegria do céu brotará em nossos corações; cantaremos os hinos do hinário com mais vigor, seremos um povo feliz – mas não barulhento; seremos um povo militante; andaremos com Deus como Enoque, em simplicidade e obediência.

Já vimos, em textos anteriormente citados, que Ellen G. White descreve a música executada no Céu pelos anjos e que será executada pelos salvos na nova terra como sendo perfeita, com harmonia, melodia, clara e suave. Ela diz ainda que precisamos aprender aqui na terra a louvar a Deus com esta música. Vejamos os textos abaixo:

“Caso estejamos realmente viajando para lá, o espírito do Céu habitará em nosso coração aqui. Mas, se não encontrarmos prazer agora na contemplação das coisas celestiais; se não temos qualquer interesse em buscar o conhecimento de Deus, deleite algum em deter os olhos no caráter de Cristo; se a santidade não exerce a menor atração sobre nós – podemos estar certos de que é vã nossa esperança do Céu.” (Visões do Céu, p. 64)

“Ao guiar-nos nosso Redentor ao limiar do Infinito, resplandecente com a glória de Deus, podemos apreender o assunto dos louvores e ações de graças do coro celestial em redor do trono; e despertando-se o eco do cântico dos anjos em nossos lares terrestres, os corações serão levados para mais perto dos cantores celestiais. A comunhão do Céu começa na Terra. Aqui aprendemos a nota tônica de seu louvor.” (Educação, pp. 161-168)

Que esta pátria incorruptível seja o nosso objetivo e foco, até o momento em que seremos transformados plenamente, à perfeição de Cristo. *“...e assim estaremos sempre com o Senhor.”* (I Tessalonicenses 4:17)

Referências Originais:

[i] O chamado Movimento da Santidade (Holiness Movement) que surgiu entre os Evangélicos nos Estados Unidos em meados de 1840 fez incursões no Adventismo desde os seus primórdios. Um de seus instrumentos de propagação eram os cultos do Exército da Salvação. A Carne Santa era apenas mais uma dessas várias tendências perfeccionistas e carismáticas do Adventismo. Veja White Estate: Theological Crises <http://www.whiteestate.org/>.

[ii] Mensagens Escolhidas, vol. 2 p. 31.

[iii] Arthur L. White, The Early Elmshaven Years (Review and Herald Pub. Assn. 1981), vol. 5, p. 102.

[iv] Essas manifestações não eram novas e seu ressurgimento apresentavam um perigo de que o Adventismo se tornasse um movimento carismático. Ainda na época do desapontamento de 1844, Ellen White também presenciou um culto estranho e caótico onde instrumentos também eram mal utilizados. Veja Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 34, no original inglês: “One could not tell what was piped or what was harped” (I Cor. 14:7), uma possível alusão a instrumentos traduzido na versão em português como: “Não se podia distinguir uma coisa da outra.”

[v] Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 36. É recomendável a leitura do livro Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 31-39 para melhor entendimento deste estudo. Ele poder ser lido aqui <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=28&p=31>

[vi] Ibid., vol. 1, p. 57.

[vii] George Knight. Reading Ellen White (Review and Herald) 1997.

[viii] Pensar que Ellen White, com 73 anos de idade viajou por semanas de navio, trem e carroça apenas para combater a percussão na música adventista é um barateamento infeliz de seu ministério.

[ix] Arthur L. White, The Early Elmshaven Years (Review and Herald Pub. Assn. 1981), vol. 5, p. 100.

[x] Manuscript Releases, vol. 21, p. 238. Em inglês “shouting” descreve brados em louvor a Deus, como um “Aleluia!” ou “Glória a Deus!” O uso do termo vem do Salmo 98:4: “Shout to the Lord!”. Essa prática adventista primitiva foi discutida no artigo [“Glory! Glory! Glory! When Adventists shouted for joy”](#) por Ron Graybill. Adventist Review 164:40 (1 de Outubro de 1987), p. 12–13.

[xi] Evangelismo, p. 150.

[xii] Patriarcas e Profetas, p. 705. Címbalos eram instrumentos de percussão usados no Templo e na adoração israelita e que foram incluídos na bateria com o nome de “pratos”.

[xiii] O Lar Adventista, p. 408.

[xiv] Patriarcas e Profetas, p. 707.

[xv] Arthur L. White, *The Early Elmshaven Years* (Review and Herald Pub. Assn. 1981), vol. 5, p. 104.

[xvi] *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 36.

[xvii] *Ibid.*, p. 37, 38.

[xviii] *Evangelismo*, p. 150;

[xix] *Review and Herald*, 20/01/1853, p. 140.

[xx] Talvez a coisa mais próxima desse “trovão” seja o furor de milhares de vozes de um estádio de esportes quando se faz um ponto: o som é ensurdecedor, todo-envolvente, irresistível. A volta de Jesus também será acompanhada pelo fortíssimo brado de um arcanjo (1 Tess. 4:1).

[xxi] Ainda usando a analogia do estádio de esportes, por que nós adventistas não vemos problema em gritar “Gol!” a todos os pulmões quando nosso time marca um, mas nos escandalizamos com um “Aleluia!” ou “Glória a Deus!” na Igreja? É necessário um estudo mais profundo sobre o “gritar em adoração” à luz da Bíblia e da história da Igreja Adventista.

[xxii] *The Voice in Speech and Song*, p. 424. Ela não reprova todos os movimentos indiscriminadamente tais como gestos suaves e que ressaltem as palavras e sim os movimentos bruscos e estranhos dos músicos e pastores. Paulo recomenda levantar as mãos nas reuniões cristãs (1 Timóteo 2:8) e Davi cantava o Salmo 28 levantando as mãos a Deus (Salmo 28:2).

[xxiii] Site oficial do Ellen White Estate: <http://www.whiteestate.org/>.

[xxiv] *The Youth's Instructor*, 22 de dezembro de 1886.

[xxv] *The Review and Herald*, 1 de Junho de 1897; 22 de Junho de 1882; Patriarcas e Profetas, p. 610, 704. Veja 2 Samuel 6; 1 Sam. 10:10; Êxodo 15:20.

[xxvi] Arthur Patrick. *Early Adventist Worship, Ellen White and the Holy Spirit: Preliminary Historical Perspectives*. <http://www.sdanet.org/atissue/discern/flesh.htm>

[xxvii] *Historical Dictionary of Seventh-day Adventists*, p. 205.

[xxviii] *Historical Sketches of the Foreign Missions*, p. 195.

[xxix] *Evangelismo*, p. 507.

[xxx] *Testimonies*, vol. 6, p. 62.

[xxxi] *Ibid.*, pp. 150, 503.

[xxxii] Tentar desqualificar a bateria porque é usada na música rock ignora o fato de que o piano e o órgão são instrumentos centrais na música rock, jazz e country, entretanto não parece haver a mesma preocupação em se retirar esses instrumentos da música adventista.

[xxxiii] Isaías 5:11-12: “Ai dos que se levantam cedo para correrem atrás da bebida forte e continuam até a noite, até que o vinho os esquente! Têm harpas e alaúdes, tamborins e pífaros, e vinho nos seus banquetes; porém não olham para a obra do Senhor”. As harpas que eram usadas no Templo estavam também nas festas seculares que incluíam também a prostituição. Portanto, esses instrumentos não são necessariamente “sacros” e nem maus por natureza.

[xxxiv] Ed Christian, *Make a Joyful Noise: A Sensible Look at Christian Music*, p. 75-76. Se formos traçar paralelos entre a Igreja e Templo, precisamos ser consistentes. A Igreja precisa ter somente homens oficiando, ela precisa ser dividida em dois compartimentos, a congregação não entra nela e precisa haver sacrifícios de animais. Não posso escolher o que é modelo por conveniência. Por essa razão, o Templo em seus rituais é paralelo somente com o Santuário no céu (Heb. 9) e não da Igreja, porque os dois têm funções diferentes. O que ocorre na Igreja é mais próximo ao que acontecia nas reuniões da Igreja primitiva, onde a palavra era pregada e havia hinos e canções espirituais, levantar de mãos por toda a congregação e convívio social. (Col. 3:16; Efé. 5:19, 20). Se insistirmos no paralelo, então usemos somente os instrumentos listados em 1 Crônicas e a música deve ser mais próxima do estilo judaico, de preferência em hebraico!

[xxxv] *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 36.

[xxxvi] Gênesis 31:27; 1 Samuel 10:5-6; Jó 17:6, 21:11-14; Salmo 81:2; Isaías 24:8; Jeremias 31:4; Ezequiel 28:13. (Certas traduções da Bíblia mencionam o tamborim como fazendo parte do caráter musical de Lúcifer em seu estado não caído em Ezequiel 28:13). Parte do argumento pela proibição da percussão é a tentativa de traçar uma distinção entre a adoração que ocorria nas festividades e a adoração no Templo. Essa dicotomia artificial ignora o fato de que Deus aceitava tanto a adoração no Templo como as festas onde se celebrava os atos divinos com tambores, pandeiros, címbalos e dança.

[xxxvii] “Vi que havia grande necessidade de mais energia nas reuniões dos que guardam os mandamentos.” EGW Manuscript 3, 1853 (Manuscript Releases vol 5, p. 424). Em 1845, Ellen White assistiu a um culto onde a adoração foi tão vibrante e o volume tão alto que chamaram a polícia para prender o líder do grupo, Israel Damman. Ellen White, porém, que estava presente, falou que o poder de Deus estava lá. (*Spiritual Gifts*, vol. 2, p. 40). Tiago White cantava batendo o ritmo dos hinos na sua

Bíblia (William A Spicer, *Pioneer Days of the Adventist Movement*, p. 147). Veja também *Evangelismo*, p. 507, *Patriarcas e Profetas*, p. 523.

[xxxviii] Bacchiocchi em seu livro *O Cristão e a Música Rock* (p. 223) rejeita o uso de instrumentos de percussão dos Salmos 149-150 porque os considera não-literais. Essa interpretação não é aceita por comentaristas do livro de Salmos, nem mesmo Ellen White. Se os tamborins e a dança não são literais, então todos os outros precisam ser figurativos também e ficaríamos sem música na adoração.

[xxxix] Condenar algo que a Bíblia aprova, i.e., percussão no louvor, é cair num dos “ais” de Isaías: “Aí dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que põem as trevas por luz, e a luz por trevas, e o amargo por doce, e o doce por amargo!” (Isa. 5:20).

[xl] *Testimonies*, vol. 9, p. 144.

[xli] *Ibid.*, vol. 6, p. 116.

[xlii] *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 37, 38.

[xliii] *The Seventh-day Adventist Hymn and Tune Book for Use in Divine Worship*. (Review and Herald, 1893).

[xliv] *Garden of Spices: A Choice Collection for Revival Meetings, Missionary Meetings, Rescue Work, Church and Sunday Schools*. (Indianapolis: Grace Pub Co.) 1900.

[xlv] Note que essa tática era comum na igreja Adventista desde os primórdios. Urias Smith e outros pioneiros adaptaram várias canções populares com letra sacra para o hinário adventista da época. James Nix explora bem essa questão em *Early Advent Singing* (Review And Herald, 1994) p. 119. Dois exemplos são a melodia de Stephen Foster de 1851, “Way Down Upon the Suwanee River” que tornou-se “Da Linda Pátria Estou Mui Longe” e a canção romântica “Bonny Eloise”, “Quão Doces São as Novas”. No Hinário Adventista, dois exemplos: “Oh, Fronte Ensangüentada” vem de “Mein G’muth ist mir verwirret”, canção romântica do século 18 usada por Bach com letra sacra; e “Há Um País”, melodia popular irlandesa “Londonderry Air” ou “O Danny Boy”. Obviamente isso não é licença para se usar qualquer estilo de melodia popular com letra sacra, pois isso estaria caindo num extremo de interpretação que Ellen White evitava a todo custo.

[xlvi] Outros argumentos citam a resposta de plantas à música rock, a percussão sendo usada em rituais satânicos ou a influência do ritmo em alterar batimentos cardíacos, entre muitos outros. Mas plantas não são gente e os batimentos cardíacos se alteram constantemente durante o dia quando levantamos, sentamos, corremos, dormimos, e até mesmo quando ouvimos música clássica. Condenar a percussão porque é usada em rituais satânicos, xamânicos etc., é equivalente a condenar o uso da TV para evangelismo porque ela é usada secularmente para promover a violência e a pornografia. Afinal, ninguém está usando a percussão na música cristã para promover possessões demoníacas ou rituais satânicos. Também problemático é o repúdio do estilo de vida de roqueiros e músicos seculares para demonizar a bateria e percussão. O fato é que, com poucas exceções, os compositores da música erudita dos séculos 17-20, que é tida como única aceitável na adoração hoje por muitos, tiveram vida desregrada, espiritualística e promíscua também. Parece que há grande necessidade de repensar as implicações dos argumentos usados contra a percussão.

[xlvii] Ellen White relata ter ouvido “a mais linda música instrumental” numa praça pública na Suíça (Manuscrito 33, 1886) mas não temos detalhes específicos de que música era. Por ser uma reunião social pública, a música era possivelmente alguma valsa vienense popular no período ou outra música celebrativa de Mozart ou Haydn. Seguramente não era música sacra, era música secular. Em outra ocasião ela menciona ter ouvido linda música vocal (Carta 8, 1876). Note que nesses relatos, ela não procura traçar nenhum paralelo entre a música secular erudita com a música sacra, embora essa fosse uma ótima oportunidade para que ela delineasse similaridades desejáveis de ambas.

[xlviii] *Patriarcas e Profetas*, p. 591; *Evangelismo*, p. 505-8, 512; *Educação*, p. 39; *Manuscript Releases* vol 5, p. 424.

[xlix] *Evangelismo*, p. 510, 512. Ela preferia não incluir músicos profissionais que aparentemente ofereceriam música de “alta qualidade” no culto mas que não estivessem imbuídos do espírito da adoração. Essa regra não é inflexível, pois ela dispôs de músicos não-adventistas também.

[l] *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 57.

[li] *Ibid.*, p. 36-37.

[lii] Arthur L. White, *The Early Elmshaven Years* (Review and Herald Pub. Assn. 1981), vol. 5, p. 104.

[liiii] *Testimonies*, vol. 1, p. 232. O fanatismo em Wisconsin tinha elementos semelhantes ao da Carne Santa onde havia balbúrdia e confusão. Ainda na época do desapontamento de 1844, Ellen White também presenciou um culto estranho e caótico. Veja *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 34.

[liv] *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 36, 34.

[lv] Review and Herald, 30/04/1901, p. 10

[lvi] Em maio de 1856, Ellen White profetizou que alguns em sua audiência seriam “comida de vermes” e outros passariam pelas sete pragas e outros ainda seriam trasladados na segunda vinda de Jesus. Obviamente, isso era uma profecia condicional. Veja Testimonies for the Church, vol. 1, pp. 131-132.

[lvii] Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 35.

[lviii] Manuscript Releases, p. 34.

[lix] Maranata, p. 30.

[lx] The Paulson Collection, p. 11.

[lxi] Pamphlet 151.

[lxii] Letters to Sanitarium Workers in Southern California (1905), p. 22.

[lxiii] Eventos Finais, p. 173.

[lxiv] Manuscript Releases, vol. 1, p. 47.

[lxv] Review and Herald, 5 de Dezembro de 1907.

[lxvi] Eventos Finais, p. 72

[lxvii] The Ellen White 1888 Materials, p. 1491.

[lxviii] Eventos Finais, p. 134.

[lix] Veja Evangelismo, p. 594, 600.

[lxx] Um ponto importante no entendimento de Ellen White sobre a adoração é que a mera ausência de “balbúrdia e ruído” ou êxtase não implica necessariamente em um culto verdadeiro. O culto da Igreja Católica Apostólica Romana, que por 1260 anos na Idade Média lançou por terra as verdades da Bíblia, utilizava apenas o melhor da música da época, o Canto Gregoriano e não apresentava nenhum desses elementos da Carne Santa, muito menos a percussão. No entanto sobre a música do culto católico, ela diz: “A música é excelente. As belas e graves notas do órgão, misturando-se à melodia de muitas vozes a ressoarem pelas elevadas abóbadas e naves ornamentadas de colunas, das grandiosas catedrais, não podem deixar de impressionar a mente com profundo respeito e reverência. Este esplendor, pompa e cerimônias exteriores, que apenas zombam dos anelos da alma ferida pelo pecado, são evidência da corrupção interna. ... O fulgor do estilo não é necessariamente índice de pensamento puro, elevado. Altas concepções de arte, delicado apuro de gosto, existem amiúde em espíritos que são terrenos e sensuais. São freqüentemente empregados por Satanás a fim de levar homens a esquecer-se das necessidades da alma, a perder de vista o futuro e a vida imortal, a desviar-se do infinito Auxiliador e a viver para este mundo unicamente.” O Grande Conflito, p. 566-567.

[lxxii] Lake Union Herald, 1915, 14 de Abril 1915, p. 8.

[lxxiii] Ibid, 1931, vol. 23, n. 43, p. 2.

[lxxiv] Columbia Union Visitor, 29 de novembro de 1934, p. 6.

[lxxv] Lake Union Herald, 22 de setembro de 1953, p. 1.

[lxxvi] Review and Herald, 21 de Junho de 1966, p. 3-4.

[lxxvii] Review and Herald, julho de 1970, p. 21.

[lxxviii] Ministry, julho de 1974, p. 21.

[lxxix] Embora haja uma advertência quanto a contextualizar a passagem na p. 159 do Eventos Finais, a citação é usada de maneira universal para a igreja.

[lxxx] Knight explora várias dessas descontextualizações de Ellen White que levam a interpretações extremas. George Knight. Reading Ellen White. (Review and Herald). 1997

[lxxxi] Testemunhos para Ministros, p. 227-228.

[lxxxii] Fundamentos da Educação Cristã, p. 378.

[lxxxiii] Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 43.

[lxxxiv] Conselhos Sobre o Regime Alimentar, p. 202.

[lxxxv] Veja Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 176.

[lxxxvi] Review and Herald, março de 1868, citado em Reading Ellen White (George Knight), p. 73.

[lxxxvii] George Knight. Reading Ellen White, pp. 74.

[lxxxviii] O uso da bateria requer o mesmo critério aplicado ao piano, por exemplo, quando é parte de uma orquestra ou banda no que se refere à equalização, natureza da música sendo tocada, se suave ou exultante, clímax e relaxamento da música, entre outros aspectos a serem explorados pelo ministro de música juntamente com sua equipe.

[lxxxix] Afinal, a música que muitos consideram como a única aceitável na adoração hoje, um dia foi contemporânea também!

[xc] Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream (2nd ed.). [Bloomington](#),

[Indiana](#): Indiana University Press. 2006. pp. 221.

[\[xci\]](#) Sobre o “mal do culto formal”, veja Evangelismo, p. 507; Patriarcas e Profetas, p. 523; Review and Herald, 1 de Junho, 1886; EGW Manuscript 3, 1853; Testimonies, vol. 9, pp. 143-144.

[\[xcii\]](#) Arthur Patrick, Later Adventist Worship, Ellen White and the Holy Spirit: Further Historical Perspectives. Publicado na revista At Issue online: <http://www.sdanet.org/atissue/discern/flesh.htm>.

[\[xciii\]](#) http://letstalk.adventist.org/q_a/pop_culture_society/entertainment_music.html

[\[xciv\]](#) <http://news.adventist.org/2005/09/worl-church-youth-wome-eee-i-church-life-miistry-pause-says.html>

[\[xcv\]](#) J. David Newman, Is Ellen White Opposed to Contemporary Music? p. 5. (Online no site <http://www.lookingforachurch.org/>). O papel das emoções no culto Adventista precisa ser novamente explorado na visão de Ellen White para que o repúdio dessas não leve ao culto formal e sem vida que ela chamou de “um mal”, ou que uma ênfase em sua preeminência crie o canteiro onde tendências carismáticas tomem raízes.

[\[xcvi\]](#) Veja Testimonies, vol. 9, pp. 143-144; The Voice in Speech and Song, p. 292.

[\[xcvii\]](#) 1 Coríntios 12:6. Veja Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 21-22.

Referências e Links da Resposta

Para maior clareza e compreensão durante a leitura, optamos por indicar todas as referências e notas bibliográficas diretamente no texto, logo após cada citação.

Porém, compreendendo que em algumas mídias os links fornecidos em alguns casos não estariam disponíveis (por exemplo, na mídia impressa ou em texto puro), estamos fornecendo aqui os endereços para pesquisa on-line.

Ocasionalmente, este espaço será utilizado para detalhes acerca do material de consulta utilizado.

(01) – Música Sacra e Adoração em <http://www.musicaeadoracao.com.br/>

(02) – Ellen G. White – *Mensagens Escolhidas*, v. 2, cap. 3, pp. 31 a 39 em http://www.musicaeadoracao.com.br/egw/me_v2_3.htm

(03) – Diário da Profecia em <http://diariodaprofecia.blogspot.com/>

(04) – Diário da Profecia – “Ellen White era contra a bateria na música sacra?” em <http://diariodaprofecia.blogspot.com/2009/05/ellen-white-era-contra-bateria-na.html>

(05) - Ellen G. White Estate – “*The Complete Published Ellen G. White® Writings*” em [http://egwdatabase.whiteestate.org/nxt/gateway.dll?f=templates\\$fn=default.htm\\$vid=default](http://egwdatabase.whiteestate.org/nxt/gateway.dll?f=templates$fn=default.htm$vid=default)

(06) – Samuele, Bacchiocchi – “*O Cristão e a Música Rock – Um Estudo dos Princípios Bíblicos de Música*” em <http://www.musicaeadoracao.com.br/livros/rock/index.htm>

(07) – Prof. Vanderlei Dorneles – “A Bateria à Luz da Antropologia e da Bíblia” em http://www.musicaeadoracao.com.br/artigos/meio/bateria_biblia.htm

(08) – Wikipédia – “Bateria (instrumento musical)” em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bateria_\(instrumento_musical\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bateria_(instrumento_musical)) – (consultado em 31/01/2011)

(09) - Foram consultados os seguintes dicionários: The Living Webster Encyclopedic Dictionary (cópia impressa) e os dicionários virtuais www.dictionary.com e www.lookwayup.com

(10) – Ellen G. White – “Testemunho a um Sensível Regente de Coro” em http://www.musicaeadoracao.com.br/egw/testemunho_regente.htm

(11) Sobre o desenvolvimento histórico de algumas doutrinas, ver as seguintes publicações:

Sobre o Sábado:

- Froom, Le Roy Edwin – "*The Prophetic Faith of our Fathers*", vol. IV, pp. 920-936 e 941
- Dick, Everett – "*Fundadores da Mensagem*", p. 16
- Oliveira, Enoch de – "*A Mão de Deus ao Leme*", pp. 48-52

Sobre a Reforma de Saúde:

- Oliveira, Enoch de – "*A Mão de Deus ao Leme*", pp. 71-72

(12) – Pr. Valdeci Júnior – "*A Diferença Entre Louvor e Adoração*" em <http://www.musicaeadoracao.com.br/artigos/adoracao/diferenca.htm>

(13) – Citado em:

- Robinson, Ella May – "*S. N. Haskell – A Man of Action*" (Teach Services, Inc., 2004), p. 168
- Collins, Norma J. – "*Heartwarming Stories of Adventist Pioneers*" (Review and Herald Publishing Association, Hagerstown, MD, EUA – 2007), p. 109

(14) – Harold B. Hannum – "Existe Música Sacra?" em http://www.musicaeadoracao.com.br/debate/existe_musica_sacra.htm

(15) – Wolfgang Hans Martin Stefani, Ph.D. – "*Música: Moralmente Neutra?*" em http://www.musicaeadoracao.com.br/entrevistas/wolfgang_stefani.htm

(16) – Carlyle Manous – "*Os Cristãos e a Música - Parte 2 - Música de Adoração*" em http://www.musicaeadoracao.com.br/artigos/adorador/cristaos_musica_2.htm

(17) – Música Sacra e Adoração – "Efeitos da Música Sobre o Corpo e a Mente" em <http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/index.htm>

(18) – Pr. Jorge Mário de Oliveira – "A Música na Escatologia de Ellen White" em http://www.musicaeadoracao.com.br/egw/musica_escatologia.htm

(19) – Pr. Douglas Reis – "*A Canção e a Vida: A Coerência Necessária Entre o Uso da Música e uma Vida Autenticamente Cristã*" em http://www.musicaeadoracao.com.br/crescimento/cancao_vida.htm

(20) – Dario Pires Araújo – "*Música, Adventismo e Eternidade*" em http://www.musicaeadoracao.com.br/livros/mus_adv_etern/mus_adv_etern1.htm

(21) – Elias Tavares e Levi de Paula Tavares – "*O Papel da Música na Adoração*" em http://www.musicaeadoracao.com.br/artigos/meio/papel_musica.htm

(22) – Pr. Ted Wilson – "Marche" (Sermão Pregado na 59ª Conferência Geral) em <http://www.amissao.com/2010/07/marche-sermao-do-pr-ted-wilson.html>

(23) – André Reis – "*Reflexões Sobre o Sermão de Ted Wilson*" em <http://pregoeirodajustica.blogspot.com/2010/07/reflexoes-sobre-o-sermao-de-ted-wilson.html>

(24) – Online Document Archives em <http://www.adventistarchives.org/DocArchives.asp>

(25) – Conferência Geral – "*Filosofia Adventista de Música*" – 1972 em <http://www.musicaeadoracao.com.br/documentos/filosofia.htm>

(26) – Música Sacra e Adoração – "Música Rock e seu Impacto na Vida Cristã" em <http://www.musicaeadoracao.com.br/musicarock/index.htm>

Apêndice

A fim de compreender a posição da Sra. Ellen G. White acerca da condicionalidade das profecias, foi realizada em 06 de janeiro de 2011 uma pesquisa no acervo completo nos escritos publicados de Ellen G. White, através do site do White State americano, sendo que a consulta pode ser repetida por qualquer interessado, através do endereço e instruções descritas abaixo.

Para a finalidade que nos importa nesta réplica, destacamos os seguintes tópicos:

1. Quando Deus prometeu prosperidade ao povo de Israel, esta promessa era condicional à sua obediência (ver itens nrs. 5, 9 e 19).
2. A bênção do acesso à árvore da vida no Éden também era condicional à obediência do ser humano (ver itens nrs. 12 e 25).
3. As bênçãos derramadas sobre Seu povo hoje também são condicionais (ver itens nrs. 3, 4 e 23).
4. A promessa de que seremos, de forma pessoal, justificados e recebidos por Deus em Seu reino é condicional (ver itens nrs. 18, 20, 22, 26 e 29)
5. A brevidade de Sua volta é condicional (ver itens nrs. 1, 2, 15, 16 e 24), porém nunca a sua certeza!

A pesquisa foi propositalmente ampla, utilizando apenas uma palavra (“*conditional*”, ou seja, “condicional”) como parâmetro, a fim de trazer o maior número de resultados possível, permitindo uma visão geral do assunto nos escritos de Ellen G. White. Por este motivo, além dos itens utilizados no texto da réplica acima, a lista nos apresenta outros resultados não relacionados com este tema, mas que são explicados a seguir em benefício dos que tem alguma dificuldade com o idioma inglês:

- Perigo das promessas condicionais de casamento (itens nrs. 7, 8, 10, 11, 13 e 27)
- Crença condicionada a milagres (item nr. 6)
- Preservação da vida de uma tripulação condicionada à fidelidade ao dever (item nr. 14)
- Resposta condicionada a outra resposta (item nr. 17)
- Alguém que ensinava a imortalidade condicional (item nr. 21)
- Uma promessa condicional feita por Ellen White (item nr. 28)
- Pedido por cura (in?) condicional (item nr. 30)

A lista abaixo apresenta, na primeira linha de cada resultado:

- O número do item
- A porcentagem de relevância (*Score*) para o termo pesquisado
- O livro ou periódico e o ano da publicação
- O número e o título do capítulo onde foi encontrada a palavra chave

Em seguida, é apresentado um pequeno trecho que contém a palavra pesquisada. O número da página e o parágrafo podem ser encontrados nos textos, entre chaves, precedidos das iniciais da publicação em questão.

Instruções para a pesquisa:

Ao entrar na página do Ellen G. White State (<http://egwdatabase.whiteestate.org/>), clique no link “*Ellen G. White's Complete Published Writings*” e em seguida no botão “*Full Text Search*”. Utilizamos como parâmetro de pesquisa a palavra “*conditional*” e selecionamos a opção “*Long*” no campo “*Show document excerpts in the results list*”. Esta pesquisa trouxe 30 resultados, os quais estão listados abaixo, da forma como foram apresentados. Para maior clareza, colocamos em negrito o termo pesquisado. Exceto por esta alteração, a lista de resultados não foi editada de qualquer maneira.

=====

1. 44% BOOKS/Mar - Maranatha (1976)/Chap. 53 - Why Christ Delays His Coming

but better, far better, break the engagement before marriage than separate afterward, as many do. {MYP 449. 4} Treatment of Mother an Index True ...

11. 30% PERIODICALS/RH - The Review and Herald/January 26, 1886 Courtship and Marriage. - By Mrs. Ellen G. White. -
...upon yourself the marriage vow, and link yourself for life to one whom you cannot love and respect. Be very careful how you enter into **conditional** engagements; but better, far better, break the engagement before marriage than separate afterward, as many do. {RH, January 26, 1886 par. 11}
True love is ...

12. 29% BOOKS/Ed - Education (1903)/Chap. 35 - The School of the Hereafter
...of life, which is in the midst of the Paradise of God." Revelation 2:7. The giving of the tree of life in Eden was **conditional**, and it was finally withdrawn. But the gifts of the future life are absolute and eternal. {Ed 302. 1} The prophet beholds the "river of ...

13. 28% BOOKS/LYL - Letters to Young Lovers (1983)/Section Five - In Control
...upon yourself the marriage vow and link yourself for life to one whom you cannot love and respect. Be very careful how you enter into **conditional** engagements; but better, far better, break the engagement before marriage than separate afterward, as many do. {LYL 52. 1} MARY ANNE SEEMS SELF-CENTERED AND ...

14. 28% BOOKS/LP - Sketches from the Life of Paul (1883)/Chapter XXIV. - The Voyage and Shipwreck.
...apostle's faith in God did not waver; he had no doubt concerning his own preservation, but the promise of safety to the crew had been **conditional** upon their performance of duty. The soldiers, on hearing Paul's words, immediately cut off the ropes of the boat, letting her fall off into the ...

15. 25% BOOKS/COL - Christ's Object Lessons (1900)/Chap. 28 - The Reward of Grace
...with satisfaction of what he and his brethren had given up for Christ. "Behold," he said, "we have forsaken all, and followed Thee." Remembering the **conditional** promise to the young ruler, "Thou shalt have treasure in heaven," he now asked what he and his companions were to receive as a reward ...

16. 25% BIOGRAPHICAL BOOKS/1BIO - Ellen G. White: The Early Years Volume 1 - 1827-1862, By Arthur L. White (1985)/Chap. 22 - (1856) Soul-shaking Experiences for the Ministers and Laity
...were those at the conference who would live to see Jesus come. At this distance this portion of the vision must be understood in the **conditional** nature of God's promises, and the forbearance of God that man shall be saved. There are examples of such in the Word of God, one

17. 24% BOOKS/DA - The Desire of Ages (1898)/Chap. 65 - The Temple Cleansed Again
...an assertion they intended to deny. But Jesus met them with a question apparently pertaining to another subject, and He made His reply to them **conditional** on their answering this question. "The baptism of John," He said, "whence was it? from heaven, or of men?" {DA 593. 3} The priests saw ...

18. 24% BOOKS/Ev - Evangelism (1946)/Chap. 20 - The Message Triumphant
...we hoped. But has the Word of the Lord failed? Never! It should be remembered that the promises and the threatenings of God are alike **conditional**. {Ev 695. 1} God had committed to His people a work to be accomplished on earth. The third angel's message was to be given, the

19. 24% BOOKS/PK - Prophets and Kings (1917)/Chap. 59 - "The House of Israel"
...people He said, "Behold, . . . I will be their God, in truth and in righteousness." Zechariah 8:3, 7, 8. {PK 703. 2} These promises were **conditional** on obedience. The sins that had characterized the Israelites prior to the captivity, were not to be repeated. "Execute true judgment," the Lord exhorted those ...

20. 24% BOOKS/1T - Testimonies For The Church Volume One (1855-1868)/Chap. 59 - Power of Example
...They leave behind them the things of this world. They fulfill the command: Come out from among them, and be ye separate." Here is the **conditional** promise: "I will receive you." From the beginning, Christ has chosen His people out of world and required them to be separate, having no fellowship ...

21. 24% BIOGRAPHICAL BOOKS/EGWE - Ellen G. White in Europe 1885-1887, By D. A. Delafield (1975)/Chap. 14 - The First Visit to Italy
 ...of the World's Crisis , during the years 1856-1876. At one point Seventh-day Adventists had sponsored some meetings of his in California since he taught **conditional** immortality and had similar prophetic views, but the arrangement did not work out, and Grant became an active opposer of Seventh-day Adventists and particularly ...
22. 24% PERIODICALS/RH - The Review and Herald/June 25, 1861 Power of Example. -
 ...They leave behind them the things of this world. They fulfill the command, "Come out from among them and be ye separate." Here is the **conditional** promise, "I will receive you." Christ from the beginning has chosen his people out of the world, and required them to be separate, having no ...
23. 24% MISCELLANEOUS COLLECTIONS/2SAT - Sermons and Talks Volume Two (1994)/Chap. 27 - Lessons From the First Chapter of Second Peter Manuscript 77, 1902
 ...depending upon everyone to do his best. To every man and to every woman He has given a work. {2SAT 195. 4} God's promises are **conditional** . In order to make it possible for Him to bless us, we must do our part. We cannot expect that all His blessings will come ...
24. 22% BOOKS/1SM - Selected Messages Book 1 (1958)/Chap. 5 - An Explanation of Early Statements -
 ...as we hoped. But has the word of the Lord failed? Never! It should be remembered that the promises and threatenings of God are alike **conditional** . {1SM 67. 8} God had committed to His people a work to be accomplished on earth. The third angel's message was to be given, the
25. 18% BOOKS/FLB - The Faith I Live By (1958)/Chap. 12 - The Triumph of the Gospel
 ...prepared as a bride adorned for her husband." Rev. 21:1, 2. . . . {FLB 360. 4} The giving of the tree of life in Eden was **conditional** , and it was finally withdrawn. But the gifts of the future life are absolute and eternal. . . . {FLB 360. 5} Restored to His presence, man will ...
26. 18% BOOKS/4bSG - Spiritual Gifts Volume 4b (1864)/Number Seven. - Great Distress Coming, and God's People Not Prepared For It
 ...They leave behind them the things of this world. They fulfill the command, "Come out from among them and be ye separate." Here is the **conditional** promise. "I will receive you." Christ from the beginning has chosen his people out of the world, and required them to be separate, having no ...
27. 17% PAMPHLETS/PH048 - Living by Principle (1898)
 ...upon yourself the marriage vow, and link yourself for life to one whom you cannot love and respect. Be very careful how you enter into **conditional** engagements; but better, far better, break the engagement before marriage than separate afterward, as many do. {PH048 24. 3} True love is a plant that ...
28. 14% MANUSCRIPT RELEASES/MR1033 - Manuscript Release No 1033: The Salamanca Vision and the 1890 Diary (1983)
 ...me how much good the words spoken had done them and beg me to come and stay with them a few weeks. I made a **conditional** promise and had to tear myself away, for the carriage was at the door to take me immediately to the cars which left at ten ...
29. 11% MANUSCRIPT RELEASES/MR926 - Manuscript Release No. 926: The Fannie Bolton Story (1982)
 ...confidence in God. The righteousness of the unfallen beings of the eternal world, and of the inhabitants of this world fallen because of sin, is **conditional** upon their faithful obedience to the law of God, which is holy, just, and good. All created beings must derive their life from God. Not ...
30. 5% MISCELLANEOUS COLLECTIONS/SpM - Spalding and Magan Collection (1985)

...earnestness and faith, as the Spirit of God may move upon you. {SpM 6. 1} But it is not always safe to ask for (un?) **conditional** healing. Let your prayer include this thought, "Lord, Thou knowest every secret of the soul. Thou art acquainted with these persons, for Jesus their advocate ...